

The book cover is a solid red color. It features a large, faint, double-lined triangle in the upper half, pointing downwards. In the lower-left corner, there is a smaller, similar double-lined triangle, also pointing downwards. A horizontal orange-yellow band is positioned across the middle of the cover, containing the title in white capital letters. The author's name is printed in white below the band. At the bottom center, the publisher's name is written in white. A small white rectangular label is visible on the left edge of the cover.

BRUXARIA, ORÁCULOS E MAGIA ENTRE OS AZANDE

E.E. Evans-Pritchard

Jorge ZAHAR Editor

E.E. Evans-Pritchard

Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande

Edição resumida e introdução:
Eva Gillies

Tradução:
Eduardo Viveiros de Castro

Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

BSCSH / UFRGS

Título original:
Witchcraft, Oracles and Magic among the Azande

Tradução autorizada da edição inglesa publicada em 1976
por Oxford University Press, de Londres, Inglaterra

Witchcraft, Oracles and Magic among the Azande,
abridged with an introduction by Eva Gillies, was originally published in English in 1976.
This translation is published by arrangement with Oxford University Press

Copyright © 1976, Oxford University Press

Copyright da edição brasileira © 2005:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2240-0226 / fax: (21) 2262-5123
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Joana Leal

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Evans-Pritchard, E.E. (Edward Evan), 1902-1973
E93b Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande / E.E. Evans-Pritchard;
edição resumida e introdução, Eva Gillies; tradução Eduardo Vivei-
ros de Castro. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
(Coleção Antropologia social)

Tradução de: *Witchcraft, oracles and magic among the Azande*
Apêndices
Inclui bibliografia
ISBN 85-7110-822-6

1. Zande (Povo africano). 2. Feitiçaria – África, Central. 3. Ma-
gia – África, Central. I. Gillies, Eva. II. Título. III. Série.

05-2701

CDD 133.40967
CDU 133.4(6-191.2)

Sumário

Nota do tradutor 7

Introdução, por Eva Gillies 9

Referências bibliográficas 31

- I • A Bruxaria É um Fenômeno Orgânico e Hereditário 33
- II • A Noção de Bruxaria como Explicação de Infortúnios 49
- III • As Vítimas de Infortúnios Buscam os Bruxos entre os Inimigos 62
- IV • Os Bruxos Têm Consciência de seus Atos? 82
- V • Os Adivinhos 90
- VI • O Treinamento de um Noviço na Arte da Adivinhação 111
- VII • O Lugar dos Adivinhos na Sociedade Zande 129
- VIII • O Oráculo de Veneno na Vida Diária 136
- IX • Problemas Suscitados pela Consulta ao Oráculo de Veneno 159
- X • Outros Oráculos Azande 175
- XI • Magia e Drogas 186
- XII • Uma Associação para a Prática da Magia 211
- XIII • A Bruxaria, os Oráculos e a Magia diante da Morte 225

APÊNDICE I: *Glossário dos termos usados na descrição das crenças e costumes azande* 230

APÊNDICE II: *Bruxaria e sonhos* 234

APÊNDICE III: *Outros agentes malignos associados à bruxaria* 239

APÊNDICE IV: *Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo* 243

A bruxaria é um fenômeno orgânico e hereditário

I

Os Azande acreditam que certas pessoas são bruxas e podem lhes fazer mal em virtude de uma qualidade intrínseca. Um bruxo não pratica ritos, não profere encantações e não possui drogas mágicas. Um ato de bruxaria é um ato psíquico. Eles crêem ainda que os feiticeiros podem fazê-los adoecer por meio da execução de ritos mágicos que envolvem drogas maléficas. Os Azande distinguem claramente entre bruxos e feiticeiros. Contra ambos empregam adivinhos, oráculos e drogas mágicas. O objeto deste livro são as relações entre essas crenças e ritos.

Descrevo a bruxaria em primeiro lugar, por se tratar de uma base indispensável para a compreensão das demais crenças. Quando os Azande consultam os oráculos, sua preocupação maior são os bruxos. Quando empregam os adivinhos, fazem-no com o mesmo objetivo. O curandeirismo e as confrarias que o praticam são dirigidos contra o mesmo inimigo.*

Não tive dificuldade em descobrir o que pensam os Azande sobre a bruxaria, nem em observar o que fazem para combatê-la. Tais idéias e práticas jazem à superfície de sua vida; elas são acessíveis a quem quer que viva com eles em suas casas por algumas semanas. Todo zande é uma autoridade em bruxaria. Não há necessidade de consultar especialistas. Nem mesmo é preciso interrogá-los sobre esse assunto, porque as informações fluem livremente, de situações recorrentes em sua vida social, e tudo o que se tem a fazer é observar e ouvir. *Mangu*, "bruxaria", foi uma das primeiras palavras que ouvi na terra zande, e continuei a ouvi-la dia após dia no correr dos meses.

Os Azande acreditam que a bruxaria é uma substância existente no corpo dos bruxos. Esta é uma crença encontrada entre muitos povos da África Central e Ocidental. O território zande é o limite nordeste de sua distribuição. É

* O leitor deve consultar o *Apêndice I*, que traz um glossário dos termos empregados por Evans-Pritchard na tradução de certos conceitos nativos ligados à bruxaria e demais crenças dos Azande. (N.T.)

difícil precisar a que órgão do corpo associam a bruxaria. Nunca vi essa substância-bruxaria humana, mas ela me foi descrita como uma pequena bolsa ou inchação enegrecida e oval, dentro da qual costuma ser encontrada uma variedade de pequenos objetos. Quando os Azande descrevem sua forma, em geral apontam para o cotovelo do braço flexionado, e quando descrevem sua localização, mostram a área logo abaixo da cartilagem xifóidea,* que, dizem, “recobre a substância-bruxaria”. Segundo eles: “Está presa à beira do fígado. Quando se abre a barriga, basta furar a substância-bruxaria, que ela explode com um estalo.”

Ouvi pessoas dizerem que ela apresenta cor avermelhada e contém sementes de abóbora, gergelim ou quaisquer outras plantas que tenham sido devoradas por um bruxo nas roças de seus vizinhos. Os Azande conhecem a localização da substância-bruxaria porque, no passado, ela costumava ser extraída em autópsias. Suspeito que seja o intestino delgado em certas fases digestivas. Este órgão foi-me sugerido pelas descrições azande das autópsias e por aquilo que me foi apontado como contendo substância-bruxaria no ventre de um bode.

Um bruxo não apresenta sintomas externos de sua condição, embora o povo diga: “É pelos olhos vermelhos que se conhece um bruxo.”

2

A bruxaria não é apenas um traço físico, mas também algo herdado. É transmitida por descendência unilinear, dos genitores a seus filhos. Os filhos de um bruxo são todos bruxos, mas suas filhas, não; as filhas de uma bruxa são todas bruxas, mas seus filhos, não. A transmissão biológica da bruxaria — de um dos genitores para todos os filhos do mesmo sexo que ele — está em complementaridade com as opiniões azande sobre a procriação e com suas crenças escatológicas. Considera-se que essa concepção deve-se a uma união das propriedades psíquicas do homem e da mulher. Quando a alma do homem é mais forte, nascerá um menino; quando a alma da mulher é mais forte, nascerá uma menina. Assim, uma criança participa das qualidades psíquicas de ambos os pais, mas uma menina tem mais da alma da mãe, e um menino, mais da alma do pai. No entanto, certos atributos são herdados exclusivamente de apenas um dos genitores, como as características sexuais, a alma corpórea e a substância-bruxaria. Há uma crença vaga, que dificilmente se

* Apêndice alongado e cartilaginoso que termina inferiormente o esterno (N.T.)

poderia descrever como uma doutrina, segundo a qual o ser humano possui duas almas, uma corpórea e outra espiritual. Por ocasião da morte, a alma corpórea transforma-se num animal totêmico do clã, enquanto a outra torna-se um espectro e leva uma existência impalpável nas cabeceiras dos cursos d'água. Muita gente diz que a alma corpórea de um homem torna-se o animal totêmico do clã de seu pai, ao passo que a alma corpórea de uma mulher torna-se o animal totêmico do clã de sua mãe.

À primeira vista, pode parecer estranho encontrar uma forma de transmissão matrilinear numa sociedade marcada por um forte viés patrilinear, mas a bruxaria, como a alma corpórea, faz parte do corpo, e portanto acompanha a transmissão de características masculinas ou femininas, do pai ou da mãe.

Em nosso modo de ver, seria evidente que, se um homem é comprovadamente bruxo, então todos os de seu clã são *ipso facto* bruxos, pois o clã zande é um grupo de pessoas ligadas biologicamente entre si em linha masculina. Os Azande entendem perfeitamente o argumento, mas refutam suas conclusões, as quais, se aceitas, tornariam contraditória toda a noção de bruxaria. Na prática, são considerados bruxos apenas os parentes paternos mais próximos de um bruxo reconhecido. É somente em teoria que eles estendem tal imputação a todos os membros do clã do bruxo. Se, para a opinião pública, o pagamento de homicídio por bruxaria marca os parentes do culpado como bruxos, um exame *post-mortem* que não revele a existência de substância-bruxaria num homem isenta de suspeita seus parentes paternos. Aqui novamente raciocinávamos que, se o exame *post-mortem* não descobre a substância-bruxaria, todo o clã do morto seria imune, mas os Azande não agem como se fossem desta opinião.

Elaborações adicionais da crença libertam os Azande da necessidade de admitirem aquilo que para nós seriam as conseqüências lógicas da idéia de uma transmissão biológica da bruxaria. Se ficar indubitavelmente provado que um homem é bruxo, seus parentes podem, para reivindicar inocência para si mesmos, lançar mão do próprio princípio biológico que os colocou sob suspeita. Eles admitem que o homem é um bruxo, mas negam que seja membro do clã deles. Dizem que era um bastardo, pois entre os Azande um homem é sempre do clã de seu *genitor*, e não do seu *pater*. Contaram-me também que eles podem então forçar a mãe (se ainda está viva) a confessar quem era seu amante, espancando-a e perguntando: "O que você foi fazer no mato para arranjar bruxaria com adultério?" Mais freqüentemente, porém, declaram apenas que o bruxo deve ter sido um bastardo, já que eles não têm bruxaria em seus corpos, e portanto ele não pode ser seu parente. Para reforçar a alegação, citam casos em que membros da família revelaram-se, após a autóps-

sia, livres de bruxaria. Não é provável que outras pessoas aceitem tal argumento, mas não lhes é pedido que o admitam ou rejeitem.

A doutrina zande inclui também a noção de que, mesmo que um homem seja filho de um bruxo e tenha substância-bruxaria em seu corpo, ele pode não usá-la. Ela permanecerá inoperante, "fria", como dizem os Azande, durante toda a sua vida, e um homem dificilmente pode ser classificado como bruxo se sua bruxaria nunca funciona. Na verdade, os Azande geralmente encaram a bruxaria como uma característica individual, e assim ela é tratada, a despeito de sua associação com o parentesco. Desse modo, no tempo do rei Gbudwe, certos clãs tinham a reputação de bruxos. Mas ninguém pensa mal de um homem pelo simples fato de ser membro de um desses clãs.

Os Azande não percebem a contradição como nós a percebemos, porque não possuem um interesse teórico no assunto, e as situações em que manifestam suas crenças na bruxaria não lhes obrigam a enfrentar o problema. Um homem nunca pergunta aos oráculos — único poder capaz de detectar a localização da substância-bruxaria nos vivos — se um determinado indivíduo é ou não bruxo. O que ele pergunta é se, nesse momento, aquele homem lhe está fazendo bruxaria. O que se procura saber é se um indivíduo está fazendo bruxaria para alguém em circunstâncias determinadas, e não se ele é um bruxo de nascença. Se os oráculos dizem que certo homem está fazendo mal a você no presente, você então sabe que ele é um bruxo; mas se os oráculos dizem que, naquele momento, ele não está lhe fazendo mal, você não sabe se ele é um bruxo ou não, e não tem o menor interesse em aprofundar o assunto. Saber se ele é um bruxo pouco lhe importa, desde que você não seja sua vítima. Um zande se interessa pela bruxaria apenas enquanto esta é um poder agente em ocasiões definidas, e apenas em relação a seus próprios interesses, e não como uma condição permanente de alguns indivíduos. Quando adoece, ele normalmente não diz: "Bem, vamos ver quem são os bruxos notórios da vizinhança, para colocar seus nomes diante do oráculo de veneno." A questão não é considerada desse ponto de vista; o que ele se pergunta é quem, dentre seus vizinhos, tem queixas contra ele, e então procura saber do oráculo de veneno se algum deles está neste momento lhe fazendo bruxaria. Os Azande interessam-se apenas pela dinâmica da bruxaria em situações particulares.

Pequenos infortúnios são rapidamente esquecidos. Aqueles que os causaram são tidos pela vítima e sua família como tendo-lhes feito bruxaria naquela ocasião, e não como bruxos comprovados. Somente pessoas que são constantemente denunciadas pelos oráculos como responsáveis por doenças ou perdas são tidas por bruxos confirmados; e, nos velhos tempos, era apenas quando um bruxo matava alguém que se tornava um homem marcado na comunidade.

3

A morte é resultado de bruxaria, e deve ser vingada. Todas as demais práticas ligadas à bruxaria se acham resumidas na ação da vingança. Em nosso contexto de discussão, é suficiente indicar que, na época pré-européia, a vingança podia ser perpetrada tanto diretamente — às vezes pelo assassinato do bruxo, outras vezes aceitando-se uma compensação — como por magia letal. Só muito raramente um bruxo era assassinado; isso acontecia quando um homem cometia seu segundo ou terceiro homicídio, ou quando matava uma pessoa importante. O príncipe então permitia sua execução. Sob o domínio britânico, apenas o método mágico é empregado.

A vingança parece ter sido menos o resultado de um sentimento de raiva ou ódio que o cumprimento de um dever piedoso e uma fonte de lucro. Nunca ouvi dizer que, hoje em dia, os parentes de um homem morto, após realizada sua vingança, tenham demonstrado qualquer rancor com relação à família do homem cuja magia o abateu, nem que no passado houvesse hostilidade prolongada entre os parentes do morto e os parentes do bruxo que pagaram indenização por seu crime. Hoje em dia, se um homem mata uma pessoa por bruxaria, o crime é de sua única responsabilidade, e seus parentes não estão vinculados à culpa. Antigamente eles o ajudavam no pagamento da indenização, não em virtude de uma responsabilidade coletiva, mas pelas obrigações sociais que se devem a um parente. Seus parentes por afinidade e irmãos de sangue também contribuía para o pagamento. Atualmente, tão logo um bruxo é abatido pela magia — ou, no passado, quando morria a golpes de lança ou pagava indenização —, o assunto é considerado encerrado. Além do mais, trata-se de uma questão entre a parentela do morto e a parentela do bruxo, e outras pessoas nada têm a ver com isso, porque seus vínculos com ambas as partes são os mesmos.

Hoje em dia é extremamente difícil obter informações sobre vítimas de magia de vingança. Os próprios Azande nada sabem a respeito, a não ser que sejam membros do círculo mais íntimo dos parentes de um homem assassinado. Quando se nota que esses parentes cessaram de observar os tabus do luto, isso indica que sua magia cumpriu a missão, mas de nada adianta perguntar-lhes quem foi a vítima, pois eles nada dirão. Trata-se de um assunto que concerne apenas a eles, e, além disso, de um segredo entre eles e seu príncipe. Este deve ser informado do efeito da magia, pois é necessário que seu oráculo de veneno confirme o oráculo de veneno dos parentes antes que estes possam suspender o luto. Além do mais, trata-se de um veredicto do oráculo de veneno, e não se deve falar de suas revelações a respeito desses temas.

Se outras pessoas conhecessem os nomes daqueles que caíram vítimas da magia de vingança, todo o processo teria sua precariedade exposta. Caso se soubesse que a morte de um homem X foi vingada sobre um bruxo Y, então todo o processo estaria reduzido ao absurdo, porque a morte de Y está sendo vingada por seus parentes contra um bruxo Z. Alguns indivíduos chegaram mesmo a confidenciar-me suas dúvidas quanto à honestidade dos príncipes que controlam os oráculos, e uns poucos estão cientes de que o sistema atual é falacioso. De qualquer modo, essa falácia é encoberta, pois os envolvidos guardam segredo sobre a identidade das vítimas de sua vingança mágica. No passado as coisas eram diferentes; então, quando uma pessoa era acusada pelos oráculos do príncipe de ter assassinado alguém por bruxaria, ela pagava indenização imediatamente ou era executada. Em ambos os casos o assunto estava encerrado, porque o homem que pagava a compensação não dispunha de meios para provar que não era um bruxo, e se fosse executado por ordem do príncipe, sua morte não podia ser vingada. Não se concedia permissão para a autópsia do cadáver de forma a saber se ele continha ou não a substância-bruxaria.

Quando eu desafiava os Azande a justificarem seu sistema de vingança, em geral me respondiam que um príncipe cujos oráculos declarassem que Y morreu pela magia dos parentes de X não colocaria o nome de Z diante de seus oráculos para descobrir se ele morreu pela magia dos parentes de Y. Quando os parentes de Y pedissem ao príncipe para apresentar o nome de Z diante de seu oráculo de veneno, ele se recusaria a fazê-lo, dizendo saber que Y tinha morrido em expiação de um crime, e que sua morte não podia, portanto, ser vingada. Alguns indivíduos explicavam o sistema atual dizendo que talvez a vingança mágica e a bruxaria participem nas causas das mortes. A parcela da magia de vingança explica o término do luto de uma família, e a parcela da bruxaria explica o início da vingança por outra família. Isto é, os Azande procuram explicar uma contradição nas suas crenças por meio do idioma místico dessas próprias crenças. Mas a explicação só me foi oferecida como uma possibilidade geral e teórica, tendo sido suscitada por minhas objeções. Uma vez que os nomes das vítimas de vingança são guardados em segredo, a contradição não é aparente, o que só ocorreria se todas as mortes fossem levadas em consideração, e não apenas uma morte em particular. Desde que sejam capazes de agir segundo o costume e de manter a honra familiar, os Azande não estão interessados nos aspectos mais amplos da vingança em geral. Percebiam a objeção quando eu a levantava, mas não se incomodavam com ela.

Os príncipes devem estar cientes da contradição, porque sabem os desdobramentos de qualquer morte ocorrida em suas províncias. Quando per-

guntei ao príncipe Gangura como ele podia aceitar que a morte de um homem fosse ao mesmo tempo resultado da magia de vingança mágica e de bruxaria, ele sorriu, admitindo que nem tudo era perfeito no sistema atual. Alguns príncipes me disseram que não permitiam que um homem fosse vingado quando sabiam que morrera por vingança mágica; mas penso que estavam mentindo. Ninguém pode saber ao certo, pois mesmo se um príncipe contasse aos parentes de um morto que ele fora vítima de vingança mágica — e portanto não poderia ser vingado —, ele contaria isso em segredo, e os parentes do morto guardariam em sigilo suas palavras. Fingiriam, diante dos vizinhos, que estavam vingando o parente morto; e assim, depois de alguns meses, em sinal de vingança cumprida, guardariam a cinta de entrecasca que indicava luto, pois jamais deixariam os vizinhos saberem que seu parente era um bruxo.

Conseqüentemente, se os parentes de A vingam sua morte por meio de magia contra B, e então descobrem que os parentes de B também suspenderam o luto em sinal de vingança cumprida, eles acreditam que esta segunda vingança é uma farsa. Dessa forma, evita-se a contradição.

4

Sendo uma parte do corpo, a substância-bruxaria cresce com ele. Quanto mais velho um bruxo, mais potente é sua bruxaria, e mais inescrupuloso seu uso. Esta é uma das razões que fazem com que os Azande freqüentemente demonstrem apreensão diante de pessoas idosas. A substância-feitiçaria de uma criança é tão pequena que não pode causar grande dano a outrem. Por isso uma criança nunca é acusada de assassinato, e nem mesmo moças e rapazes crescidos são suspeitos de bruxaria séria, embora possam causar pequenos infortúnios a pessoas de sua própria faixa etária. Como veremos adiante, a bruxaria opera quando existe animosidade entre bruxo e vítima, e não costuma haver antagonismo entre crianças e adultos. Apenas os adultos podem consultar o oráculo de veneno, e eles normalmente não apresentam o nome de crianças quando são consultados sobre bruxaria. As crianças não podem exprimir suas inimizades e pequenos infortúnios em termos de revelações oraculares sobre bruxaria porque elas não podem consultar o oráculo de veneno.

Contudo, sabe-se de casos raros em que, depois de se consultar em vão o oráculo a respeito de todos os adultos suspeitos, um nome de criança foi posto diante dele, sendo confirmado como bruxo. Mas disseram-me que, se isso acontecer, um ancião irá sugerir um erro, dizendo: “Um bruxo pegou a criança e colocou-a na frente dele como escudo para proteger-se.”

Desde cedo as crianças ficam sabendo sobre bruxaria. Conversando com meninas e meninos pequenos, até mesmo de seis anos, constatei que compreendem o que os mais velhos estão dizendo quando falam disso. Disseram-me que, numa briga, uma criança pode vir a mencionar a má reputação do pai de outra criança. Entretanto, as pessoas não compreendem a verdadeira natureza da bruxaria até que sejam capazes de operar com segurança os oráculos, de agir em situações de infortúnio conforme as revelações oraculares e de praticar a magia. O conceito se expande junto com a experiência social de cada indivíduo.

Homens e mulheres podem igualmente ser bruxos. Os primeiros podem ser vítimas de bruxaria praticada por homens e mulheres, mas estas geralmente são atacadas apenas por membros de seu próprio sexo. Um homem doente de hábito consulta os oráculos sobre seus vizinhos homens, mas se os consulta por causa de uma esposa ou parenta doente, normalmente pergunta sobre outras mulheres. Isso porque a animosidade tende a surgir mais entre homem e homem, e mulher e mulher, do que entre homem e mulher. Um homem está em contato regular apenas com sua esposa e parentas, tendo portanto pouca oportunidade de despertar o ódio de outras mulheres. Provocaria suspeitas se, em seu próprio benefício, consultasse os oráculos sobre a esposa de outro homem. O marido seria levado a presumir um adultério, perguntando-se que contato teria tido sua mulher com o acusador que pudesse ter levado ao desentendimento. Contudo, um homem freqüentemente consulta os oráculos sobre suas próprias esposas, pois pode ter certeza de que as desagradou alguma vez, e é comum elas o detestarem. Nunca soube de casos em que um homem fosse acusado de ter feito bruxaria para sua esposa. Os Azande dizem que ninguém faria uma coisa dessas, pois ninguém quer matar ou fazer adoecer a esposa, já que o próprio marido seria o principal prejudicado. Kuagbiaru disse-me que ele nunca soube de um homem ter pago indenização pela morte da esposa. Outro motivo pelo qual nunca se ouve falar em asas de galinha sendo apresentadas a maridos, como acusação de bruxaria¹ ligada aos males de suas esposas, é que uma mulher não pode consultar diretamente o oráculo de veneno, geralmente confiando essa tarefa ao marido. Ela pode pedir ao irmão que faça a consulta em seu benefício, mas este provavelmente não apresentará o nome de seu cunhado diante do oráculo, porque um marido jamais deseja a morte da esposa.

¹ É costume, quando se suspeita de bruxaria, pedir ao príncipe local — ou mais freqüentemente a seu delegado — que envie uma asa de ave ao presumível bruxo, solicitando cortesmente que ele assopre água com a boca sobre a asa, como sinal de boa vontade com relação à pessoa injuriada. Enviar uma asa de ave a alguém equivale, portanto, a uma acusação de bruxaria.

Nunca soube de algum caso em que um homem tenha sido embruxado por uma parenta, ou em que uma mulher tenha sido embruxada por um homem aparentado. Ademais, só tive notícia de um único caso no qual um homem foi embruxado por parente seu. Um parente pode prejudicar um homem de outros modos, mas não o iria embruxar. É claro que um doente não vai perder tempo inquirindo o oráculo sobre seus irmãos e primos paternos, porque, se o oráculo de veneno declarar que um deles o embruxou, esta mesma declaração o tornaria um bruxo, uma vez que a bruxaria é herdada em linha masculina.

Os membros da classe aristocrática, os Avongara, não são acusados de bruxaria, pois se um homem dissesse que, segundo os oráculos, o filho de um príncipe usou bruxaria contra ele, estaria afirmando que o rei e os príncipes são bruxos. Por mais que um príncipe possa detestar os membros de sua linhagem, jamais permitiria que fossem acusados por um plebeu. Assim, embora os Azande digam à boca pequena acreditar que alguns nobres são bruxos, raramente consultam os oráculos sobre isso, e desse modo os nobres não são acusados de bruxaria. No passado os oráculos nunca eram consultados a propósito dos nobres. Há uma ficção estabelecida de que os Avongara não são bruxos, e esse consenso é mantido pelo grande poder e prestígio dos príncipes governantes.

Governadores de província, delegados distritais, cortesãos, comandantes de companhias militares e outros plebeus de riqueza e posição não costumam ser acusados de bruxaria, a não ser por um príncipe — movido por suas próprias razões ou pela necessidade de reagir à morte de algum outro plebeu influente. Em geral pessoas de pouca projeção não ousam consultar os oráculos sobre indivíduos de prestígio, pois suas vidas não valeriam mais nada se insultassem os homens mais importantes da vizinhança. Portanto, podemos dizer que a incidência de bruxaria numa comunidade zande distribui-se eqüitativamente entre os sexos, na classe dos plebeus, enquanto os nobres, inteiramente, e os plebeus poderosos, em larga medida, são imunes a acusações. Todas as crianças estão normalmente isentas de suspeita.

As relações dos príncipes governantes com a bruxaria são peculiares. Embora imunes a acusações, eles crêem em bruxos tão firmemente quanto qualquer outra pessoa e consultam constantemente o oráculo de veneno para descobrir quem os está embruxando. Temem especialmente suas esposas. Além disso, o oráculo de um príncipe é a autoridade final em todos os casos de bruxaria que envolvam homicídio, e no passado era usado para proteger os súditos contra a bruxaria durante uma guerra. A morte de um indivíduo da pequena nobreza é imputada a um bruxo e vingada da mesma maneira que a

morte de um plebeu; mas quando é o rei ou um príncipe governante que morre, ele não é vingado, e sua morte é geralmente atribuída à feitiçaria ou a outros agentes malignos de natureza mística.

5

Embora a bruxaria propriamente dita seja uma parte do organismo humano, sua ação é psíquica. Aquilo que os Azande chamam de *mbisimo mangu*, a alma da bruxaria, é um conceito que anula a distância entre a pessoa do bruxo e a de sua vítima. Uma idéia desse tipo é necessária para explicar o fato de um bruxo estar em sua cabana no momento em que se supõe que estivesse fazendo mal a alguém. A alma da bruxaria pode abandonar sua sede corporal a qualquer momento, dia ou noite, mas os Azande geralmente imaginam um bruxo expedindo sua alma para passeios noturnos, quando a vítima está adormecida. A alma viaja pelos ares emitindo uma luz brilhante. Durante o dia, essa luz só pode ser vista por bruxos ou por adivinhos (quando estes estão adequadamente dopados), mas qualquer um pode ter a rara desventura de deparar com ela à noite. Os Azande dizem que a luz da bruxaria é como o tremeluzir de pirilampos, só que muito maior e mais brilhante. Também afirmam que um homem pode ver a bruxaria quando ela pousa num galho de árvore para descansar, pois "bruxaria é como fogo, ela acende uma luz". Se um homem vê a luz da bruxaria, ele apanha um pedaço de carvão e guarda debaixo de sua cama, para não sofrer algum infortúnio por causa da visão.

Apenas uma vez pude ver a bruxaria em seu caminho. Ficava escrevendo até tarde, em minha cabana. Por volta de meia-noite, antes de me recolher, tomei de uma lança e saí para minha costumeira caminhada noturna. Andava pelo jardim atrás de minha cabana, entre bananeiras, quando avistei uma luz brilhante passando pelos fundos do abrigo de meus criados, em direção à residência de um homem chamado Tupoi. Como aquilo parecia merecer uma investigação, comecei a segui-la até que um trecho de relva alta obscureceu minha visão. Corri depressa, atravessei minha cabana e saí do outro lado, de forma a ver aonde a luz estava indo; mas não consegui mais enxergá-la. Sabia que apenas um de meus criados tinha uma lamparina capaz de emitir luz tão brilhante. Mas na manhã seguinte ele me disse que não tinha saído àquela hora e nem usara a lamparina. Não faltaram informantes solícitos para dizer que o que eu tinha visto era bruxaria. Pouco depois, na mesma manhã, morria um velho parente de Tupoi, agregado à sua residência. O acontecimento explicou inteiramente a luz que eu vira. Nunca cheguei a descobrir sua origem real; possivelmente um punhado de relva aceso por alguém que saía para de-

fecar. Mas a coincidência da direção em que a luz se movia e a morte subsequente estavam de acordo com as idéias azande.

Essa luz não é o bruxo em pessoa espreitando sua presa, mas uma emanção de seu corpo. Nesse ponto a opinião zande é unânime. O bruxo jaz em sua cama, enquanto despacha a alma de sua bruxaria para remover a parte psíquica dos órgãos da vítima, o *mbisimo pasio*, a alma da carne, que ele e seus companheiros bruxos devorarão. Todo esse ato de vampirismo é incorpóreo: a alma da bruxaria remove a alma do órgão. Não consegui obter uma explicação precisa sobre o que significam “alma de bruxaria” e “alma de um órgão”. Os Azande sabem que as pessoas são mortas dessa maneira, mas somente um bruxo poderia esclarecer exatamente o que se passa no processo.

Os Azande usam a mesma palavra para descrever as partes psíquicas da substância-bruxaria e dos outros órgãos e para designar aquilo a que chamamos a alma de um homem. Qualquer coisa cuja ação não esteja sujeita à percepção sensorial pode igualmente ser explicada pela existência de uma alma. As drogas agem por meio de sua alma — uma explicação que preenche o vazio entre um rito mágico e a consecução de seu objetivo. O oráculo de veneno também possui uma alma, responsável por seu poder de enxergar o que um homem não consegue perceber.

Assim, a ação da bruxaria não está sujeita às condições ordinárias que limitam a maioria dos objetos cotidianos. No entanto, sua atividade é concebida como limitada, até certo ponto, por considerações de espaço. A bruxaria não atinge um homem a longa distância; só faz mal às pessoas das vizinhanças. Se, ao ser atacado por bruxaria, um homem deixa o distrito em que vive, ela não o seguirá muito longe. Além do mais, ela exige um direcionamento consciente. O bruxo não pode despachar sua bruxaria e deixá-la encontrar a vítima sozinha; ele precisa definir um objetivo e determinar a rota a seguir. Por isso, um doente pode se proteger de ataques ulteriores recolhendo-se a uma cabana de relva no mato desconhecida de todos, exceto da esposa e dos filhos. Quando o bruxo enviar sua bruxaria atrás da vítima, ela irá procurá-la em vão na sua residência, acabando por voltar ao dono.

Da mesma forma, um homem pode deixar sua casa antes do amanhecer, para escapar à bruxaria — a essa hora os bruxos estão dormindo e não assistirão à partida. Quando descobrirem que ele se foi, já estará fora do alcance da bruxaria. Mas se os bruxos o vêem saindo, podem atacá-lo, e algum infortúnio se abaterá sobre ele em sua jornada ou quando estiver de volta. Graças à crença de que a bruxaria só atua a curta distância, se uma mulher cai doente quando está em visita à casa dos pais, é lá que estes procuram o bruxo responsável, e não no lar do marido. Se a mulher morre na casa dos pais, seu marido

pode fazê-los responder por isso, já que eles não a protegeram com uma consulta aos oráculos sobre seu bem-estar.

Quanto mais distante de quaisquer vizinhos estiver a residência de um homem, mais a salvo ele estará de bruxaria. Quando os Azande do Sudão anglo-egípcio foram forçados a viver em aldeamentos à beira das estradas, eles obedeceram com muita apreensão, e muitos fugiram para o Congo Belga para evitar contato tão estreito com seus vizinhos. Os Azande afirmam que não gostam de viver muito próximos uns dos outros, em parte porque convém ter uma boa faixa de terra entre suas esposas e os possíveis amantes, em parte porque, quanto mais perto de um bruxo, maior o perigo.

No é o verbo zande correspondente ao “embruxar”; em seu único outro contexto de emprego, traduziríamos essa palavra por “atirar”.^{*} Ela é usada para designar o ato de atirar com arco-e-flecha ou com uma arma de fogo. Com um movimento brusco da perna, os adivinhos atiram (*no*) pedaços de osso nos outros adivinhos, de longe. Deve-se notar a analogia entre esses diferentes “atirar” a partir de um fator comum, a ato de fazer mal a distância.

6

Ao falar de bruxos e bruxaria, é preciso esclarecer que os Azande normalmente pensam em bruxaria de uma forma muito impessoal, sem referência a quaisquer bruxo ou bruxos em particular. Quando um homem diz que não pode viver em certo lugar por causa de bruxaria, isso significa que os oráculos alertaram-no contra esse lugar, declarando que, se ele for morar lá, será atacado por bruxos, e ele assim concebe este perigo como um risco geral ligado à bruxaria. Por isso está sempre falando de *mangu*, bruxaria. Essa força não existe fora dos indivíduos; ao contrário, ela é uma parte orgânica de alguns deles. Mas quando indivíduos em particular não são especificados e não se procura identificá-los, a bruxaria está sendo concebida como uma força generalizada. Bruxaria, portanto, significa alguns bruxos — quaisquer uns. Quando um zande comenta um revés dizendo “isto é bruxaria”, ele está querendo dizer que isso se deve a algum bruxo, mas não sabe exatamente qual. No mesmo sentido, ele dirá, numa encantação, “que morra a bruxaria”, referindo-se a quem quer que tente embruxá-lo. O conceito de bruxaria não é o de uma força impessoal que pode vincular-se a pessoas, mas sim uma força pessoal

^{*} Traduzimos *to bewitch* por “embruxar” para evitar o verbo “enfeitiçar”, que poderia causar confusão, uma vez que Evans-Pritchard distingue nitidamente entre “bruxo” (*witch*) e “feiticeiro” (*sorcerer*). (N.T.)

que é generalizada na linguagem, pois se os Azande não particularizam, mostram, ao contrário, uma tendência a generalizar.

7

Um bruxo não destrói imediatamente sua vítima. Pelo contrário: se um homem cai rápida e gravemente doente, ele pode ter certeza de que foi vítima de feitiçaria, não de bruxaria. Os efeitos da bruxaria acarretam morte lenta, pouco a pouco, pois é somente depois que um bruxo devorou toda a alma de um órgão vital que a morte sobrevém. Isso demora, porque o bruxo faz visitas constantes, durante um longo período de tempo, consumindo apenas uma pequena porção da alma do órgão de cada vez; ou, se ele retira uma larga porção, esconde-a no teto de sua casa ou num oco de árvore, e vai comendo-a aos pouquinhos. Uma doença prolongada e debilitante é o tipo das que são causadas por bruxaria. Pode-se perguntar se os Azande consideram que o consumir da alma de um órgão leva necessariamente à sua deterioração física. Certamente algumas vezes parecem ter tal opinião. Os bruxos também disparam objetos — chamados *anu mangu*, coisas de bruxaria — no corpo daqueles que querem ferir. Isso causa dores no local em que se alojou o míssil, e um adivinho, em sua função de curandeiro, é solicitado a extrair os objetos patogênicos, que podem ser coisas inanimadas, vermes ou larvas.

Os bruxos costumam congregam-se para suas atividades destruidoras e subseqüentes festins macabros. Ajudam-se em seus crimes, coordenando seus planos nefandos. Possuem um tipo especial de ungüento que, friccionado na pele, torna-os invisíveis durante suas expedições noturnas. Essa afirmação sugere que às vezes se considera que os bruxos vão em carne e osso atacar suas vítimas. Eles possuem também pequenos tambores que soam para convocar a seus congressos, durante os quais as discussões são presididas pelos membros mais velhos e experientes da irmandade; pois há status e lideranças entre os bruxos. Para que um homem esteja qualificado a matar seus vizinhos, é preciso que tenha adquirido experiência sob a supervisão dos bruxos mais velhos. O ganho de experiência se faz acompanhar por um incremento da substância-bruxaria. Diz-se também que um bruxo não pode matar um homem por sua própria e exclusiva conta, mas que, ao contrário, deve levar sua proposta a uma reunião de colegas, presidida por um bruxo-líder. A questão é decidida entre eles.

Cedo ou tarde um bruxo cai vítima de vingança, ou, se tiver sido esperto o bastante para escapar à retaliação, acaba por ser morto por outro bruxo ou por um feiticeiro. Caberia perguntar: a distinção entre bruxos, *aboro mangu*, e

não-bruxos, *amokundu*, persiste além-túmulo? Nunca consegui obter uma afirmação espontânea sobre isso, mas, em resposta a questões dirigidas, obtive uma ou duas vezes a informação de que, ao morrer, os bruxos se transformam em espíritos malignos (*agirisa*). *Atoro*, os espíritos dos mortos comuns, são seres benevolentes, pelo menos tanto quanto pode ser, digamos, um pai de família zande, e sua participação ocasional no mundo que deixaram é tranqüila e voltada para o bem-estar de seus descendentes. Os *agirisa*, ao contrário, demonstram um ódio mortal pela humanidade. Assombram viajantes no mato e causam estados transitórios de dissociação mental.

8

A existência de substância-bruxaria numa pessoa viva é conhecida por meio de veredictos oraculares. Nos mortos, ela é descoberta pela abertura do ventre, e é este segundo método de identificação que interessa para a presente descrição da base física da bruxaria. Sugeri anteriormente que o órgão em que se acha a substância-bruxaria está localizado no intestino delgado.

São obscuras as condições de realização de uma autópsia na época pré-européia. Segundo um informante, Gbaru, elas eram um antigo costume dos Ambomu, e as dificuldades começaram a aparecer apenas no tempo de Gbudwe. É provável que se tratasse de uma prática antiga, que desapareceu quando o controle político exercido pelos Avongara aumentou, para reaparecer com todo seu vigor depois da conquista européia. O rei Gbudwe desencorajava sua prática, segundo me disseram todos os informantes.

Contudo, quando um bruxo era executado sem sanção real, por vezes realizavam-se. Ocasionalmente os parentes de um homem morto agiam conforme o veredicto de seu próprio oráculo de veneno, vingando-se de um bruxo sem esperar confirmação do oráculo de veneno real. Em tais casos, a ação destes parentes era *ultra vires*, e se os parentes da vítima da vingança conseguissem provar que não havia substância-bruxaria em seu ventre, podiam exigir compensação, na corte do rei, por parte do grupo que fizera justiça com as próprias mãos. Por sua vez, as autópsias destinadas a limpar o nome de uma linhagem que tivesse um membro acusado de atos menores de bruxaria, sem implicar indenização, devem ter sido bem freqüentes antes da conquista européia, como o foram com certeza depois dela.

Um homem que em vida tivesse sido freqüentemente acusado de bruxaria, ainda que jamais de homicídio, tinha o direito de sentir-se insultado sem razão e de considerar que o nome de sua família fora arrastado à lama. Em vista disso, ao morrer, poderia instruir os filhos para que lhe abrissem o abdô-

men antes do enterro e verificassem se eram justificadas aquelas aleivosias contra a honra da linhagem. Poderia também executar essa operação num filho falecido prematuramente. Pois a mentalidade zande é lógica e inquisitiva, dentro das premissas de sua própria cultura, e insiste na coerência de seu próprio idioma. Se a bruxaria é uma substância orgânica, sua presença pode ser verificada por um exame *post-mortem*. Se ela é hereditária, pode ser descoberta no ventre de um parente próximo em linha masculina de um bruxo, tão certamente quanto no ventre do próprio bruxo.

Uma autópsia é realizada em público, à beira do túmulo. Os assistentes são os parentes do morto, seus afins, amigos, irmãos de sangue e homens idosos e de prestígio das redondezas, que geralmente assistem aos funerais, vigiando o trabalho dos coveiros e outros preparativos para o enterro. Muitos desses anciãos já assistiram a situações idênticas, cabendo-lhes decidir sobre a presença ou ausência da substância-bruxaria. Eles detectam sua presença pela forma como os intestinos saem do ventre.

Dois talhos laterais são feitos no ventre, e uma ponta dos intestinos é presa na fenda de um ramo, em torno do qual eles são enrolados. Depois que a outra ponta é seccionada do corpo, outro homem desenrola os intestinos afastando-se do companheiro que segura o ramo fendido. Os velhos caminham ao longo das entranhas esticadas no ar, examinando-as em busca de substância-bruxaria. Terminado o exame, os intestinos são repostos no ventre, afim de que o corpo seja sepultado. Disseram-me que, quando não se encontra qualquer substância-bruxaria no ventre de um homem, seus parentes podem chicotear com os intestinos o rosto dos acusadores, ou fazer secar as vísceras ao sol, para serem mais tarde levadas à corte, onde os parentes do morto se vangloriam da vitória. Também ouvi dizer que, se for descoberta a substância-bruxaria, os acusadores podem tomar as entranhas e pendurá-las a uma árvore na beira dos principais caminhos que levam à corte de um príncipe.

O corte do ventre e o sepultamento devem ser levados a cabo por um irmão de sangue, pois este é um dos deveres da fraternidade de sangue (*blood-brotherhood*).^{*} Um informante explicou-me que, se um homem que não estabeleceu o pacto de sangue com os parentes do morto realizar a cerimônia do

* "Irmãos de sangue" são indivíduos não-aparentados que estabelecem uma aliança especial, consagrada por um rito em que a ingestão de um pouco de sangue do parceiro é o símbolo focal. Essa relação pode estender-se até os clãs de cada irmão de sangue. Ela se opõe em inúmeros aspectos à relação entre irmãos "reais" (ver Evans-Pritchard, "Zande Blood-Brotherhood", in *Essays in Social Anthropology*, Faber & Faber 1962). (N.T.)

enterro, ele se torna pelo ato seu irmão de sangue. Sendo encontrada a substância-bruxaria, o operador deverá ser regamente pago por seus serviços. Havendo substância-bruxaria ou não, ele precisa submeter-se a uma purificação ritual após a operação. Carregado nos ombros de um parente do morto, é saudado com gritos cerimoniais e bombardeado com torrões de terra e com os frutos vermelhos de *nonga* (*Amomum korarima*), “para que a friagem o abandone”. É levado em seguida a um curso de água, onde os parentes do morto lavam-lhe as mãos e lhe dão de beber uma infusão feita de raízes, cascas ou folhas de várias árvores. Antes da purificação, esse homem não pode comer ou beber, pois está contaminado, como uma mulher cujo marido morreu. Finalmente, se não foi encontrada a substância-bruxaria, prepara-se uma festa na qual o homem que fez os cortes e um parente do morto partem ao meio uma cabaça de cerveja. A seguir os parentes do morto e os do operador trocam presentes: um homem de cada grupo avança até o outro e atira seu presente ao chão, e assim sucessivamente.

A noção de bruxaria como explicação de infortúnios

I

Da forma como os Azande os concebem, bruxos não podem evidentemente existir. No entanto, o conceito de bruxaria fornece a eles uma filosofia natural por meio da qual explicam para si mesmos as relações entre os homens e o infortúnio, e um meio rápido e estereotipado de reação aos eventos funestos. As crenças sobre bruxaria compreendem, além disso, um sistema de valores que regula a conduta humana.

A bruxaria é onipresente. Ela desempenha um papel em todas as atividades da vida zande: na agricultura, pesca e caça; na vida cotidiana dos grupos domésticos tanto quanto na vida comunal do distrito e da corte. É um tópico importante da vida mental, desenhando o horizonte de um vasto panorama de oráculos e magia; sua influência está claramente estampada na lei e na moral, na etiqueta e na religião; ela sobressai na tecnologia e na linguagem. Não existe nicho ou recanto da cultura zande em que não se insinue. Se uma praga ataca a colheita de amendoim, foi bruxaria; se o mato é batido em vão em busca de caça, foi bruxaria; se as mulheres esvaziam laboriosamente a água de uma lagoa e conseguem apenas uns míseros peixinhos, foi bruxaria; se as térmitas não aparecem quando era hora de sua revoada, e uma noite fria é perdida à espera de seu vôo, foi bruxaria; se uma esposa está mal-humorada e trata seu marido com indiferença, foi bruxaria; se um príncipe está frio e distante com seu súdito, foi bruxaria; se um rito mágico fracassa em seu propósito, foi bruxaria; na verdade, qualquer insucesso ou infortúnio que se abata sobre qualquer pessoa, a qualquer hora e em relação a qualquer das múltiplas atividades da vida, ele pode ser atribuído à bruxaria. O zande atribui todos esses infortúnios à bruxaria, a menos que haja forte evidência, e subsequente confirmação oracular, de que a feitiçaria ou um outro agente maligno estavam envolvidos, ou a menos que tais desventuras possam ser claramente atribuídas à incompetência, quebra de um tabu, ou ao não-cumprimento de uma regra moral.

Dizer que a bruxaria estragou a colheita de amendoim, que espantou a caça, que fez fulano ficar doente equivale a dizer, em termos de nossa própria

cultura, que a colheita de amendoim fracassou por causa das pragas, que a caça é escassa nessa época e que fulano pegou uma gripe. A bruxaria participa de todos os infortúnios e é o idioma em que os Azande falam sobre eles — e por meio do qual eles são explicados. Para nós, bruxaria é algo que provocava pavor e repugnância em nossos crédulos antepassados. Mas o zande espera cruzar com a bruxaria a qualquer hora do dia ou da noite. Ficaria tão surpreso se não a encontrasse diariamente quanto nós o ficaríamos se topássemos com ela. Para ele, nada há de milagroso a seu respeito. É de se esperar que uma caçada seja prejudicada por bruxos, e o zande dispõe de meios para enfrentá-los. Quando ocorrem infortúnios, ele não fica paralisado de medo diante da ação de forças sobrenaturais; não se põe aterrorizado pela presença de um inimigo oculto. O que ele fica é extremamente aborrecido. Alguém por maldade arruinou seus amendoins, ou estragou a caçada, ou deu um susto em sua mulher, e isso certamente é para se ficar com raiva! Ele nunca fez mal a ninguém, então que direito tem alguém de se meter nos seus negócios? É uma impertinência, um insulto, uma manobra suja e insultuosa. É a agressividade, e não a estranheza sobrenatural dessas ações, que os Azande sublinham quando falam delas, e é raiva, e não temor, o que se observa em sua resposta a elas.

A bruxaria não é menos esperada que o adultério. Está tão entrelaçada ao curso dos acontecimentos cotidianos que é parte do mundo ordinário de um zande. Nada há de extraordinário num bruxo — você mesmo pode ser um, e com certeza muitos de seus vizinhos mais próximos. Tampouco existe algo de atemorizante na bruxaria. Nós não ficamos psicologicamente transtornados quando ouvimos dizer que alguém está doente — é de se esperar que pessoas fiquem doentes —, e dá-se o mesmo com os Azande. Eles esperam que as pessoas fiquem doentes, isto é, sejam embruxadas, e isso não é algo que cause surpresa ou assombro.

Achei a princípio estranho viver entre os Azande e ouvir explicações ingênuas sobre infortúnios que, a nosso ver, tinham causas evidentes. Mas em pouco tempo aprendi o idioma de seu pensamento e passei a aplicar as noções de bruxaria tão espontaneamente quanto eles, nas situações em que o conceito era relevante. Certa vez um rapaz deu uma topada num pequeno toco de árvore no meio de uma trilha no mato — acontecimento freqüente na África — e veio a sentir dores e desconforto em consequência disso. Foi impossível, pela sua localização no artelho, manter o corte limpo, e ele começou a infectar. O rapaz declarou que a bruxaria o fizera chutar o toco. Eu sempre discutia com os Azande e criticava suas afirmações, e assim fiz nessa ocasião. Disse ao rapaz que ele batera com o pé no toco porque tinha sido descuidado,

e que não fora bruxaria que colocara o toco na trilha, pois ele crescera lá naturalmente. Ele concordou que a bruxaria nada tinha a ver com o toco estar na trilha, mas observou que tinha ficado de olhos abertos para tocos, como realmente todo zande faz, e que, portanto, se não tivesse sido embruxado, tê-lo-ia visto. Como argumento definitivo, a seu ver, lembrou que os cortes não levam dias para cicatrizar — ao contrário, fecham logo, pois esta é a natureza dos cortes. Por que então sua ferida infeccionara e continuava aberta, se não havia bruxaria por trás dela? Como não tardei a descobrir, essa pode ser considerada a explicação zande básica para as doenças.

Pouco depois de minha chegada ao país zande, ao passar por um aldeamento do governo, vimos uma cabana que tinha sido destruída pelo fogo na noite anterior. O proprietário estava acabrunhado, pois ela abrigava a cerveja que estava preparando para uma festa mortuária. Ele nos contou que na noite do acidente fora até lá examinar a cerveja. Acendeu um punhado de palha e levantou-o sobre a cabeça para iluminar os potes, e com isso incendiou o telhado de palha. Ele — assim como meus companheiros — estava convencido de que o desastre fora causado por bruxaria.

Um de meus principais informantes, Kisanga, era hábil entalhador, um dos melhores em todo o reino de Gbudwe. De vez em quando, como bem se pode imaginar naquele clima, as gamelas e bancos que esculpia rachavam durante a operação. Embora se escolham as madeiras mais duras, elas às vezes racham durante o entalhe ou no processo de acabamento, mesmo quando o artesão é cuidadoso e está bem familiarizado com as regras técnicas de sua arte. Quando isso ocorria com as gamelas e bancos desse artesão em particular, ele atribuía o acidente à bruxaria, e costumava reclamar comigo sobre o despeito e ciúme de seus vizinhos. Quando eu respondia que achava estar ele enganado, que as pessoas gostavam dele, brandia o banco ou gamela rachados em minha direção, como prova concreta de suas conclusões. Se não tivesse gente embruxando seu trabalho, como eu iria explicar aquilo? Assim também um oleiro atribuirá a quebra de seus potes durante a cozedura à bruxaria. Um oleiro experiente não precisa temer que os potes rachem por causa de erros. Ele seleciona a argila adequada, amassa-a bem até que tenha extraído todas as pedrinhas e impurezas e molda-a lenta e cuidadosamente. Uma noite antes de ir buscar a argila, ele se abstém de relações sexuais. Portanto ele não deveria ter nada a temer. E no entanto alguns potes racham, mesmo nas mãos de oleiros exímios, e isso só pode ser explicado por bruxaria. “Quebrou-se — aí tem bruxaria”, diz simplesmente o oleiro. Muitas situações similares a essas, em que a bruxaria é citada como um agente, serão referidas neste capítulo e nos seguintes.

Ao conversar com os Azande sobre bruxaria, e observando suas reações em situações de infortúnio, tornou-se óbvio para mim que eles não pretendiam explicar a existência de fenômenos, ou mesmo a ação de fenômenos, por uma causação mística exclusiva. O que explicavam com a noção de bruxaria eram as condições particulares, numa cadeia causal, que ligaram de tal forma um indivíduo a acontecimentos naturais que ele sofreu dano. O rapaz que deu uma topada no toco de árvore não justificou o toco por referência à bruxaria, e tampouco sugeriu que sempre que alguém dá uma topada num toco isso acontece necessariamente por bruxaria; também não explicou o corte como se tivesse sido causado por bruxaria, pois sabia perfeitamente que fora causado pelo toco. O que ele atribuiu à feitiçaria foi que, nessa ocasião em particular, enquanto exercia sua cautela costumeira, ele bateu com o pé num toco de árvore, ao passo que em centenas de outras ocasiões isso não acontecera; e que nessa ocasião em particular, o corte, que ele esperava resultar naturalmente da topada, infeccionou, ao passo que já sofrera antes dúzias de cortes que não haviam infeccionado. Certamente essas condições peculiares exigem uma explicação. Ou ainda: todos os anos centenas de Azande inspecionam sua cerveja à noite, e eles sempre levam um punhado de palha para iluminar a cabana de fermentação. Por que esse homem em particular, nessa única ocasião, incendiou o teto de sua cabana? Ou ainda: meu amigo entalhador fizera uma quantidade de gamelas e bancos sem acidentes, e ele sabia tudo o que é preciso sobre a madeira apropriada, o uso das ferramentas e as condições de entalhe. Suas gamelas e bancos não racham como os produtos de artesãos inábeis; portanto, por que em certas raras ocasiões as gamelas e bancos racham, se usualmente isso não acontece e se ele tinha exercido todo seu cuidado e conhecimento usuais? Sabia muito bem a resposta, como também sabiam muito bem, em sua opinião, seus invejosos e traiçoeiros vizinhos. Do mesmo modo um oleiro faz questão de saber por que seus potes quebraram numa ocasião particular, visto que ele usou os mesmos materiais e técnicas que das outras vezes; ou melhor, ele já sabe por que — a resposta é como que sabida de antemão. Se os potes se quebraram, foi por causa de bruxaria.

Estaríamos dando uma imagem falsa da filosofia zande se dissessemos que eles acreditam que a bruxaria é a única causa dos fenômenos. Essa proposição não está contida nos esquemas azande de pensamento, os quais afirmam apenas que a bruxaria põe um homem em relação com os eventos de uma maneira que o faz sofrer algum dano.

No país zande, às vezes um velho celeiro desmorona. Nada há de notável nisso. Todo zande sabe que as térmitas devoram os esteios com o tempo, e que

até as madeiras mais resistentes apodrecem após anos de uso. Mas o celeiro é a residência de verão de um grupo doméstico zande; as pessoas sentam à sua sombra nas horas quentes do dia para conversar, jogar ou fazer algum trabalho manual. Portanto, pode acontecer que haja pessoas sentadas debaixo do celeiro quando ele desmorona; e elas se machucam, pois trata-se de uma estrutura pesada, feita de grossas vigas e de barro, que pode além disso estar carregada de eleusina. Mas por que estariam essas pessoas em particular sentadas debaixo desse celeiro em particular, no exato momento em que ele desabou? É facilmente inteligível que ele tenha desmoronado — mas por que ele tinha que desabar exatamente naquele momento, quando aquelas pessoas em particular estavam sentadas ali em baixo? Ele já poderia ter caído há anos — por que, então, tinha que cair justamente quando certas pessoas buscavam seu abrigo acolhedor? Diríamos que o celeiro desmoronou porque os esteios foram devorados pelas térmitas: essa é a causa que explica o desabamento do celeiro. Também diríamos que havia gente ali sentada àquela hora porque era o período mais quente do dia, e acharam que ali seria um bom lugar para conversar e trabalhar. Essa é a causa de haver gente sob o celeiro quando ele desabou. Em nosso modo de ver, a única relação entre esses dois fatos independentemente causados é sua coincidência espaço-temporal. Não somos capazes de explicar por que duas cadeias causais interceptaram-se em determinado momento e determinado ponto do espaço, já que elas não são interdependentes.

A filosofia zande pode acrescentar o elo que falta. O zande sabe que os esteios foram minados pelas térmitas e que as pessoas estavam sentadas debaixo do celeiro para escapar ao calor e à luz ofuscante do sol. Mas também sabe por que esses dois eventos ocorreram precisamente no mesmo momento e no mesmo lugar: pela ação da bruxaria. Se não tivesse havido bruxaria, as pessoas estariam ali sentadas sem que o celeiro lhes caísse em cima, ou ele teria desabado num momento em que as pessoas não estivessem ali debaixo. A bruxaria explica a coincidência desses dois acontecimentos.

3

Espero não ser necessário salientar que o zande não é capaz de analisar suas doutrinas da forma como eu fiz por ele. Não adianta dizer para um zande: “Agora me diga o que vocês Azande pensam da bruxaria”, porque o tema é demasiado geral e indeterminado, a um só tempo vago e imenso demais para ser concisamente descrito. Mas é possível extrair os princípios do pensamento zande a partir de dezenas de situações em que a bruxaria é invocada como explicação, e de dezenas de outras em que o fracasso é atribuído a alguma outra

causa. Sua filosofia é explícita, mas não formalmente afirmada como uma doutrina. Um zande não diria: "Acredito na causação natural, mas não acho que ela explique inteiramente as coincidências, e me parece que a teoria da bruxaria fornece uma explicação satisfatória sobre elas". Em vez disso exprime seu pensamento em termos de situações reais e particulares. Ele diz: "um búfalo ataca", "uma árvore cai", "as térmitas não estão fazendo seu vôo sazonal quando deveriam", e assim por diante. Está se pronunciando sobre fatos empiricamente atestados. Mas também diz: "Um búfalo atacou e feriu fulano", "uma árvore caiu na cabeça de sicrano e o matou", "minhas térmitas recusam-se a voar em quantidade suficiente, mas outras pessoas estão coletando-as normalmente", e assim por diante. Ele vai dizer que essas coisas devem-se à bruxaria, comentando, para cada evento: "Fulano foi embruxado". Os fatos não se explicam a si mesmos, ou fazem-no apenas parcialmente. Eles só podem ser integralmente explicados levando-se em consideração a bruxaria.

Podemos captar a extensão total das idéias de um zande sobre causalidade apenas se o deixarmos preencher as lacunas sozinho; caso contrário nos perderíamos em convenções lingüísticas. Ele diz: "Fulano foi embruxado e se matou." Ou, mais simplesmente: "Fulano foi morto por bruxaria." Mas ele está falando da causa última da morte de fulano, não das causas secundárias. Você pode perguntar: "Como ele se matou?", e seu interlocutor dirá que fulano cometeu suicídio enforcando-se num galho de árvore. Você pode também inquirir: "Por que ele se matou?", e ele dirá que foi porque fulano estava zangado com os irmãos. A causa da morte foi enforcamento numa árvore, e a causa do enforcamento foi a raiva dos irmãos. Se então você perguntar a um zande por que ele disse que o homem estava embruxado, se cometeu suicídio em razão de uma briga com os irmãos, ele lhe dirá que somente os loucos cometem suicídio, e que se todo mundo que se zangasse com seus irmãos cometesse suicídio, em breve não haveria mais gente no mundo; se aquele homem não tivesse sido embruxado, não faria o que fez. Se você persistir e perguntar por que a bruxaria levou o homem a se matar, o zande lhe dirá que acha que alguém odiava aquele homem; e se você perguntar por que alguém o odiaria, seu informante vai dizer que assim é a natureza humana.

Se os Azande não podem enunciar uma teoria da causalidade em termos aceitáveis para nós, eles descrevem, entretanto, os acontecimentos num idioma que é explanatório. Estão cientes de que são circunstâncias particulares de eventos em sua relação com o homem, sua nocividade para uma pessoa em particular, que constituem a evidência da bruxaria. A bruxaria explica *por que* os acontecimentos são nocivos, e não *como* eles acontecem. Um zande percebe como eles acontecem da mesma forma que nós. Não vê um bruxo atacando um homem, mas um elefante. Não vê um bruxo derrubar um celeiro, mas

térmitas roendo seus esteios. Não vê uma labareda psíquica incendiando o telhado, mas apenas um feixe de palha aceso. Sua percepção de como os eventos ocorrem é tão clara quanto a nossa.

4

A crença zande na bruxaria não contradiz absolutamente o conhecimento empírico de causa e efeito. O mundo dos sentidos é tão real para eles como para nós. Não nos devemos deixar enganar por seu modo de exprimir a causalidade e imaginar que, por dizerem que um homem foi morto por bruxaria, negligenciem inteiramente as causas secundárias que, em nosso modo de ver, são as razões reais daquela morte. O que eles estão fazendo aqui é abreviando a cadeia de eventos e selecionando a causa socialmente relevante numa situação social particular, deixando o restante de lado. Se um homem é morto por uma lança na guerra, uma fera numa caçada, ou uma mordida de cobra, ou de uma doença, a bruxaria é a causa socialmente relevante, pois é a única que permite intervenção, determinando o comportamento social.

A crença na morte por causas naturais e a crença na morte por bruxaria não são mutuamente exclusivas. Pelo contrário, elas se suplementam, cada uma justificando o que a outra não explica. Além disso a morte não é somente um fato natural — é também um fato social. Não se trata simplesmente de um coração ter parado de bater, e dos pulmões não mais bombearem ar para o interior de um organismo; trata-se também da destruição de um membro de uma família e grupo de parentesco, de uma comunidade e uma tribo. A morte leva à consulta de oráculos, à realização de ritos mágicos e à vingança. Dentre todas as causas de morte, a bruxaria é a única que possui alguma relevância para o comportamento social. A atribuição do infortúnio à bruxaria não exclui o que nós chamamos de “causas reais”, mas superpõe-se a estas, dando aos eventos sociais o valor moral que lhes é próprio.

O pensamento zande é capaz de exprimir com muita clareza as relações entre as noções de causalidade mística e causalidade natural por meio de uma metáfora venatória. Os Azande sempre dizem da bruxaria que ela é a *umbaga*, ou “segunda lança”. Quando os Azande matam a caça, há uma divisão da carne entre o homem que primeiro atingiu o animal e o que lhe cravou a segunda lança. Esses dois são considerados os matadores do animal, e o dono da segunda lança é chamado o *umbaga*. Assim, se um homem é morto por um elefante, os Azande dizem que o elefante é a primeira lança, que a bruxaria é a segunda lança, e que, juntas, elas o mataram. Se um homem mata outro com

uma lançada na guerra, o homicida é a primeira lança, a bruxaria é a segunda; juntas, as duas o mataram.

Como os Azande reconhecem a pluralidade das causas, e é a situação social que indica qual a causa relevante, podemos entender por que a doutrina da bruxaria não é usada para explicar qualquer fracasso ou infortúnio. Por vezes a situação social exige um julgamento causal de senso comum, não-místico. Assim, se você conta uma mentira, comete adultério, rouba ou trai seu príncipe e é descoberto, não pode escapar à punição dizendo que foi embruxado. A doutrina zande declara enfaticamente que “bruxaria não faz uma pessoa dizer mentiras”, “bruxaria não faz uma pessoa cometer adultério”. “A bruxaria não coloca o adultério dentro de um homem; essa ‘bruxaria’ está em você mesmo (você é o responsável), isto é, seu pênis fica ereto; ele vê os cabelos da esposa de um homem e fica ereto, porque a única ‘bruxaria’ é ele mesmo” (‘bruxaria’ aqui está sendo usada metaforicamente). “Bruxaria não faz uma pessoa roubar”; “bruxaria não torna uma pessoa desleal”. Apenas uma vez ouvi um zande alegar que estava embruxado quando havia cometido uma ofensa, e isso foi quando mentiu para mim; mesmo nessa ocasião, todos os presentes riram dele e lhe disseram que bruxaria não faz ninguém dizer mentiras.

Se um homem assassina outro membro da tribo com lança ou faca, ele é executado. Num caso como este, não é preciso procurar um bruxo, pois já se tem o alvo contra o qual a vingança pode ser dirigida. Se, por outro lado, é um membro de uma outra tribo que lanceou um homem, seus parentes ou seu príncipe tomarão medidas para descobrir o bruxo responsável pelo fato.

Seria traição afirmar que um homem executado por ordem de seu rei, por ofensa à autoridade real, foi morto por bruxaria. Se um homem consultasse os oráculos para descobrir o bruxo responsável pela morte de um parente que foi executado por ordem do rei, estaria correndo o risco de ser ele próprio executado. Pois aqui a situação social exclui a noção de bruxaria, como em outras ocasiões negligencia os agentes naturais e focaliza apenas a bruxaria. Do mesmo modo, se um homem for morto por vingança porque os oráculos disseram que era um bruxo e assassinara outro homem com sua bruxaria, então seus parentes não poderão dizer que ele foi morto por bruxaria. A doutrina zande decide que ele morreu nas mãos dos vingadores porque era um homicida. Se um de seus parentes insistisse que, na verdade, aquele homem morrera por bruxaria, e levasse o caso adiante até consultar o oráculo de veneno, poderia ser punido por ridicularizar o oráculo real — pois fora o oráculo de veneno real que confirmara oficialmente a culpa do bruxo, e fora o próprio rei que permitira a realização da vingança.

Nessas situações, a bruxaria é irrelevante e, se não completamente excluída, não é indicada como o principal fator causal. Assim como, em nossa pró-

pria sociedade, uma teoria científica da causalidade é, embora não excluída, considerada irrelevante em questões de responsabilidade moral e legal, assim também na sociedade zande a doutrina da bruxaria, embora não excluída, é tida por irrelevante nas mesmas situações. Nós aceitamos explicações científicas das causas das doenças e mesmo das causas da loucura, mas negamos essas explicações nos casos de crime e pecado, porque aqui elas entram em conflito com a lei e a moral, que são axiomáticas. O zande aceita uma explicação mística das causas de infortúnios, doenças e mortes, mas recusa essa explicação se ela se choca com as exigências sociais expressas na lei e na moral.

Portanto, a bruxaria não é considerada como uma causa do fracasso de algo, se um tabu foi quebrado. Se uma criança adoece, e é sabido que seus pais tiveram relações sexuais antes que ela fosse desmamada, a causa da morte já está contida na ruptura de um interdito ritual, e a questão da bruxaria não se coloca. Se um homem contrai lepra, e existe, no seu caso, uma história de incesto, então o incesto é a causa da lepra, não a bruxaria. Nesses casos, porém, dá-se uma situação curiosa, porque se a criança ou o leproso morrerem, faz-se necessário vingar sua morte, e o zande não vê a menor dificuldade em explicar o que para nós parece ser um comportamento extremamente ilógico. E faz segundo os mesmos princípios aplicados quando um homem é morto por um animal feroz, e ele invoca a mesma metáfora da “segunda lança”. Nos casos acima mencionados, há realmente três causas da morte de uma pessoa. Existe a doença de que ela morreu — lepra, no caso do homem, e alguma febre, talvez, no caso da criança. Essas doenças não são em si produtos de bruxaria, pois existem nelas mesmas, exatamente como um búfalo ou um celeiro existem em si mesmos. Há ainda, em seguida, a quebra de um tabu, no caso do desmame e no caso do incesto. A criança e o homem tiveram febre e lepra porque um tabu foi quebrado. A quebra do tabu foi a causa das doenças, mas as doenças não os teriam morto se a bruxaria não estivesse agindo também. Se a bruxaria não estivesse presente como “segunda lança”, eles teriam tido febre e lepra do mesmo modo, mas não morreriam por isso. Nesses exemplos há duas causas socialmente significantes: quebra de tabu e bruxaria, ambas relativas a diferentes processos sociais, e cada uma é sublinhada por pessoas diferentes.

Mas quando há quebra de um tabu e a morte não ocorre, a bruxaria não será mencionada como causa de infortúnio. Se um homem come um alimento proibido depois de ter realizado uma poderosa magia punitiva, ele pode morrer, e nesse caso a razão de sua morte é conhecida de antemão, pois ela está contida nas condições da situação em que ele morreu, mesmo que a bruxaria também estivesse operando. Mas isso não quer dizer que ele morrerá. O

que inevitavelmente sucederá é que a droga mágica que ele preparou deixará de funcionar contra a pessoa a que se destinava, e deve ser destruída sob pena de se voltar contra o mago que a enviou. O fracasso da droga em atingir seu objetivo deve-se à quebra de um tabu, e não à bruxaria. Se um homem teve relações sexuais com a esposa e no dia seguinte consulta o oráculo de veneno, este não revelará a verdade, e sua eficácia oracular estará permanentemente prejudicada. Se um tabu não tivesse sido quebrado, dir-se-ia que a bruxaria fez o oráculo mentir, mas o estado da pessoa que assistiu à sessão dá uma razão para seu malogro em ouvir a verdade, sem que seja preciso invocar a noção de bruxaria como agente causal. Ninguém vai admitir que tenha quebrado um tabu antes de consultar o oráculo de veneno, mas quando um oráculo mente todos estão prontos a admitir que algum tabu deve ter sido quebrado por alguém.

Do mesmo modo, quando o trabalho de um ceramista se quebra na cozedura, a bruxaria não é a única causa possível da calamidade. Inexperiência e falta de habilidade artesanal podem ser outras razões do fracasso, ou o ceramista pode ter tido relações sexuais na noite anterior. O próprio artesão atribuirá seu fracasso à bruxaria, mas outras pessoas podem não ser da mesma opinião.

Nem mesmo todas as mortes são invariável e unanimemente atribuídas à bruxaria ou à quebra de um tabu. As mortes de bebês causadas por certas doenças são vagamente atribuídas ao Ser Supremo. Assim também, se um homem cai repentina e violentamente doente, morrendo logo a seguir, seus parentes podem ter certeza de que um feiticeiro fez magia contra ele, e não que um bruxo o matou. Uma quebra das obrigações entre irmãos de sangue pode exterminar grupos inteiros de parentes; assim, quando irmãos e primos vão morrendo uns após os outros, é ao sangue, e não à bruxaria que as outras pessoas atribuirão as mortes, embora os parentes dos mortos procurem vingá-los nos bruxos. Quando morre um homem muito idoso, os não-aparentados dizem que ele morreu de velhice, mas não o fazem em presença de parentes, pois estes declaram que a bruxaria foi responsável pela morte.

Acredita-se também que o adultério possa causar infortúnios, embora seja apenas um fator concorrente, já que a bruxaria também está presente. Diz-se que um homem pode ser morto na guerra ou num acidente de caça por causa das infidelidades de sua esposa. Portanto, antes de ir à guerra ou partir para uma grande expedição de caça, um homem pode pedir à esposa que divulgue o nome de seus amantes.

Mesmo quando não ocorrem infrações à lei ou à moral, a bruxaria não é a única razão a que se atribui um fracasso. Incompetência, preguiça, ignorância podem ser indicadas como causas. Quando uma menina quebra a bilha

d'água, ou um menino esquece de fechar a porta do galinheiro à noite, eles serão severamente repreendidos pelos pais por sua estupidez. Os erros das crianças são atribuídos ao descuido ou à ignorância, e ainda pequenas elas são ensinadas a evitá-los. Os Azande não dizem que esses erros são causados por bruxaria, ou, mesmo que dispostos a aceitar a possibilidade da bruxaria, consideram a estupidez a causa principal. Ademais, o zande não é ingênuo a ponto de culpar a bruxaria pela quebra de um pote durante a cozedura se exames posteriores revelam que um seixo foi deixado na argila; ou pela fuga de um animal de sua armadilha se alguém o espantou com um movimento ou barulho. As pessoas não culpam a bruxaria se uma mulher queima o mingau, ou se o serve cru ao marido. E quando um artesão inabilidoso faz um banco grosseiro, ou que racha, isso é atribuído à sua inexperiência.

Em todos esses casos, o homem que sofre o infortúnio possivelmente dirá que ele se deve à bruxaria, mas os outros não farão o mesmo. Devemos lembrar contudo que um infortúnio sério, especialmente se resulta em morte, é normalmente atribuído por todos à ação da bruxaria — e especialmente pela vítima e seus parentes, por mais que tal desgraça tenha sido causada pela incompetência ou falta de autocontrole. Se um homem cai no fogo e se queima seriamente, ou cai num fojo e quebra o pescoço ou a perna, isso será automaticamente atribuído à bruxaria. Assim, quando seis ou sete filhos do príncipe Rikita ficaram encurralados num anel de fogo ao caçar ratos do brejo, morrendo queimados, suas mortes foram indubitavelmente causadas por bruxaria.

Desse modo, vemos que a bruxaria tem sua própria lógica, suas próprias regras de pensamento, e que estas não excluem a causalidade natural. A crença na bruxaria é bastante consistente com a responsabilidade humana e com uma apreciação racional da natureza. Antes de mais nada, um homem deve desempenhar qualquer atividade conforme as regras técnicas tradicionais, que consistem no conhecimento testado por ensaio e erro a cada geração. É apenas quando ele fracassa, apesar de sua adesão a essas regras, que vai imputar a sua falta de sucesso à bruxaria.

5

Freqüentemente indaga-se se os povos primitivos distinguem entre o natural e o sobrenatural. Essa questão pode ser respondida de forma preliminar no que concerne aos Azande. Como tal, a questão pode querer dizer: os povos primitivos distinguem entre o natural e o sobrenatural em termos abstratos? Nós possuímos a noção de um mundo ordenado de acordo com o que cha-

mamos leis naturais; mas algumas pessoas em nossa sociedade acreditam que podem ocorrer certas coisas misteriosas que não podem ser explicadas por meio dessas leis naturais; e que portanto essas coisas transcendem supostamente tais leis; e chamamos esses eventos de sobrenaturais. Para nós, sobrenatural significa quase o mesmo que anormal ou extraordinário. Os Azande certamente não possuem tais noções a respeito da realidade. Eles não têm uma concepção do "natural" tal como nós o entendemos, e, por conseguinte, tampouco do "sobrenatural" tal como nós o entendemos. A bruxaria representa para os Azande um evento que, embora talvez infreqüente, é ordinário, e não extraordinário. É um acontecimento normal, e não anormal. Mas embora não atribuam a natural e sobrenatural os significados que os europeus cultos concedem a essas noções, distinguem os dois domínios. Assim, nossa pergunta pode ser formulada, e deve ser formulada, de outra maneira. O que deveríamos perguntar é se os povos primitivos vêem alguma diferença entre os acontecimentos que nós — os observadores — classificamos como naturais e os acontecimentos que classificamos como místicos. Os Azande percebem indubitavelmente uma diferença entre aquilo que consideramos como as ações da natureza, por um lado, e as ações da magia, dos espíritos e da bruxaria, por outro, embora, na ausência de uma doutrina formulável sobre a legalidade natural, não possam exprimir a diferença tal como nós o fazemos.

A noção zande de bruxaria é incompatível com nossos modos de pensar. Mas mesmo para os Azande existe algo de peculiar na ação da bruxaria. Ela só pode ser percebida normalmente em sonhos. Não se trata de uma noção evidente; ela transcende a experiência sensorial. Os Azande não afirmam que compreendem perfeitamente a bruxaria. Sabem que ela existe e age maleficamente, mas podem apenas conjecturar sobre a maneira pela qual age. E realmente, sempre que eu discutia sobre bruxaria com os Azande, surpreendia-me pela atitude dubitativa e hesitante que assumiam frente ao assunto, não apenas no que diziam, mas sobretudo em sua maneira de dizê-lo, em contraste com o conhecimento desembaraçado e fluente que demonstram a respeito dos eventos sociais e das técnicas econômicas. Eles se sentiam perdidos ao tentar explicar de que forma a bruxaria alcança seus objetivos. Que ela mata pessoas, é óbvio, mas como as mata, não se sabe exatamente. Sugeri-lhes que talvez fosse melhor consultar um homem mais velho, ou um adivinho, para maiores informações. Mas os homens mais velhos e os adivinhos são capazes de dizer pouco mais que os jovens e os leigos. Eles sabem apenas o que todos sabem: que a alma da bruxaria vaga à noite e que devora a alma de suas vítimas. Só os próprios bruxos entendem desses assuntos em profundidade. Na verdade, os Azande experimentam sentimentos, mais que

idéias, sobre a bruxaria, pois seus conceitos intelectuais sobre ela são fracos, e eles sabem mais o que fazer quando atacados por ela do que como explicá-la. A resposta é a ação, não a análise.

Não existe uma representação elaborada e consistente da bruxaria que dê conta detalhadamente de seu funcionamento, como tampouco há uma representação elaborada e consistente da natureza que esclareça sua conformidade com seqüências e inter-relações funcionais. O zande atualiza essas crenças, mais que as intelectualiza, e seus princípios são exprimidos mais em comportamentos socialmente controlados que em doutrinas. Daí a dificuldade em se discutir o tema da bruxaria com os Azande, pois suas idéias a esse respeito estão aprisionadas na ação, não podendo ser utilizadas para explicar e justificá-la.

As vítimas de infortúnios buscam os bruxos entre os inimigos

I

Devemos agora abordar a bruxaria de uma forma mais objetiva, pois ela é um modo de comportamento, tanto quanto um modo de pensamento. O leitor tem o direito de perguntar o que faz um zande quando é embruxado, como descobre quem o está embruxando, como manifesta seu ressentimento, que medidas toma para se proteger e que sistema de controle inibe uma retaliação violenta.

Somente se pode exigir vingança ou indenização por danos causados pela bruxaria quando o infortúnio sofrido é a morte de alguém. Nas perdas menores, tudo o que se pode fazer é apontar o bruxo e persuadi-lo a interromper sua influência nefasta. Quando um homem sofre uma perda irreparável, portanto, é inútil levar a questão adiante, já que não pode obter compensação, e que um bruxo não pode desfazer o que já foi feito. Em tais circunstâncias, um zande lamenta sua desventura e culpa a bruxaria em geral; mas é improvável que se esforce por identificar um bruxo determinado, pois o acusado negará sua responsabilidade ou dirá que não tem consciência de ter feito mal a alguém; e que, se o fez, foi involuntariamente, o que ele lamenta muito; de qualquer forma, a vítima fica na mesma.

Mas quando o infortúnio é ainda incipiente, há boas razões para uma identificação imediata do bruxo, pois este pode ser persuadido a interromper sua bruxaria antes que as coisas se agravem. Se a caça escasseia no final da estação, é inútil descobrir os bruxos que a espantaram; mas no auge da estação, a identificação dos bruxos pode assegurar um bom resultado. Se um homem é mordido por uma cobra venenosa, ele fica bom logo ou morre. Quando se cura, de nada adianta consultar os oráculos para saber o nome do bruxo responsável pela mordida. Mas se um homem cai doente, e a doença promete ser séria e demorada, então seus parentes buscam o bruxo responsável para que a balança pese mais do lado da cura que da morte.

Mais adiante explicaremos a maneira pela qual operam os oráculos. Aqui falaremos apenas dos veredictos como parte do mecanismo social de controle da bruxaria. É evidente que, quando um bruxo é denunciado pelos oráculos,

se cria uma situação perigosa, pois o homem prejudicado e seus parentes ficam furiosos com uma afronta à sua dignidade e um ataque ao seu bem-estar por parte de um vizinho. Ninguém aceita tranqüilamente que outros estraguem sua caçada ou prejudiquem sua saúde por despeito e inveja; e os Azande com certeza agrediriam pessoalmente os bruxos que lhes prejudicam, se não existissem canais tradicionais, apoiados na autoridade política, de controle do ressentimento.

Devo novamente lembrar que não estamos tratando de crimes passíveis de serem levados a tribunais e punidos, nem de delitos civis para os quais se possa exigir uma indenização legal. A não ser que um bruxo realmente mate um homem, é impossível processá-lo no tribunal de um príncipe; e não registrei qualquer caso de bruxos punidos por terem causado outros danos. Alguns anciãos, porém, disseram-me que antigamente um favorito da corte podia persuadir um príncipe a conceder-lhe indenização pela perda total, por fogo ou praga, de sua colheita de eleusina.

O processo descrito neste capítulo é portanto o costumeiro, no qual a questão da retaliação não se coloca. Desde que a parte ofendida e o bruxo observem as formas corretas de comportamento, o incidente estará encerrado sem qualquer troca de palavras ásperas e muito menos golpes; na verdade, sem que nem mesmo as relações entre as partes fiquem estremecidas. Você tem o direito de pedir a um bruxo que lhe deixe em paz e pode inclusive avisá-lo de que, caso seu parente morra, ele será acusado de assassinato; mas não deve insultá-lo ou fazer-lhe mal. Pois um bruxo é também um companheiro de tribo que, enquanto não estiver matando as pessoas, tem o direito de viver sem ser molestado. O bruxo, por seu lado, deve seguir o costume e desfazer sua bruxaria quando assim solicitado por aqueles a quem ela está prejudicando. Se um homem agredisse um bruxo, perderia prestígio, poderia ser processado por danos no tribunal e ainda por cima estaria despertando mais rancor por parte do bruxo; o objetivo de todo o procedimento costumeiro, ao contrário, é acalmar ressentimentos e fazer com que o bruxo retire sua bruxaria por meio de um pedido cortês para que cesse de molestar sua vítima a partir daquele momento. Por outro lado, se um bruxo recusar-se a atender a uma solicitação feita nos termos tradicionais, ele perderá prestígio, estará admitindo abertamente sua culpa e correrá grave risco, pois se causar a morte de suas vítimas sofrerá inevitável retaliação.

2

Não se deve imaginar que os Azande consultem o oráculo de veneno ou mesmo oráculos mais baratos e acessíveis por qualquer dúvida ou infortúnio. A

vida é curta demais para estar sempre a consultar oráculos, e além disso, para quê? Há sempre bruxaria por aí, é impossível erradicá-la da vida. Um homem sempre faz inimigos e não pode estar o tempo todo a denunciá-los por bruxaria. É preciso aprender a conviver com o risco. Por isso, quando um zande diz que determinada perda que sofreu se deve à bruxaria, ele está simplesmente manifestando seu desapontamento por meio das manifestações usuais que tais situações evocam; não se deve supor que ele esteja emocionalmente abalado, ou que vai correr para descobrir quem são os bruxos responsáveis por seu infortúnio. Em noventa por cento dos casos, nada faz. Ele é um filósofo e sabe que, na vida, o mal deve ser aceito junto com o bem.

O zande só consulta oráculos e adivinhos sobre a bruxaria quando sua saúde é afetada e em seus empreendimentos sociais e econômicos mais sérios. Em geral ele os consulta a respeito de possíveis infortúnios vindouros, pois está preocupado sobretudo em saber se determinadas empresas podem ser iniciadas com segurança, ou se já existe alguma bruxaria ameaçando-as mesmo antes de começadas. Por exemplo: um homem deseja enviar seu filho para ser educado como pajem na corte do rei, ou deseja fazer uma viagem até os Bongo, ao norte do reino de Gbudwe, para conseguir carne ou óleo da árvore-manteiga; os projetos podem terminar em desastre se a bruxaria os ameaça. Caso o oráculo diga que tais projetos não são auspiciosos, ele os abandona. Ninguém o censurará por tal desistência, uma vez que seria suicídio prosseguir quando o oráculo de veneno pronunciou um veredicto adverso. Nos exemplos citados, ele tanto pode desistir de seus projetos quanto esperar um ou dois meses, e então consultar novamente os oráculos; aí talvez eles forneçam um veredicto diferente, pois a bruxaria pode não mais estar ameaçando seus planos. Um homem pode ainda, digamos, desejar mudar sua residência, semear sua principal roça de eleusina, ou cavar um fojo para caça, e consulta os oráculos sobre os locais mais indicados. Ele pergunta: devo construir minha casa neste lugar? Devo preparar este pedaço de terra para minha plantação de eleusina? Devo cavar um fojo neste ponto? Se o oráculo de veneno se pronuncia contra um local, ele pode perguntar sobre outros, até surgir o veredicto de que um deles é auspicioso e não haverá perigo para a saúde de sua família ou para o sucesso da empresa. De nada adianta esfalfar-se em construir uma nova residência, derrubar mato para abrir as roças, ou cavar um fojo largo e fundo para elefantes se a pessoa sabe que a empresa está condenada antes mesmo de começar. Se a bruxaria assegura de antemão o fracasso, por que não escolher outro sítio, no qual o esforço colherá seu justo prêmio? Um homem quer casar com uma jovem e consulta o oráculo de veneno para saber se o casamento será um sucesso, ou se a esposa morrerá em sua casa logo nos

primeiros anos de convivência. Neste caso, o veredicto adverso dos oráculos envolve um processo mais complexo, pois uma jovem não é uma roça de eleusina ou um sítio de moradia; e não se pode interrogar os oráculos sobre uma série de mulheres como é possível fazer a respeito de lugares no mato. O zande deve aqui descobrir quais bruxos, em particular, estão ameaçando seu futuro casamento, para então persuadi-los a cessarem sua animosidade contra ele. Depois de ter conversado com os bruxos, deixa as coisas esfriarem um pouco, e então volta a consultar os oráculos para saber se ainda há perigo à vista, ou se o caminho está limpo para o casamento. Pois é inútil casar-se com uma jovem que, sabe-se de antemão, vai morrer se desposá-lo.

Cabe observar que, quando um zande afirma que um empreendimento está embruxado, ele pode estar mentindo. Como não se espera que alguém cumpra uma obrigação se isso acarretar desastre, o jeito mais fácil de fugir dela é dizer que os oráculos informaram que você morrerá se insistir na empresa. Ninguém pode esperar que você corra o risco. Em vista disso, às vezes abusa-se da boa-fé alheia. Se você não quer mandar seu filho para ser pajem na corte real, acompanhar um amigo até os Bongo, dar sua filha em casamento ao homem a quem você a prometeu, ou deixar sua esposa visitar os parentes, basta-lhe alegar que os oráculos pressagiam a morte como resultado desses empreendimentos. Esses circunlóquios, porém, permitem-lhe adiar, mas não fugir definitivamente de suas obrigações; as pessoas com quem você está comprometido — o rei, o amigo, o futuro genro, os sogros —, todas elas, irão consultar os próprios oráculos para verificar as alegadas declarações do seu oráculo. E mesmo que as declarações dos oráculos delas concordem com o que você mentirosamente afirmou serem as declarações do seu oráculo, isso o liberará de suas obrigações apenas por algum tempo. As pessoas envolvidas logo tomarão providências para descobrir o bruxo que ameaça seu futuro, e quando tiverem convencido esse bruxo a retirar a influência, você vai ter que inventar outra desculpa. Assim, vemos que os oráculos são meios de impor comportamentos, mas sua autoridade pode ser impropriamente usada para se fugir ao dever. Não obstante, nenhum zande afirmaria que um oráculo disse algo diferente do que realmente disse. Se um indivíduo quer mentir, pretende ter obtido uma declaração oracular sem ter de fato consultado oráculo algum.

3

Em geral o zande consulta os oráculos a respeito de sua própria saúde e entra em contato com os bruxos segundo certas etapas costumeiras. Os parentes ou

a família de um doente descobrirão quem o está embruxando e solicitarão do bruxo que cesse seu procedimento. Mas muitos Azande que estão em perfeita saúde costumam consultar um dos oráculos no início de cada mês para saber como estará sua saúde naquele período; pude notar que, em cada consulta ao oráculo de atrito,* um homem quase invariavelmente pergunta se morrerá em futuro próximo. Se o oráculo disser que alguém está ameaçando sua saúde e que ele morrerá em breve, o homem voltará para casa abatido, pois os Azande não dissimulam sua ansiedade em tais circunstâncias. O mais alegre de meus amigos zande ficaria deprimido até que tivesse anulado o veredicto do oráculo, fazendo com que o bruxo que o ameaçava se aquietasse. Duvido, contudo, que jamais algum zande tenha morrido ou ficado séria e demoradamente perturbado pelo conhecimento de que estava embruxado; nunca deparei com um caso de morte por sugestão desse tipo.

Um zande que está doente ou foi informado pelos oráculos de que está prestes a cair doente sempre dispõe de meios para enfrentar a situação. Consideremos a atitude de um homem que está perfeitamente bem de saúde, mas que sabe de antemão que irá adoecer, a menos que reaja à bruxaria. Ele não convoca um curandeiro nem toma remédios, mas todo o resto de seu comportamento ritual é o mesmo que seguiria caso estivesse realmente doente. Ele procura um parente ou amigo que possua algum oráculo de veneno e pede-lhe que o consulte em seu nome. Após conseguir algumas galinhas, ele e seu amigo esgueiram-se para um lugar sossegado no mato, onde realizam uma sessão oracular. O homem cuja saúde está ameaçada trouxe consigo uma asa da ave que morreu como prognóstico nefasto para o mês entrante. Coloca a asa no chão, diante do oráculo de veneno, para mostrar concretamente a este a natureza das questões que lhe serão colocadas. Os dois amigos dizem então ao oráculo de veneno que desejam um prognóstico mais detalhado do que o já disponível, que vieram apresentar certos nomes diante dele e querem saber qual dessas pessoas pretende prejudicar a saúde do consulente. Tomam de uma galinha, em nome de uma pessoa, despejam o veneno em sua goela e perguntam ao oráculo de veneno se é esse homem o bruxo ou não. Se o oráculo diz que aquela pessoa em particular nada tem a ver com a saúde do consulente, então tomam de uma segunda galinha, em nome de uma segunda pessoa, e repetem o teste. Quando o oráculo mata uma ave ligada ao nome de um homem, ou seja, declara que é este o homem que vai causar a doença do consulente no mês que começa, eles então perguntam se este é o único bruxo a ameaçar seu bem-estar, ou se há outros no horizonte. Se o oráculo diz que

* *Rubbing-board oracle*; ver adiante. (N.T.)

há outros, eles devem então descobri-los, até que o oráculo diga não haver mais necessidade de perguntas, pois eles estão de posse dos nomes de todos os bruxos que causarão a doença do consulente. Evidentemente isso envolve uma série de consultas em vários dias consecutivos, consumindo horas em preparativos e na execução. Mas um zande não considera este um tempo perdido, pois está procurando evitar males e desventuras, talvez até a morte, que seriam inevitáveis em quaisquer outras circunstâncias.

Um homem que está realmente doente, e não apenas apreensivo com o futuro, muitas vezes se recolhe a uma cabana de palha no mato onde pode se esconder da bruxaria. É a partir desse abrigo secreto que organiza sua defesa. Pede a um parente próximo, a um genro, ou a alguma outra pessoa em quem confie que consulte o oráculo de veneno em seu nome. Essa pessoa fará ao oráculo as mesmas perguntas que indiquei acima, salvo que, agora, o que se pergunta é quem está realmente prejudicando o doente, e não quem irá fazê-lo no futuro.

Eu disse que os Azande consultam o oráculo de veneno, mas o provável é que as pesquisas se iniciem com uma consulta ao oráculo de atrito, o qual apontará, dentre um grande número de nomes, vários bruxos que podem ser responsáveis pela doença. Se o homem é pobre, ele vai então colocar os nomes selecionados pelo oráculo de atrito diante dos oráculos das térmitas, mas, se conseguir obter veneno oracular e galinhas, utilizará o oráculo de veneno.

Não quero entrar aqui nos complicados detalhes técnicos dos oráculos, mas suponhamos que o oráculo do atrito tenha escolhido o nome do bruxo responsável, que o oráculo de veneno tenha confirmado esse veredicto e que ambos tenham declarado que apenas aquele homem está causando a doença sobre a qual se busca informação. Existem então duas linhas de ação abertas ao doente e seus parentes. Descreverei primeiro a menos usual. Devemos lembrar que os Azande precisam evitar uma briga aberta com o bruxo, pois isso só o irritaria mais, e talvez fizesse com que ele levasse o doente à morte; de qualquer forma, isso envolveria os agressores em sérias dificuldades sociais e até legais.

Sendo assim, eles podem *de kuba*, proferir uma oração pública, em que declaram saber o nome do bruxo que está prejudicando o parente deles, mas que não querem desmascará-lo e, com isso, envergonhá-lo; portanto, como o estão respeitando, esperam que ele retribua a gentileza deixando seu parente em paz. Esse procedimento é especialmente adequado quando o bruxo é uma pessoa de posição social, que eles não desejam afrontar, ou alguém que goze da consideração e estima de seus companheiros e eles não desejam humilhar. O bruxo compreenderá pela oração que se trata dele, enquanto os demais

continuarão ignorando sua identidade. O discurso é pronunciado em estilo dramático, logo depois do pôr-do-sol ou ao alvorecer. O orador sobe num ninho de térmitas e lança um grito agudo: "Hai! Hai! Hai!", para atrair a atenção dos vizinhos. Todos acorrem imediatamente, pois esse grito é o mesmo que se dá quando algum animal é avistado, ou quando um homem armado é descoberto de emboscada no matagal. O orador repete seu grito várias vezes e então diz a seus ouvintes que não é por causa de um animal que os está chamando, mas sim porque lhes quer falar de bruxaria. O texto a seguir é um exemplo do que se passa:

Hai! Hai! Hai! Não é um animal, Oh! Não é um animal, Oh! Eu hoje consultei o oráculo de atrito, e ele me disse que aqueles homens que estão matando meu parente não estão longe, eles andam por perto, e que são esses meus vizinhos que estão matando meu parente. Agora eu quero honrá-los, dizendo a todos vocês que não revelarei seu nome [o nome do bruxo]. Não o denunciarei. Se ele tem ouvidos, ouvirá o que estou dizendo. Se meu parente morrer, eu farei magia, e então alguém morrerá, e meu nome ficará manchado porque guardei silêncio. É por isso que estou lhes dizendo que, se meu parente continuar doente até morrer, certamente revelarei o nome desse homem, para que todos o saibam. Desde que sou vizinho de vocês, nunca senti cobiça pelo que têm em suas casas; nunca mostrei má vontade contra homem nenhum; não cometi adultério com a esposa de ninguém; não matei o filho de ninguém; não roubei os bens de outros homens; não fiz nenhuma dessas coisas que despertariam o rancor de um homem contra mim. Oh, súditos de Gbudwe, vocês são mesmo homens de má vontade! Por que estão matando meu parente? Se ele fez algo de mal, deviam ter vindo a mim, dizendo: 'Seu parente provocou vingança contra si mesmo'. Não assassinem meu parente. Foi assim que falei. Falei até demais. Para o homem que tem ouvidos, basta que se digam umas poucas palavras, e ele as escuta. Depois do que falei para vocês, não vou mais sobrecarregar minha boca, mas daqui por diante apontarei quem é esse homem e exporei seu rosto. Todos vocês ouviram bem minhas palavras. Está terminado.

Se o bruxo não ficar convencido por uma oração dessas de que deve cessar suas atividades, os parentes do doente recorrem a um processo que é geralmente empregado logo depois que o oráculo de veneno o identificou, sem ser precedido por uma oração pública. Pois uma oração só é feita se parecer mais conveniente e tiver sido previamente autorizada pelo oráculo de atrito. O procedimento normal é colocar os nomes de todos os suspeitos diante do oráculo de atrito e deixar que ele selecione os culpados de terem causado a doença. Se um homem está gravemente enfermo, os parentes imediatamente dão a

conhecer o veredicto do oráculo de atrito; caso contrário, colocam os nomes selecionados por esse oráculo diante do oráculo de veneno, pois este é considerado o mais digno de confiança, e em geral a denúncia de bruxos só é feita a partir de suas declarações. O oráculo de veneno pode apontar um ou vários bruxos como responsáveis pela doença, mas o procedimento é o mesmo, seja qual for o número de acusados. Corta-se a asa da ave que morreu quando se enunciou o nome de um bruxo e espeta-se ela num graveto pontudo, arrumando as penas em forma de um leque, que os consulentes levam para casa após a sessão. Um dos parentes do doente leva a asa então ao delegado de um príncipe — nem sempre um príncipe está acessível; aliás, ele não gostaria de ser importunado com qualquer pequeno caso desse tipo. Um delegado não se importa de ser de vez em quando assediado com tais pedidos. Embora não receba honorários por esse trabalho, as solicitações são um tributo à sua importância, e assim ele tem prazer em atendê-las.

O mensageiro deposita a asa aos pés do delegado e agacha-se para informá-lo do significado dela. No estilo zande, ele começa bem do princípio, contando ao delegado como o parente ficou doente, quais foram as declarações do oráculo de atrito e finalmente qual o veredicto do oráculo de veneno. Pede então ao delegado que envie alguém com a asa para notificar o bruxo de que o oráculo de veneno o denunciou e pedir-lhe para desistir de perseguir o parente em questão. É possível que os interessados entrem diretamente em contato com o bruxo, sem o intermédio do delegado do príncipe; mas se assim fizerem, pedirão antes ao oráculo de atrito que escolha um mensageiro adequado para tratar com o bruxo. É mais avisado que eles atuem com a intermediação do delegado do príncipe, cuja posição oficial dá peso à ação deles. O delegado, por sua vez, manda um homem entregar a asa de galinha ao bruxo; o mensageiro deve em seguida relatar o comportamento do bruxo ao recebê-la. Mas antes de enviar a asa ao acusado, o delegado provavelmente consulta o oráculo de atrito para saber quem é a pessoa mais indicada para a missão. É bom não tomar decisão alguma nesses assuntos sem antes obter uma declaração oracular sobre seu sucesso. Quando o delegado se assegurou, pelo oráculo de atrito, de que determinado homem é um mensageiro auspicioso, ele o despacha com a asa de galinha para a residência do bruxo. Ao chegar, o mensageiro deposita a asa no chão, diante do bruxo, e diz simplesmente que o delegado o enviou por causa da doença de fulano de tal. Ele trata o bruxo com respeito, pois este é o costume, e afinal nada daquilo é da sua conta. Quase invariavelmente o bruxo replica cortesmente que não tem consciência de ter prejudicado ninguém, e que, se é verdade que fez mal ao homem em questão, ele sente muito; e que se for somente ele que está perturbando esse homem, com toda

certeza este vai recuperar-se, porque do fundo de seu coração ele deseja toda saúde e felicidade para o doente; e como sinal de sua boa-vontade soprará água. Pede à esposa uma cabaça de água, toma um gole, enxágua a boca com ela e depois sopra-a em chuveiro fino sobre a asa de galinha a seus pés. Em seguida declara em voz alta, para que o mensageiro ouça e comunique suas palavras, que se ele é um bruxo, ignorava tal condição, e que não está fazendo mal ao doente por querer. Diz que está interpelando a bruxaria em seu próprio ventre, suplicando-lhe que se torne fria (inativa), num apelo que parte de seu coração, e não apenas de seus lábios.

O mensageiro então retorna ao delegado, conta-lhe o que foi feito e o que testemunhou, e o delegado informa aos parentes do doente que a tarefa de que o incumbiram foi desempenhada. O mensageiro não recebe pagamento; seu serviço é considerado um ato de cortesia com o delegado e os parentes do doente. A vítima e seus amigos esperam ansiosamente alguns dias até saberem o efeito da entrega da asa de galinha ao bruxo. Se o doente mostra sinais de recuperação, eles enaltecem o oráculo de veneno por sua presteza em revelar o nome do bruxo e, assim, ter permitido o restabelecimento do doente. Mas se a doença persiste, eles iniciam uma nova rodada de consultas ao oráculo. Agora desejam saber se o bruxo estava apenas simulando arrependimento e continua tão hostil como antes, ou se, nesse meio tempo, outro bruxo entrou em cena para incomodar seu parente e agravar-lhe a doença. Em ambos os casos, a apresentação formal de asas de galinha continua sendo feita com a mediação do delegado de um príncipe.

Embora no passado os príncipes por vezes tenham tomado medidas mais drásticas para garantir sua própria segurança, os procedimentos acima descritos são de uso rotineiro em cada seção da sociedade zande em situações de doença. As chances de uma ação violenta por parte dos parentes do enfermo são minimizadas pela rotina característica do processo, pois, sendo esses modos de agir estabelecidos e de valor normativo, as pessoas não pensam, salvo muito raramente, em atuar de outro modo.

4

Além do comportamento cortês de ambas as partes ser costumeira, tendo portanto a natureza compulsória de toda ação habitual, existem outros fatores que contribuem para eliminar o conflito: a grande autoridade do oráculo de veneno — é inútil protestar contra suas declarações; o emprego de intermediários entre as partes, o que as dispensa de se encontrarem no decorrer de toda a questão; a posição social do delegado de um príncipe, visto que um in-

sulto a seu mensageiro é um insulto ao próprio príncipe; e as noções zande de bruxaria, que tornam o procedimento vantajoso para ambas as partes.

Mas, se o veredicto do oráculo de veneno é suficiente para eliminar de antemão qualquer negativa ou oposição, é preciso ser capaz de produzir uma declaração oracular válida. Se um homem acusasse outro de bruxaria sem basear sua denúncia num veredicto do oráculo de veneno, ou pelo menos no oráculo das térmitas, todos zombariam da tentativa, e talvez ele até saísse machucado da história. Por isso, os parentes de um enfermo em geral convidam alguém que não seja da família para estar presente quando consultam o oráculo de veneno. Essa pessoa poderá, assim, atestar que o oráculo foi realmente consultado da maneira correta.

Além disso, interessa a ambas as partes não criar animosidade recíproca por causa do incidente. Terão que continuar vivendo juntas, como vizinhas, cooperando na vida da comunidade. Também é de interesse mútuo que evitem demonstrar raiva ou ressentimento por uma razão mais imediata e direta. O objetivo de todo o processo é colocar o bruxo em boa disposição de ânimo por meio de um tratamento cortês. O bruxo, por sua vez, deve sentir-se agradecido em relação às pessoas que o preveniram tão educadamente do perigo que está correndo. Devemos lembrar que, como a bruxaria não tem existência real, um homem não sabe que embruxou outrem, mesmo quando tem consciência de que lhe quer mal. Ao mesmo tempo, acredita firmemente na existência da bruxaria e na precisão do oráculo de veneno, de forma que, quando o oráculo diz que ele está matando um homem por bruxaria, ficará provavelmente agradecido por ter sido avisado a tempo. Se o deixassem matar o homem, ignorando o que fazia, ele inevitavelmente seria vítima de uma vingança fatal. Pela polida indicação de um veredicto oracular, feito pelos parentes do enfermo ao bruxo que o fez ficar doente, salva-se a vida tanto do enfermo quanto do bruxo. Daí o aforismo zande: “Aquele que sopra água não morre.”

Essa máxima refere-se à ação de um bruxo quando sopra um jorro d’água de sua boca sobre a asa de galinha colocada a seus pés pelo mensageiro de um delegado. Quando o bruxo sopra água, ele “esfria” sua bruxaria. Em razão desse rito simples, garante que o enfermo se recobrará e que ele mesmo escapará da vingança. Porém os Azande sustentam firmemente que a mera ação de soprar água não tem valor em si, caso o bruxo não deseje sinceramente que o doente se recupere. Com isso asseveram o caráter moral e volitivo da bruxaria. Dizem: “Um homem deve soprar água com o coração, não apenas com os lábios”, e que “soprar água da boca não encerra o assunto; mas se a água vem da barriga, ela esfria o coração, e este é o verdadeiro soprar água.”

Tal processo de contra-ataque à bruxaria que descrevi é normalmente utilizado em situações de doença, ou quando o oráculo prediz doença para um homem que no momento pode estar em perfeita saúde. Ele também é usado para o insucesso na caça ou em outra atividade econômica, esteja esta em curso ou seja planejada quando os oráculos predizem seu fracasso antecipadamente. Sem dúvida a grande maioria de asas de galinha apresentadas aos bruxos são por motivo de casos de doença. Enquanto o doente continua vivo, seus parentes fazem todos os esforços polidos para persuadir os bruxos responsáveis a desistirem de suas predações noturnas. Até aí nenhuma infração legalmente reconhecida foi cometida. Morrendo o doente, porém, a situação muda completamente, pois então seus parentes se vêem compelidos a se vingar. Interrompem-se todas as negociações com os bruxos e tomam-se providências imediatas para a execução da vingança.

5

Minha compreensão dos sentimentos dos Azande quando embruxados foi ajudada por uma participação, ao menos relativa, em experiências semelhantes. Tentei adaptar-me à sua cultura, levando a vida de meus anfitriões tanto quanto fosse conveniente, partilhando suas esperanças e alegrias, desânimos e sofrimentos. Sob muitos aspectos, minha vida era igual à deles: contraí suas doenças, usei de suas fontes de alimento e adotei ao máximo possível seus próprios padrões de comportamento, com as resultantes amizades e inimizades. Mas foi na esfera da bruxaria que tive mais sucesso em “pensar como negro”, ou melhor dizendo, “sentir como negro”.* Eu também me acostumei a reagir aos infortúnios no idioma da bruxaria e freqüentemente precisei me esforçar para controlar meu próprio apelo à desrazão.

Vimos anteriormente como a bruxaria participa de todos os infortúnios. Infortúnio e bruxaria são basicamente a mesma coisa para um zande, pois é apenas em situações de infortúnio ou em antecipação a ele que a noção de bruxaria é evocada. Em certo sentido, pode-se dizer que bruxaria é infortúnio, que o método de consultas oraculares e apresentação de asas de aves é o canal socialmente prescrito da resposta ao infortúnio e que a noção de uma atividade-bruxaria é o substrato ideológico necessário para dar coerência lógica a tal resposta.

* No original, *thinking black e feeling black*. (N.T.)

Um bruxo ataca um homem quando motivado por ódio, inveja, ciúme e cobiça. Em geral, se ele não sente inimizade por uma pessoa, não a atacará. Portanto, um zande que sofre um infortúnio imediatamente especula sobre quem tem probabilidades de odiá-lo. Ele sabe muito bem que outros sentem satisfação com seus problemas e sofrimentos, invejando sua boa sorte. Ele sabe que, se ficar rico, os pobres irão odiá-lo; que se subir de posição social, seus inferiores terão inveja de sua autoridade; se é bonito, que os menos favorecidos terão ciúme de sua aparência; se é um caçador, músico, lutador ou orador talentoso, que será objeto da má vontade dos menos dotados; e se tem as boas graças de seu príncipe e de seus vizinhos, que será detestado por seu prestígio e popularidade.

Nas tarefas rotineiras da vida há muita oportunidade para atritos. Dentro do grupo doméstico, são freqüentes as possibilidades de mal-estar entre marido e mulher e entre co-esposas, em função da divisão do trabalho e dos ciúmes sexuais. Dentre seus vizinhos, um homem pode estar certo de ter inimigos tanto secretos quanto declarados; talvez tenha havido disputas sobre áreas de roça ou de caça; talvez tenham surgido suspeitas sobre as intenções de uma esposa, talvez alguma rivalidade nas danças, talvez se tenham pronunciado palavras irrefletidas que depois foram repetidas a outros. Um homem pode pensar que certa canção se referia a ele. Ou talvez tenha sido insultado ou espancado na corte. Ou pode ter um rival disputando os favores de um príncipe. Qualquer palavra maldosa, ato perverso ou insinuação são guardados na memória para posterior retaliação. Basta que um príncipe demonstre favoritismo por um de seus cortesãos, um marido por uma das esposas, para que os desprezados detestem o escolhido. Inúmeras vezes constatei que bastava eu ser generoso ou apenas muito amigável com um de meus vizinhos para que ele ficasse imediatamente apreensivo quanto à bruxaria; e qualquer imprevisto que o atingisse era atribuído ao ciúme que minha amizade despertara no coração de seus vizinhos.

Em geral, no entanto, um homem que acredita que os outros sentem ciúmes dele não faz nada. Continua a ser polido com todos e procura manter-se amistoso. Basta, porém, que sofra um infortúnio para acreditar que um daqueles homens o embruxou, e apresentará seus nomes diante do oráculo de veneno para saber qual é o responsável. As consultas oraculares, assim, exprimem histórias de relacionamentos pessoais, pois em geral um indivíduo só coloca diante do oráculo os nomes daqueles que o poderiam ter prejudicado em razão de algum acontecimento determinado que, em sua opinião, motivou a inimizade de tais pessoas. Frequentemente é possível, por meio das perguntas corretas, fazer remontar a apresentação de um nome diante do oráculo a algum incidente passado.

6

Uma vez que as acusações de bruxaria são suscitadas por inimizades pessoais, é evidente a razão pela qual certas pessoas nem chegam a ser consideradas, quando um doente passa em revista os nomes daqueles que lhe poderiam estar fazendo mal de forma a apresentá-los ao oráculo. Não se acusam os nobres de bruxaria, e raramente se acusam plebeus influentes; não apenas porque não seria aconselhável insultá-los, como também porque o contato social das pessoas comuns com gente dessas categorias limita-se a situações em que o comportamento recíproco está determinado por noções de status. Um homem briga com seus iguais e deles sente inveja. Um nobre está socialmente tão separado dos plebeus que, se um destes fosse brigar com ele, o caso seria antes de traição. Plebeus detestam plebeus, príncipes odeiam príncipes. Da mesma forma, um plebeu rico funciona como patrão de um plebeu pobre; dificilmente surgirão o incentivo e as oportunidades para haver suspeita entre eles. Um plebeu rico invejará outro plebeu rico, um pobre terá ciúmes de outro pobre. É muito mais fácil alguém sentir-se ofendido por palavras ou atos de um igual que de um superior ou inferior. Do mesmo modo, as mulheres entram em contato com outras mulheres, e não com homens, salvo seus maridos e parentes, de forma que é a respeito de outras mulheres que elas pedem que se consultem os oráculos; desde que não há intercuro social entre homens e mulheres não-aparentadas, é difícil surgir inimizade entre eles. Igualmente, como já vimos, crianças não embruxam adultos. Isso significa que uma criança não costuma ter relações com outros adultos, além de seus pais e parentes, capazes de despertar rancor em seu coração. Quando um adulto embruxa uma criança, é geralmente por ódio ao pai dela. A maior oportunidade de surgirem conflitos dá-se entre líderes de grupos domésticos que mantêm contato cotidiano, e são essas pessoas as que mais freqüentemente apresentam os nomes umas das outras diante dos oráculos, quando um deles ou um membro da família está doente.

Contudo, as noções de bruxaria são evocadas fundamentalmente por causa de infortúnios, e não dependem inteiramente de inimizades. Quando um homem sofre um infortúnio, ele sabe que foi embruxado, e é só aí que usa a memória para descobrir quais bruxos lhe desejam mal e poderiam tê-lo embruxado. Se ele não consegue lembrar-se de nenhum incidente que tivesse levado alguém a odiá-lo, e se não tem nenhum inimigo em especial, ainda assim deve consultar o oráculo para encontrar um bruxo. Por isso, até um príncipe irá por vezes acusar plebeus de bruxaria, pois seus infortúnios devem ser explicados e evitados, mesmo quando aqueles que ele acusa de bruxaria não são seus inimigos.

Já foi observado que os bruxos só fazem mal a pessoas das redondezas, e que, quanto mais perto estão de suas vítimas, mais sérios são seus ataques. Podemos sugerir que a razão dessa crença se deve ao fato de que pessoas que vivem longe umas das outras não têm contatos sociais suficientes para despertar ódio mútuo, ao passo que há amplas possibilidades de atrito entre pessoas que têm suas casas e roças em contigüidade. Os Azande tendem a entrar em disputa com aqueles que estão mais próximos quando essa proximidade não é atenuada por sentimentos de parentesco ou tornada irrelevante por distinções de idade, sexo ou classe.

Num estudo da bruxaria zande, o que se deve ter em mente é, em primeiro lugar, que essa noção é função de situações de infortúnio; e em segundo lugar que ela é função de relações pessoais.

7

A noção de bruxaria não é apenas uma função do infortúnio ou das relações pessoais; envolve também juízos morais. Com efeito, a moralidade zande está tão intimamente relacionada às noções de bruxaria que podemos dizer que ela as determina. A frase zande “isso é bruxaria” pode quase sempre ser traduzida simplesmente por “isso é mau”. Pois, como vimos, a bruxaria não age aleatoriamente ou sem propósito, mas é um ataque calculado de um homem sobre outro homem, a quem o primeiro odeia. Os Azande dizem que ódio, ciúme, inveja, traição e calúnia vão à frente, e que a bruxaria segue atrás. Um homem deve primeiro odiar seu inimigo, e depois o embruxará; e a menos que o bruxo seja sincero quando sopra água, a ação não tem efeito. Ora, como os Azande não se interessam pelos bruxos em si — quer dizer, não há interesse pela condição estática de ser um possuidor de bruxaria —, mas apenas pela atividade-bruxaria, daí decorrem duas conseqüências. Em primeiro lugar, a bruxaria tende a tornar-se sinônimo dos sentimentos que supostamente a despertam, de forma que os Azande pensam em ódio, inveja e cobiça em termos de bruxaria, e igualmente pensam em bruxaria em termos dos sentimentos que ela revela. Em segundo lugar, uma pessoa que embruxou um homem não é considerada por este como um bruxo para sempre, mas apenas no contexto do infortúnio que causou. Não existe uma postura fixa a ser adotada diante dos bruxos, assim como há para o caso dos nobres, por exemplo. Um nobre é sempre um nobre, e como tal é tratado em todas as situações; mas não há semelhante nitidez ou constância quanto à personalidade social de um bruxo, pois este só é considerado bruxo em certas situações. As noções azande de bruxaria exprimem relações dinâmicas interpessoais em situações não aus-

piciosas. Seu significado depende em tal medida de contextos passageiros que um homem dificilmente é encarado como bruxo quando a situação que provocou uma acusação contra ele já desapareceu.

Os Azande não aceitam a idéia de que qualquer pessoa que odeia outrem seja um bruxo, ou que bruxaria e ódio sejam sinônimos. Todos os homens são capazes de ter sentimentos hostis contra seus vizinhos, mas, a não ser que tenham realmente nascido com bruxaria na barriga, não podem causar danos aos inimigos simplesmente por detestá-los.

É verdade que um velho pode dizer, por exemplo, que um rapaz está arriscado a ficar doente de *ima abakumba*, a conseqüência da ira de um ancião. Mas os Azande não crêem que a irritação de um velho possa em si fazer muito mal. Se um homem idoso fala desse modo, os Azande dizem que está insinuando que os embruxará se o perturbarem. Pois, a menos que o velho seja bruxo ou feiticeiro, nada de mal pode acontecer a alguém que o irritou. Seu mau humor talvez pudesse causar alguma pequena perturbação, e pode ser que os oráculos ficassem indecisos entre os diagnósticos de raiva e posse de bruxaria, caso não fossem avisados para só levar em conta questões de bruxaria real.

Simplesmente sentir raiva e dizer palavras ásperas contra alguém não pode causar qualquer malefício sério, a menos que haja algum laço social definido entre as partes em disputa. As maldições de um homem não-aparentado não podem fazer mal, mas nada é mais assustador que as maldições (*motiwa*) lançadas por pai e mãe, tios e tias. Mesmo sem proferir ritualmente uma maldição, um pai pode causar desventura a seu filho apenas por raiva e ressentimento. Diz-se também que, se um príncipe está irado e triste com a ausência de um súdito, as coisas não irão bem para este. Um informante disse-me também que, se uma mulher viaja contra a vontade de seu marido, e este fica saudosos e triste, as coisas podem sair mal para ela durante a viagem.

Se você está em dúvida se um homem que não gosta de você simplesmente o está odiando ou realmente o embruxando, pode tirar essa dúvida por meio de uma consulta ao oráculo de veneno ou a algum dos oráculos menores. Você adverte o oráculo para que não preste atenção à maldade, mas que se concentre unicamente na questão da bruxaria. Você diz a ele que não quer saber se o homem lhe odeia, mas se ele está lhe embruxando. Por exemplo, você diz ao oráculo de atrito: "Observe a calúnia e deixe-a de lado, observe o ódio e deixe-o de lado, observe o ciúme e deixe-o de lado. Bruxaria de verdade — considere apenas ela. Se ela vai me matar, oráculo de atrito, pare (responda 'sim')."

Acresce que, segundo as idéias azande, um bruxo não prejudica necessariamente as pessoas só porque é um bruxo. Um homem pode ter nascido

bruxo, mas sua substância-bruxaria permanecer “fria”. Na concepção zande, isso significa que, embora esse indivíduo seja um bruxo, trata-se de um sujeito decente, que não guarda rancor de seus vizinhos nem tem ciúmes da felicidade alheia. É um bom cidadão, e isso para os Azande significa desempenhar alegremente suas obrigações e viver em boa paz e cooperação com os vizinhos. Um homem bom é bem-humorado e generoso, bom filho, marido e pai, é leal com seu príncipe, justo no trato com seus iguais, honesto em seus negócios, respeitador da lei e amante da paz, não comete adultério, fala bem dos vizinhos, é sereno e cortês. Não se espera que ele ame seus inimigos, nem que seja condescendente com os que prejudicarem sua família e parentes, ou cometerem adultério com suas esposas. Mas se um homem não sofreu agressão alguma, então não deve mostrar hostilidade para com os outros. Igualmente o ciúme e a inveja são males, a menos que sejam culturalmente aceitos, como no caso da rivalidade entre príncipes, adivinhos ou cantores.

Todo comportamento que se choca com as idéias azande sobre o que é direito e próprio, embora não seja por si só bruxaria, é o impulso que está por trás dela, e as pessoas que infringem as regras de conduta são as mais frequentemente acusadas. Se examinarmos as situações que evocam noções de bruxaria e o método de identificação de bruxos, fica claro que eles implicam o caráter volitivo e moral da bruxaria. A condenação moral é predeterminada, pois quando um homem sofre um infortúnio, ele medita sobre sua mágoa e considera quem, dentre seus vizinhos, lhe demonstrou hostilidade imerecida ou ressentimento injustificado. Essas pessoas o prejudicaram e lhe querem mal, e portanto ele deduz que elas o embruxaram — pois um homem não iria embruxá-lo se não o detestasse.

As noções morais azande, em sua divisão da conduta em boa e má, não são muito diferentes das nossas, mas, como elas não se exprimem em termos teísticos, sua semelhança com os códigos das religiões mais conhecidas não é aparente de imediato. Os espíritos dos mortos não podem ser convocados como árbitros da moral e sancionadores da conduta, porque eles são membros de grupos de parentesco e só exercem autoridade dentro desses grupos, sobre as mesmas pessoas que lhes estavam submetidas quando eram vivos. O Ser Supremo é uma influência muito vaga, não sendo citado pelos Azande como guardião de uma lei moral que deva ser obedecida simplesmente porque Ele é o seu autor. É no idioma da bruxaria que os Azande exprimem as regras morais que escapam à esfera da lei civil e criminal. “A inveja é ruim por causa da bruxaria; um homem invejoso pode matar alguém”, dizem eles, e assim falam também de outros sentimentos anti-sociais.

8

Dizem os Azande: "A morte tem sempre uma causa, e nenhum homem morre sem motivo", querendo dizer que a morte sempre resulta de alguma inimizade. Quem mata um homem é a bruxaria, mas é a falta de caridade que leva um bruxo a matar. Do mesmo modo, a cobiça pode ser o motivo de um assassinato, e as pessoas temem recusar pedidos de presentes feitos por parasitas que vivem à custa dos outros, dizendo: "Um homem que está sempre pedindo coisas é um bruxo."

Aqueles que costumam falar por rodeios, sem entrar direto no assunto, são suspeitos de bruxaria. Os Azande são muito melindrosos e estão sempre alertas para quaisquer alusões ofensivas no meio de conversas aparentemente inocentes. Isso é motivo freqüente de querelas, e não há meios de determinar se o interlocutor fez as alusões propositadamente ou se o ouvinte encarregou-se de infundir-lhes malícia. Por exemplo, uma pessoa senta-se junto com alguns vizinhos e diz: "Ninguém fica para sempre neste mundo." Ouvindo a observação, um dos velhos da roda emite um grunhido de desaprovação, mas ela é logo explicada como referência a um ancião que acabou de morrer; ainda assim, algumas pessoas podem achar que ele estava desejando a morte de alguém da roda.

Um homem que ameaça os outros com infortúnios será certamente suspeito de bruxaria se alguma desgraça se abater sobre tais pessoas. Por exemplo, um homem ameaça outro com raiva e diz: "Você não andará este ano", e então logo depois o outro pode ficar doente ou sofrer um acidente, e se lembrará das palavras que lhe foram dirigidas impensadamente, indo de imediato consultar os oráculos, trazendo o nome daquele que o ameaçou como o primeiro de sua lista de suspeitos.

Um temperamento rancoroso levanta suspeita de bruxaria. Pessoas mal-humoradas e sombrias, aquelas que sofrem de alguma deformidade física ou que foram mutiladas, são suspeitas, pelo ressentimento. Homens de hábitos sujos, como os que defecam nas roças alheias e urinam em público, ou que comem sem lavar as mãos, ou que ingerem comidas repugnantes como jabotis, sapos e ratos domésticos, são o tipo de gente que pode muito bem embruxar os outros. O mesmo se pensa de gente mal-educada, que entra na cabana dos outros sem primeiro pedir permissão; que não consegue esconder sua gula diante de cerveja ou comida; que faz observações ofensivas às esposas e vizinhos, insultando-os e amaldiçoando-os; e assim por diante.

Nem todos que apresentam esses traços desagradáveis são suspeitos de bruxaria, mas como são tais sentimentos e atitudes que fazem as pessoas suspeitarem de bruxaria, os Azande sabem que aqueles que demonstram essas

características têm o desejo de embruxar, mesmo que não possuam poder para tanto. De vez que esses traços criam antagonismo em meio aos vizinhos contra as pessoas que os demonstram, os nomes destas são os mais frequentemente apresentados aos oráculos quando os vizinhos caem doentes. Elas são amiúde acusadas, portanto, e adquirem a reputação de prática de bruxaria. Os bruxos tendem a ser aqueles cujo comportamento afasta-se mais das exigências sociais. Pois embora os Azande não considerem que os vizinhos que uma vez ou outra os embruxaram sejam bruxos, algumas pessoas são tão frequentemente acusadas pelos oráculos que adquirem uma sólida reputação de bruxaria, sendo consideradas bruxas para além de situações específicas de infortúnio. Aqueles que poderíamos chamar de bons cidadãos — é claro que os membros mais ricos e poderosos da sociedade entram nesta categoria — raramente são acusados de bruxaria; já os que se tornam um incômodo para os vizinhos e fracos têm maiores possibilidades de serem acusados de bruxaria.

Com efeito, é preciso dizer que a fraqueza, tanto quanto o ódio e o ciúme, convida a acusações de bruxaria, pois não há dúvida para quem conviveu com os Azande que eles preferem não consultar os oráculos sobre pessoas influentes, tendendo a fazê-lo a respeito de homens sem trânsito na corte e sobre mulheres — isto é, sobre pessoas que não podem responder facilmente ao insulto contido numa acusação de bruxaria. Isso fica mais evidente nas denúncias oraculares feitas pelos adivinhos que nas revelações dos oráculos. Um zande não concordaria com esta afirmação. De fato, homens influentes às vezes são acusados de bruxaria, e frequentemente homens pobres não são acusados, ou o são muito pouco. O que estou descrevendo é apenas uma impressão geral de uma tendência e que relativiza o que disse antes sobre as acusações de bruxaria serem função da igualdade de status, uma vez que apenas uma grande distância de status exclui a possibilidade de antagonismos capazes de levarem a acusações de bruxaria.

É na variedade de eventos que são considerados moralmente significantes que as noções morais azande diferem mais profundamente das nossas. Pois, para um zande, quase todo acontecimento que lhe prejudica se deve às más intenções de outrem. O que lhe faz mal é moralmente mau, isto é, procede de um homem mau. Todo infortúnio implica a noção de injúria e o desejo de retaliação. Pois toda perda é considerada pelos Azande como imputável a bruxos. Para eles, a morte, seja quando for, é assassinato e clama por vingança; para eles o fato importante é o evento ou situação da morte, e não o instrumento que a ocasionou, seja este a doença, um animal selvagem ou a lança de um inimigo.

Em nossa sociedade, acredita-se que apenas certos infortúnios se devam à maldade de outras pessoas, e é somente nessas situações que podemos em-

preender uma retaliação, por canais prescritos, contra os responsáveis. Doenças ou fracasso em empresas econômicas não são considerados como danos a nós infligidos por outras pessoas. Se um homem cai enfermo ou sua empresa vai à falência, ele não pode usar de retaliação contra ninguém, como poderia se seu relógio tivesse sido roubado ou se ele fosse agredido. Mas no país zande todos os infortúnios se devem à bruxaria, permitindo que a pessoa que sofreu o dano empreenda retaliação por canais costumeiros, porque o dano é atribuído a uma pessoa. Em situações como roubo, adultério, ou homicídio com violência já existe uma pessoa envolvida, que convida à retaliação; se sua identidade é conhecida, o culpado é levado aos tribunais; caso contrário, ele é perseguido por magia punitiva. Quando essa pessoa está ausente, porém, as noções de bruxaria oferecem um alvo alternativo. Todo infortúnio supõe bruxaria, e toda inimizade sugere um autor.

Considerando a questão por este lado, fica mais fácil entender como os Azande deixam de observar e explicitar o fato de que não só qualquer pessoa pode ser um bruxo — o que eles admitem facilmente —, mas que a maioria dos plebeus é constituída de bruxos. Se você disser que a maior parte das pessoas é formada por bruxos, os Azande negam imediatamente tal afirmação. Porém, na minha experiência, todos, exceto os nobres e os plebeus influentes da corte, foram uma vez ou outra acusados pelos oráculos de terem embruxado seus vizinhos — e portanto são bruxos. Isso tem necessariamente de ser assim, já que todos os homens sofrem infortúnios, e que todo mundo é sempre inimigo de alguém. Mas, em geral, apenas aqueles que se fazem detestados pela maioria dos vizinhos são acusados com frequência de bruxaria, adquirindo reputação de bruxos.

Se ficarmos atentos ao significado dinâmico da bruxaria, reconhecendo portanto sua universalidade, entenderemos melhor por que os bruxos não são perseguidos nem sofrem ostracismo: pois o que é uma função de estados passageiros e é comum a muitos não pode ser tratado com severidade. A posição de um bruxo nada tem de análogo à do criminoso em nossa sociedade; ele certamente não é um pária atingido pela desgraça e evitado pelos vizinhos. Pelo contrário, bruxos reconhecidos, famosos como tal por regiões inteiras, vivem como cidadãos comuns. Podem ser pais e maridos respeitados, visitantes bem-vindos às residências, convidados às festas e às vezes membros influentes do conselho informal da corte de um príncipe. Alguns de meus conhecidos eram bruxos notórios.

Um bruxo pode gozar de certo prestígio em razão de seus poderes, pois todos cuidam de não ofendê-lo — ninguém procura deliberadamente o desastre. É por isso que o líder de um grupo doméstico que caça um animal manda um pouco da carne como presente para os velhos que vivem nos sítios

vizinhos. Se um velho bruxo não receber carne, impedirá que o caçador mate outros animais; se ele tiver sua porção, porém, desejará que novos animais sejam mortos, e assim se absterá de interferir. Do mesmo modo um homem toma cuidado de não irritar gratuitamente suas esposas, pois se uma delas for bruxa, ele pode estar chamando desgraça para si num acesso de mau humor. Um homem deve distribuir a carne eqüitativamente entre as esposas, ou uma delas, ofendida por ter recebido porção menor, poderá fazer com que ele não consiga mais caçar.

A crença na bruxaria é um valioso corretivo contra impulsos não caridosos, porque uma demonstração de mau humor, mesquinha ou hostilidade pode acarretar sérias conseqüências. Como os Azande não sabem quem é ou não bruxo, partem do princípio de que todos os seus vizinhos podem sê-lo, e assim cuidam de não os ofender à toa. A noção funciona em duas direções. Um homem invejoso, por exemplo, será suspeito de bruxaria aos olhos daqueles a quem inveja e procurará evitar suspeitas controlando sua inveja. Por outro lado, aqueles de quem ele tem inveja podem ser bruxos e tentar feri-lo em retaliação à sua inimizade, de forma que o homem vai controlar sua inveja para não ser embruxado.

Os Azande falam que nunca pode haver certeza sobre se alguém é inocente de bruxaria. Assim, dizem: "Quando se consultam os oráculos, não se deixa ninguém de fora", querendo dizer que é melhor perguntar aos oráculos sobre todo mundo, sem exceção. Daí o aforismo: "Não se pode ver dentro de um homem como dentro de um cesto de malha larga" — é impossível enxergar a bruxaria dentro de um homem. O melhor, portanto, é não conquistar a inimizade de ninguém, pois o ódio é o motivo por trás de todo ato de bruxaria.

O oráculo de veneno na vida diária

I

Os oráculos são meios mais satisfatórios que os adivinhos na verificação do futuro e das coisas ocultas. Os adivinhos são úteis como detetives, para desvendar os inúmeros casos e problemas que afligem uma aldeia, e seu maior valor reside em limparem de bruxaria a atmosfera. Para isso, são freqüentemente solicitados a dançar antes de uma grande caçada — por se tratar de um empreendimento coletivo, porque muitas pessoas estão envolvidas e por estarem em jogo os interesses de um distrito. Assim, torna-se conveniente um ataque público executado pelos adivinhos, que agem como batedores rituais, trazendo informações sobre as forças místicas inimigas, além de combatê-las. Quando termina a sessão, todos sentem que os bruxos foram afugentados para longe da empresa coletiva.

Mas os adivinhos são vistos apenas como fornecedores de provas preliminares; em todas as questões importantes, um indivíduo coloca a afirmação de um adivinho diante de um dos oráculos maiores, em busca de confirmação. Isso além do mais é necessário quando se deseja empreender uma ação pública. Não se pode tentar executar vingança por homicídio apenas com base em declarações de adivinhos, que jamais seriam consultados, aliás, num assunto desse calibre. Seria uma grande imprudência apresentar uma asa de galinha a um bruxo indicado apenas pelos adivinhos. O acusado poderia escarnecer do portador da asa, e teria o direito de fazê-lo. Por isso os Azande dizem que os adivinhos, como o oráculo de atrito, são úteis porque respondem rapidamente a muitas questões e detectam suspeitos preliminares antes que se aborde o oráculo de veneno, mas eles não são seguros.

2

O método de revelar o que está oculto pela administração de veneno a aves é amplamente difundido na África; mas, assim como os Azande são o povo mais a nordeste a conceber a bruxaria como uma substância material localiza-

da no ventre, também sua cultura é o limite nordeste da distribuição desse tipo de oráculo. Eles são o único povo do Sudão anglo-egípcio a empregar-lo.

O veneno usado é um pó vermelho feito de uma trepadeira da floresta, misturado com água para formar uma pasta. O líquido é espremido da pasta nos bicos de pequenas aves domésticas, que são assim forçadas a engoli-lo. Geralmente seguem-se violentos espasmos. As doses por vezes são fatais, mas com igual frequência as aves se recuperam. Às vezes sequer são afetadas pelo veneno. A partir do comportamento das aves sob esse ordálio, especialmente por sua morte ou sobrevivência, os Azande obtêm resposta às perguntas que fazem ao oráculo.

A classificação botânica do veneno não foi determinada, mas sua natureza química, em linhas gerais, sim. Uma porção do veneno de oráculo que eu trouxe para a Inglaterra foi examinada pelo professor R. Robinson, que me informou o seguinte:

A quantidade de *benge* era insuficiente para permitir estabelecer com certeza a natureza do princípio ativo. Tudo que pode ser dito a seu respeito é que a substância tóxica é de caráter alcalóide e quimicamente parece aparentar-se à estricnina. É quase certamente não-homogênea, e isso explica a dificuldade de seu isolamento em condição pura. Assim, tudo o que posso dizer é que se assemelha à estricnina em muitas de suas reações e que provavelmente duas ou mais bases estão presentes.

3

O oráculo de veneno, *benge*, é seguramente o mais importante deles. Os Azande confiam plenamente em suas decisões, que têm força de lei quando obtidas sob as ordens de um príncipe. Um visitante do país zande ouve falar tanto do oráculo de veneno quanto de bruxaria. Sempre que surge uma questão de fato sobre um caso qualquer ou sobre o bem-estar de um homem, os zande procuram imediatamente saber a opinião do oráculo de veneno a respeito dela. Em muitas situações nas quais procuramos provas para basear um veredicto, ou tentamos regular nossa conduta avaliando as probabilidades, o zande sem hesitação consulta o oráculo de veneno e segue suas orientações com confiança implícita.

Não se corre nenhum risco importante sem pedir a opinião do oráculo de veneno. Em empreendimentos coletivos de monta, em todas as crises da vida, todas as disputas legais sérias, todas as questões relativas ao bem-estar individual — em suma, em todas as ocasiões tidas pelos Azande como perigosas ou

Continuação

socialmente importantes —, a atividade é precedida de uma consulta ao oráculo de veneno.

Não pretendo catalogar todas as situações nas quais o oráculo pode ser consultado, uma vez que isso significaria uma lista de situações sociais em todas as esferas da vida zande; quando cada esfera for descrita neste livro, o papel desempenhado pelos oráculos será mais adequadamente relatado. Convém no entanto listar algumas das ocasiões em que o oráculo deve ser consultado, de modo a dar ao leitor uma idéia clara de sua significação para os Azande. Quando digo que o oráculo de veneno ou algum outro oráculo deve ser consultado nas ocasiões listadas abaixo, quero dizer que, se um zande não o consultasse, estaria agindo contra o costume, e seu prestígio social poderia sofrer com isso. Ele poderia mesmo incorrer em penalidades legais. As seguintes situações são ocasiões típicas de consulta:

- Para descobrir por que uma mulher não concebeu.
- Durante a gravidez da mulher, quanto ao local do parto, quanto à sua segurança durante o parto, quanto à segurança da criança.
- Antes da circuncisão do filho.
- Antes do casamento da filha.
- Antes de mandar o filho para a corte como pajem.
- Por doença de qualquer membro da família. A pessoa morrerá? Quem é o bruxo responsável? Etc.
- Para descobrir o agente responsável por qualquer infortúnio.
- Nos velhos tempos, na morte de um parente. Quem o matou? Quem irá executar o bruxo? Etc.
- Antes de realizar a vingança mágica. Quem observará os tabus? Quem fará a magia? Etc.
- Em casos de feitiçaria.
- Em caso de adultério.
- Antes de coletar o veneno de oráculo.
- Antes de estabelecer a relação de irmãos de sangue.
- Antes de longas jornadas.
- No caso dos homens, antes de se casar com uma mulher.
- Antes de presentear um príncipe com cerveja.
- Antes de uma grande caçada.
- Um plebeu, ao escolher um novo local para sua residência.
- Antes de aceitar ou permitir que um dependente aceite um emprego oferecido por europeus.
- Antes de se tornar um adivinho.
- Antes de entrar numa confraria mágica.

- Um homem, antes de ele e seus filhos adultos irem para a guerra.
- Em casos de deslealdade a um príncipe.
- Um príncipe, antes de ir à guerra.
- Para determinar a disposição dos guerreiros, lugar, momento do ataque e todas as demais questões relativas à guerra.
- Um príncipe, antes de indicar governadores, delegados ou quaisquer outros funcionários.
- Um príncipe, antes de mudar sua corte.
- Um príncipe, para descobrir se uma cerimônia comunal acabará com a seca.
- Um príncipe, para prever as ações do comissário distrital britânico.
- Um príncipe, antes de aceitar presentes e tributos.

4

Os Azande não consultam seus oráculos apenas sobre o que consideraríamos as atividades sociais mais importantes, mas também sobre seus negócios corriqueiros. Se o tempo e a oportunidade permitissem, muitos Azande gostariam de consultar um ou outro oráculo a cada passo de suas vidas. Isso é obviamente impossível, mas os velhos, que sabem como usar o oráculo de atrito, geralmente carregam um consigo; se surgir qualquer dúvida, podem superá-la com uma consulta imediata.

Uma ocasião típica na qual um homem consulta seu oráculo de atrito é quando faz uma visita à casa de um amigo. Quando a visita está para terminar, ele pergunta ao oráculo se deveria ir embora abertamente durante o dia, ou partir secretamente à noite, ignorado por qualquer bruxo que possa querer despachar sua ação atrás dele ou causar-lhe algum infortúnio na jornada. Se o oráculo aconselha-o a partir à noite, ele conta a seu anfitrião e sai antes do alvorecer. Os outros membros da casa compreendem o que aconteceu e não se zangam por ele ter saído sem se despedir. O oráculo de atrito pode dizer que ele pode partir de dia, mas deve ter cuidado com bruxaria no caminho. Nesse caso, ele sai da casa de seu anfitrião como se fosse dar um passeio, jogando a esmo uma lança à sua frente, de modo a fazer pensar a quem o observe que está brincando e voltará logo após o passeio, já que as pessoas que partem para uma viagem não ficam andando ao acaso antes de partir. Quando já está bem fora da vista, aperta o passo e segue seu caminho. Por vezes nem mesmo informa ao anfitrião de sua partida, mas este compreende a razão do silêncio.

Percebi que, quando um zande agia comigo de maneira que consideraríamos rude ou desconfiada, suas ações deviam ser atribuídas à obediência aos oráculos. Achei os Azande de hábito corteses e dignos de confiança segun-

do os padrões ingleses; mas às vezes seu comportamento me era ininteligível, até que levasse em conta suas noções místicas. Frequentemente os Azande são tortuosos nas relações com os outros, mas não consideram censurável um homem ser misterioso ou agir contrariamente às suas intenções declaradas. Ao contrário, louvam sua prudência por levar em conta a cada passo a bruxaria e regular sua conduta segundo a orientação dos oráculos. Assim, não é necessário para um zande explicar aos outros uma conduta caprichosa; todo mundo compreende-lhe os motivos.

Nem todos os Azande são igualmente propensos a consultar oráculos. Muitas vezes verifiquei que alguns homens mostram uma consciência mais aguda do perigo da bruxaria que outros; e confiam muito mais na magia e nos oráculos para neutralizar sua influência. Assim, enquanto alguns homens gostam de consultar oráculos, soprar apitos mágicos ou realizar qualquer outro rito antes de embarcar em qualquer pequena aventura, outros só consultam oráculos em importantes questões legais e crises reais, como casamento, doença grave e morte. Em outras palavras, só consultam oráculos quando socialmente levados a fazê-lo. Nos processos legais, todos devem utilizar o oráculo de veneno.

Para compreender o procedimento jurídico zande, deve-se saber exatamente como o oráculo do veneno é utilizado, porque nos velhos tempos ele consistia na maior parte do que entendemos por provas legais, juiz, júri e testemunhas. No passado os dois tipos principais de questões eram a bruxaria e o adultério. Casos de bruxaria eram totalmente resolvidos pelos oráculos, pois só havia possibilidade de descobrir a ação mística pelo poder igualmente místico do oráculo de veneno. Tudo que um príncipe tinha a fazer era confirmar os nomes dos bruxos descobertos pelos parentes de pessoas mortas, colocando os nomes diante de seu próprio oráculo. A indenização que um bruxo tinha que pagar por seu crime era fixada pelo costume. Toda morte para os Azande é assassinato e o ponto de partida para o processo legal mais importante na cultura zande. Assim, eles achavam difícil entender como os europeus podiam recusar-se a tomar conhecimento do que era tão manifesto e claro para eles.

Num caso de adultério pode haver provas circunstanciais, mas na verdade casos simples desse tipo eram raros. As chances de descoberta em flagrante dos amantes, em pleno encontro furtivo no mato (ou, durante uma ausência do marido, na residência deste) eram sempre muito pequenas. A única evidência segura com base na qual um marido desconfiado podia agir era aquela fornecida pelo oráculo de veneno, pois mesmo que uma mulher se arrependesse de sua infidelidade e contasse ao marido o nome do amante, este podia

negar a acusação. O marido podia, é bem verdade, apresentar ao príncipe outros motivos de suspeita, mas fundamentaria sua acusação de adultério sobretudo na prova do oráculo, e nenhuma prova além desta era exigida. O acusado se defenderia menos pela alegação de uma ausência de evidência circunstancial do que dispondo-se a fazer um *ngbu*, um teste. Ordenava-se a ele que escolhesse um homem de bem dentre os servidores da corte para realizar o teste, colocando a questão do adultério diante de seu oráculo. Esse homem agia em nome do príncipe, e a declaração de seu oráculo resolvia o caso. Aos olhos dos Azande, esse era o procedimento correto em casos de adultério. Eles não aprovavam os métodos europeus, porque, em sua opinião, estes não permitem a única prova segura de culpa ou inocência. Maridos acusadores e homens acusados compartilham dessa opinião negativa; os maridos porque raramente dispõem, aos olhos do tribunal governamental, de indícios aceitáveis de adultérios, cuja única prova conclusiva consiste na declaração do oráculo de veneno; e os acusados exatamente porque são incriminados, no processo europeu, pela denúncia de uma mulher, sem que possam apelar à única autoridade realmente confiável, o oráculo de veneno.

Toma-se especial cuidado em proteger o oráculo de veneno de um príncipe da bruxaria e da poluição, porque os oráculos dos príncipes revelam questões de importância tribal, julgam casos civis e criminais e determinam se uma vingança de morte foi executada. Um príncipe dispõe de dois ou três operadores oficiais que supervisionam seu oráculo de veneno. Cumpre que sejam rigorosamente dignos de confiança, pois têm o destino de seu senhor e a pureza da lei em suas mãos. Se quebram um tabu, todo o sistema legal pode tornar-se corrupto, o inocente pode ser julgado culpado, o culpado, inocente. Cabe que o consultor oficial dos oráculos do príncipe seja também um homem de impecável honestidade, já que ele sozinho se encarrega de muitos casos legais e de testes de vingança. Ele pode destruir os súditos de seu senhor, ao falsificar pronunciamentos oraculares. Por fim, o consultor do oráculo de um príncipe deve ser capaz de manter silêncio sobre os negócios de seu senhor. Não há ofensa mais séria aos olhos de um príncipe zande que “revelar a fala do oráculo de veneno real”.

Nós, que não acreditamos no oráculo de veneno, achamos que os tribunais que impusemos aos nativos são justos porque só levam em conta as provas que consideramos como tais, e nos vangloriamos dizendo que eles são tribunais nativos, porque permitimos que nativos os presidam. Mas os Azande pensam que tais tribunais não aceitam o único tipo de prova que é realmente relevante para os casos ali julgados; assim, os príncipes encarregados de administrar a justiça, fazem-no por uma aplicação mecânica das regras

processuais importadas da Europa — isto é, sem convicção alguma, já que essas regras não estão em conformidade com o costume.

5

Jamais encontrei grandes dificuldades em assistir a consultas oraculares. Descobri que em tais assuntos a melhor maneira de ganhar a confiança dos Azande era agir como eles, levando os veredictos oraculares igualmente a sério. Sempre mantive um suprimento do veneno de oráculo para uso doméstico e para ajudar os vizinhos, e regulávamos nossos negócios de acordo com as decisões do oráculo. Devo observar que achei essa maneira de organizar minha casa e meus negócios tão satisfatória quanto qualquer outra que conheço. Entre os Azande, esse é um modo de vida satisfatório, porque é o único que compreendem, por fornecer os únicos argumentos capazes de lhes convencer e acalmar. Meus amigos e vizinhos de tempos em tempos pediam-me que deixasse que trouxessem aves para consultar meu oráculo sobre seus próprios problemas. Esse sinal de confiança sempre me tocava. Pude também, em algumas ocasiões, observar oráculos alheios em ação. Durante muitos meses fiz repetidas observações de consultas oraculares e tive ampla oportunidade de conhecer os detalhes técnicos e de interpretação. Uma investigação sobre o uso do oráculo de veneno — assim como sobre as crenças na bruxaria — não requer informantes especiais. Eu podia basear-me na observação direta e pedir um comentário a qualquer adulto zande quando um ponto não ficava completamente claro para mim. O mesmo vale para o oráculo de atrito e, em um grau menor, para os oráculos das térmitas.

Para informação sobre os pontos seguintes, contudo, tive que me basear principal ou totalmente na informação verbal: o processo de coleta do veneno; a administração do veneno a seres humanos; e o uso do oráculo de veneno no procedimento judicial na corte do rei. Não se ministra veneno a seres humanos atualmente. O oráculo de veneno não mais desempenha um papel básico no procedimento do tribunal, embora ainda seja empregado em alguma medida. Procurei observar a coleta do oráculo de veneno, e fiz mesmo uma expedição ao Congo Belga com este objetivo, mas fui derrotado por uma malária e uma disenteria combinadas, e acabei sendo levado de volta para casa, extremamente debilitado.

6

O local comum de uma consulta é no limite das roças, bem longe das residências. Qualquer lugar no mato escondido por capim alto ou moitas é adequa-

do. Ou pode-se escolher o canto de uma clareira na beira do mato, aberta para posterior sementeira, já que aí não é tão úmido quanto a própria mata. O propósito de se ir tão longe é assegurar o segredo, evitar a poluição de pessoas que não observaram os tabus e escapar à bruxaria, que tem mais dificuldade em corromper um oráculo no mato do que em casa.

Não se consulta o oráculo de veneno na quentura do dia, pois a luz forte do sol é ruim tanto para o veneno como para as galinhas. Se o oráculo é consultado no final da manhã, a cesta de galinhas é colocada à sombra de um arbusto próximo, ou é coberta com capim. Quando o veneno ficou algum tempo exposto ao sol, torna-se muito potente; diz-se então que, “se um homem der uma dose a uma pequena ave, já terá dado bastante”. A hora normal de consultas é entre oito e nove horas da manhã, pois a essa altura o orvalho já se evaporou e é possível sentar no mato sem muito desconforto. Muito ocasionalmente os velhos, que pedem parecer aos oráculos com frequência e fazem longas sessões, fazem-no à noite. A consulta pode então ocorrer no pátio da casa, depois que as mulheres foram dormir. Elas podem ocorrer em qualquer dia, exceto no dia seguinte à lua nova.

O oráculo de veneno é inútil se um homem não possui aves nas quais testá-lo, pois ele fala através das aves. Em toda casa zande há um galinheiro, e as aves são mantidas sobretudo para serem submetidas a testes oraculares. Em geral só são mortas para servir de alimento (e apenas galos e galinhas velhos) quando chega um visitante de importância — o filho de um príncipe, um sogro. Os ovos não são comidos, mas deixados para as galinhas chocarem. Podem-se pôr recipientes de barro nas choças para encorajar as galinhas a se aninharem neles, mas geralmente elas põem seus ovos no mato, e com sorte um dia voltarão orgulhosas à casa com sua ninhada. Raramente um zande, a não ser que seja rico, possui mais que uma dúzia de aves adultas, e muitos não possuem nenhuma, talvez apenas uma única galinha, dada por alguém.

Pintos de apenas dois ou três dias de idade podem ser usados no oráculo de veneno, mas os Azande preferem animais um pouco mais velhos. Isso posto, vêem-se aves de todos os tamanhos nas consultas oraculares, de pequenos pintos a frangotes e galinhos semi-adultos. Quando é possível discernir o sexo da ave, os Azande usam apenas os machos, a não ser que não possuam nenhum, e uma consulta seja imediatamente necessária. As galinhas são preservadas para reprodução. Em geral um homem diz a um de seus filhos menores para pegar as aves na noite anterior à sessão. Quando não, pegam-na ao abrir a porta do galinheiro, no alvorecer, mas é melhor apanhá-las e pôr numa cesta à noite, quando estão empoleiradas. Isso porque, se as aves escapam da captura pela manhã e fogem para os jardins próximos, dá muito trabalho segu-

rá-las. Dois ou três meninos devem trazê-las de volta, todas as mulheres ficam sabendo o que está se passando, os vizinhos escutam o barulho, um bruxo pode seguir o proprietário das aves e impedir que o oráculo dê a informação desejada. Quando são usados pintos, a dificuldade não existe, porque eles dormem numa das choças, onde estão a salvo do ataque de gatos selvagens, e podem ser facilmente apanhados na manhã da sessão.

Os velhos dizem que aves totalmente adultas não devem ser usadas nas consultas oraculares porque são demasiado suscetíveis ao veneno e costumam morrer logo, antes que o veneno tenha tido tempo para considerar a questão colocada ou de ouvir a exposição completa do problema. Por outro lado, um frangote permanece por um bom tempo sob a influência do veneno antes de se recuperar ou expirar, de modo que o oráculo tem tempo para ouvir todos os detalhes relevantes e emitir um julgamento bem pensado.

7

Qualquer homem pode participar das consultas. Contudo, o oráculo é dispendioso, e as questões apresentadas concernem a ocupações adultas. Por isso meninos só estão presentes quando são os operadores do oráculo. Normalmente são crianças que estão cumprindo os tabus de luto pela morte de um parente. Os adultos também consideram que seria muito imprudente permitir a quaisquer outros meninos aproximar-se de seu veneno, pois não se pode ter certeza de que eles observaram os tabus sobre carnes e vegetais.

Raramente um homem solteiro se encontra presente a uma sessão. Se ele tem um problema, seu pai ou tio podem agir em seu nome. Além disso, apenas um chefe de família é rico o suficiente para possuir aves e adquirir veneno, e tem experiência para conduzir uma sessão adequadamente. Homens mais velhos dizem também que os jovens em geral estão envolvidos em algum caso amoroso ilícito e poluiriam o veneno caso se aproximassem.

Consultar o oráculo de veneno é particularmente a prerrogativa de homens casados, chefes de família e de casa; nenhuma outra ocupação lhes dá mais prazer. Ao fazê-lo, um homem não está apenas sendo capaz de resolver seus problemas pessoais, ele está também lidando com questões de importância pública — bruxaria, feitiçaria e adultério — aos quais seus nomes serão associados como testemunhas das decisões do oráculo. Um zande de meia-idade fica contente quando dispõe de um pouco de veneno, de algumas aves e da companhia de um ou dois amigos de confiança de sua própria idade, e pode sentar-se para uma longa sessão que vai descobrir tudo sobre as infidelidades de suas mulheres, sua saúde, a saúde de seus filhos, seus planos de casa-

mento, projetos de caça e de roça, a conveniência de mudar de moradia e assim por diante.

Homens pobres que não possuem veneno ou aves, mas que se vêem obrigados de um modo ou de outro a consultar o oráculo, persuadirão um parente, um irmão de sangue, um afim ou o delegado do príncipe a consultá-lo em seu nome. Esse é um dos principais deveres das relações sociais.

O controle sobre o oráculo de veneno por parte dos homens mais velhos dá-lhes grande poder sobre os homens mais jovens, e é uma das principais fontes de seu prestígio. Os mais velhos podem colocar os nomes dos jovens diante do oráculo de veneno e, a partir de suas declarações, fazer acusações de adultério contra eles. Além disso, um homem jovem que não pode arcar com o custo do veneno não é um chefe de família totalmente independente, sendo incapaz de iniciar qualquer empreendimento sozinho: ele depende da boa vontade de outros para informar-se de tudo o que concerne à sua saúde e bem-estar.

As mulheres são proibidas de operar o oráculo de veneno e de ter qualquer relação com ele. Espera-se mesmo que não falem dele, e quando um homem menciona o oráculo na presença de mulheres, recorre a alguma perífrase. Quando um homem vai consultar o oráculo de veneno, diz à mulher que vai ver suas roças ou dá uma desculpa semelhante. Ela compreende o que ele vai fazer, mas nada diz. Sabe-se de mulheres bem velhas, de boa posição social, que ocasionalmente operaram o oráculo de veneno ou ao menos consultaram-no, mas são raras exceções, e trata-se sempre de pessoas importantes.

O oráculo de veneno é uma prerrogativa masculina; trata-se de um dos principais mecanismos de controle masculino e uma expressão do antagonismo sexual. Pois os homens dizem que as mulheres são capazes de qualquer artifício para enganar um marido e agradar um amante; os homens têm ao menos a vantagem de que seu oráculo de veneno revelará as relações secretas. Não fosse pelo oráculo, de pouco adiantaria o pagamento do preço da noiva,* pois nem a mais ciumenta vigilância impedirá uma mulher de cometer adultério se ela quiser fazê-lo. E que mulher não quer? A única coisa que as mulheres temem é o oráculo de veneno, pois se podem escapar aos olhos dos homens, não escapam aos do oráculo. Assim, diz-se que as mulheres odeiam o oráculo, e que se uma delas encontra algum veneno no mato, destruirá seu

* No original, *bridewealth*, termo utilizado em antropologia para designar a transferência cerimonial de bens do grupo do marido para o da (futura) esposa, transferência que oficializa o casamento. (N.T.)

poder urinando sobre ele. Uma vez perguntei a um zande por que ele colhere tão cuidadosamente as folhas usadas para operar o oráculo e as jogara a uma certa distância, no mato; respondeu-me que era para que as mulheres não as encontrassem e poluíssem — se elas poluem as folhas, então o veneno que foi guardado de volta em seu esconderijo perderá seu poder.

Quando consideramos até que grau a vida social é regulada pelo oráculo de veneno, imediatamente percebemos a enorme vantagem que os homens têm sobre as mulheres por sua capacidade de usá-lo, e como a exclusão dos principais meios de estabelecer contato com as forças místicas que afetam tão profundamente o bem-estar humano degrada a posição da mulher na sociedade zande.

É preciso muita experiência para conduzir uma sessão de modo correto e interpretar as descobertas do oráculo. É preciso saber quantas doses de veneno devem ser administradas, se o oráculo está funcionando a contento, em que ordem fazer as perguntas, se devem ser feitas em forma positiva ou negativa, quanto tempo se deve segurar uma ave entre os dedos ou nas mãos enquanto se faz uma pergunta ao oráculo, quando ela deve ser sacudida para provocar o veneno e quando é hora de jogá-la ao chão para a inspeção final. Deve-se saber como observar não apenas se a ave está viva ou morta, mas também a maneira exata pela qual o veneno a afeta, pois enquanto está sob a influência do oráculo cada momento é significativo para o olhar experiente. Também se deve conhecer a fraseologia própria da atividade, de modo a colocar as questões claramente ao oráculo, sem erro ou ambigüidade; essa tarefa não é fácil, pois uma única pergunta pode ser formulada ao cabo de uma arenga de cinco ou dez minutos. Nem todo homem é competente nessa arte, embora a maioria dos adultos possa preparar e interrogar o oráculo, se necessário. Aqueles que, quando meninos, preparavam com freqüência o veneno para seus pais e tios, e que são membros de famílias que freqüentam a corte e consultam constantemente o oráculo, são os mais competentes. Alguns homens são muito hábeis em interrogar o oráculo, e aqueles que desejam consultá-lo gostam de ser acompanhados por um deles.

8

Qualquer homem convidado pelo proprietário do oráculo de veneno pode assistir a uma sessão, mas espera-se que não compareça se teve relações sexuais ou comeu qualquer dos alimentos proibidos nos últimos dias. É imperativo que o homem que de fato prepara o veneno tenha observado esses tabus, e por isso o proprietário do veneno (que chamarei aqui apenas de pro-

prietário) pede geralmente a um menino ou homem que esteja de luto para operar o oráculo, já que não pode haver dúvida de que ele tenha observado os interditos, que são os mesmos para o luto e para o oráculo. Um homem em tal condição é sempre chamado quando, no caso de doença súbita, é preciso consultar o oráculo sem aviso, isto é, quando não há tempo para se preparar pela observação dos tabus. Vou me referir ao menino ou homem que prepara de fato o veneno e o administra às aves como operador. Quando falo do interrogador, refiro-me ao homem que se senta frente ao oráculo, dirige-se a ele e solicita seus julgamentos. Como ele se senta a poucos metros do oráculo, deve também ter observado todos os interditos. É possível que um homem seja o proprietário, o operador e o interrogador ao mesmo tempo, conduzindo a consulta do oráculo sozinho, mas se isso ocorre, é muito raro. Geralmente não há dificuldade em obter os serviços de um operador, pois um homem sabe quais de seus vizinhos estão observando as interdições associadas à vingança e morte. Um de seus companheiros que não comeu alimento sob tabu, ou não teve relações sexuais com mulheres um ou dois dias antes da consulta, age como interrogador. Se um homem está impuro, pode dirigir-se ao oráculo à distância. É melhor tomar essas precauções, porque o contato de uma pessoa impura com o oráculo destrói sua potência; a simples proximidade de uma pessoa impura pode acarretar esse resultado.

Os interditos que devem ser invariavelmente observados pelas pessoas que entram em contato com o oráculo de veneno incidem sobre:

- Relações sexuais com mulheres.
- Comer carne de elefante.
- Comer peixe.
- Comer o legume *mboyó* (*Hibiscus esculentus*).
- Comer o legume *morombida* (*Corchorus tridens*).
- Fumar haxixe.

Alguns homens evitam comer animais de cor clara; essa parecia ser a regra imposta àqueles que entram em contato com os oráculos de um príncipe. Carne de elefante e de peixe são proibidas por causa do forte cheiro emitido pelo homem que as tenha comido. Creio que é sua natureza pegajosa que colocou o *mboyó* e o *morombida* sob interdição ritual. Quando as partes comestíveis desses vegetais são extraídas, elas não desprendem, mas ficam ligadas ao talo por fibras glutinosas, tendo de ser arrancadas. Quando cozidos, formam uma pasta grudenta que pode ser esticada como puxa-puxa. Antes de entrar em contato com o oráculo de veneno ou mesmo de aproximar-se dele, um homem deve ter evitado relações sexuais por cinco ou seis dias, e os alimentos e vegetais proibidos por três ou quatro dias. Todavia, o tempo de observação

desses interditos não é realmente fixo, e diferentes homens fazem estimativas diversas. Muitos se satisfazem com a abstinência de relações sexuais por cinco ou mesmo quatro dias. Se um homem que teve relações sexuais é convidado a operar o oráculo, dirá “comi *mboyo*”, e todos compreenderão que ele está empregando um eufemismo. Ele pode desculpar-se do mesmo modo se simplesmente não deseja ocupar-se do trabalho.

O proprietário não paga ao operador e ao interrogador por seus serviços. O segundo é quase que invariavelmente o próprio proprietário ou um de seus amigos que também quer fazer perguntas ao oráculo — e que para isso trouxeram suas aves. É comum presentear-se o operador, se é um adulto, com uma ave durante a sessão, de modo que ele possa colocar seus próprios problemas ao oráculo. Como se trata geralmente de um homem que está usando uma cinta de luto e vingança, ele freqüentemente perguntará ao oráculo quando a vingança mágica atingirá sua vítima.

Para preservar-se de poluição, um homem geralmente esconde seu veneno no telhado de palha de uma cabana, na parte interna, se possível de uma cabana que as mulheres não usem; mas isso não é essencial, porque uma mulher não sabe que há veneno escondido no teto, e é pouco provável que entre em contato com ele. O proprietário do veneno deve ter observado os interditos se deseja tirá-lo ele mesmo do telhado; se está impuro, trará à cabana o homem ou menino que vai operar o oráculo e lhe indicará à distância onde está escondido o veneno. Um telhado de palha é um esconderijo tão bom para um pequeno pacote de veneno que costuma ser difícil para o proprietário encontrá-lo.

Ninguém deve fumar haxixe numa cabana que abriga o oráculo de veneno. Todavia, há sempre um perigo de poluição e de bruxaria quando o veneno é guardado em casa, e alguns homens preferem guardá-lo no oco de uma árvore no mato, ou construir um pequeno abrigo e lá escondê-lo. Esse abrigo é bem distante das habitações humanas, e caso um homem o encontre no mato não mexerá nele, temendo que contenha algum tipo de droga letal. É muito improvável que a bruxaria descubra um oráculo de veneno escondido no mato. Nunca vi um oráculo de veneno sob um abrigo no mato, mas disseram-me que ele era freqüentemente guardado assim.

O oráculo de veneno, quando não está em uso, é mantido envolto em folhas; ao final de uma sessão, o veneno usado é colocado num invólucro, separado do não-usado. Pode ser usado duas ou três vezes, e pode-se acrescentar veneno fresco para torná-lo mais potente. Quando sua ação mostra que ele perdeu a força, é jogado fora.

Todo bom oráculo de veneno é o mesmo, seja quem for que o possua, opere e consulte. Mas sua boa qualidade depende do cuidado e da virtude do

proprietário, do operador e do consultor. Como as maiores precauções são tomadas com o veneno de um príncipe, este é considerado mais seguro que o dos plebeus. Todo *benge* é do mesmo material, mas as pessoas falam do “meu *benge*” ou do “*benge* de fulano de tal”, e dizem que o veneno de um determinado príncipe é absolutamente seguro, ao passo que o de outro não é tanto. Esses julgamentos são feitos com base parcialmente nos acontecimentos subsequentes, que provam se os oráculos estavam certos ou errados em suas afirmações; e parcialmente com base nos veredictos do oráculo do rei, que é a autoridade final. Isso porque, no passado, os casos ocasionalmente iam dos oráculos de um governador de província ao oráculo de Gbudwe, que poderia declará-los falsos.

9

Descreverei agora a maneira pela qual o veneno é administrado às aves. O operador sai na frente dos demais para preparar o teste. Leva consigo uma pequena cuia cheia de água. Limpa o espaço, pisoteando o mato. Depois cava um buraco na terra, no qual deposita uma folha larga a servir de bacia para o oráculo de veneno. Faz uma pequena escova de *bingba* para aplicar o veneno, e um filtro de folhas para despejar o líquido no bico das aves; faz uma xícara de outras folhas para transferir água da cuia para o veneno, quando este precisa ser umedecido. Finalmente quebra alguns galhos dos arbustos próximos e retira suas fibras para amarrar as pernas das aves que sobreviveram ao teste, de modo que possam ser facilmente recuperadas quando o trabalho do dia tiver terminado. O operador só começa a umedecer o veneno quando os demais participantes chegam.

Pode haver apenas um homem ou vários que tenham perguntas a fazer para o oráculo. Cada um traz suas aves consigo numa cesta. Como foi combinado de antemão o lugar em que ocorrerá a consulta ao oráculo, eles sabem onde se encontrar. Quando uma pessoa chega, passa sua cesta de aves para o operador, que a coloca no chão perto do oráculo. Um homem que tenha prática em ser o interrogador senta-se diante dele, a poucos metros de distância se observou os tabus, a muitos metros caso contrário. Outros homens que não tenham observado o interdito ficam-se mais longe ainda.

Quando todos estão sentados, discutem em voz baixa sobre que ave será a primeira e como se formulará a pergunta. Enquanto isso o operador despeja um pouco de água da cuia que está a seu lado na xícara de folha, e da folha no veneno, que então entra em efervescência. Ele mistura o veneno e a água com as pontas dos dedos, formando uma pasta com a devida consistência; quando

instruído pelo interrogador, pega uma das aves, dobra as asas sobre suas pernas e prende-a entre os artelhos. Pega então a escova de capim, gira-a no veneno e embrulha-a no filtro de folha. Mantém aberto o bico da ave, coloca nele a ponta do filtro e aperta-o, e o líquido da pasta escorre para dentro da garganta da ave. Então ele balança a cabeça da galinha para cima e para baixo, obrigando-a a engolir o veneno.

A essa altura o interrogador, previamente instruído pelo proprietário sobre os fatos que deve expor ao oráculo, começa a dirigir-se ao veneno no interior da ave. Continua a falar por cerca de dois minutos, quando uma segunda dose de veneno em geral é ministrada. Quando se trata de uma galinha pequena, duas doses bastarão; mas uma galinha maior receberá três doses, e já se soube de aves que receberam até quatro, mas nunca mais do que isso. O interrogador não pára de falar com o oráculo, fazendo suas perguntas sempre de modo diferente, embora com o mesmo refrão: "Se este é o caso, oráculo do veneno, mate a ave", "se este é o caso, oráculo do veneno, poupe a ave". De tempos em tempos interrompe seu fluxo de oratória para dar uma ordem técnica ao operador. Pode dizer-lhe para ministrar outra dose de veneno à ave, ou para sacudi-la entre seus artelhos, levantando e abaixando o pé (isso instiga o veneno no interior da ave). Quando a última dose foi ministrada e ele fez sua última pergunta, diz ao operador para levantar a ave. O operador toma-a em suas mãos e, segurando-lhe as pernas entre os dedos e voltando-a para si, dá-lhe uma sacudidela para frente e para trás. O interrogador redobra sua peroração, como se o veredicto dependesse de argumentos; se a ave já não está morta, depois de mais uma investida oratória ele diz ao operador para colocá-la no chão. Continua a dirigir-se ao veneno dentro da ave enquanto observa os movimentos desta no chão.

O veneno afeta as aves de várias maneiras. Ocasionalmente mata-as imediatamente depois da primeira dose, enquanto elas ainda estão no chão. Isso raramente ocorre, porque em geral uma galinha só é seriamente afetada quando removida do chão e sacudida para frente e para trás. Então, se ela vai morrer, tem convulsões espasmódicas no corpo, abre e fecha as asas, tem vômitos. Depois de vários desses espasmos, vomita e expira num acesso final. Algumas aves parecem quase não ser afetadas pelo veneno; depois de terem sido sacudidas para frente e para trás por um tempo e jogadas no chão, saem ciscando despreocupadamente. As galinhas não afetadas pelo veneno geralmente defecam assim que são colocadas no chão. Outras parecem pouco afetadas até que são postas ao solo, quando subitamente sofrem um colapso e morrem. É muito raro que uma ave seriamente afetada pelo veneno se recupere.

Geralmente sabe-se qual será o veredicto depois que a ave esteve suspensa na mão por cerca de dois minutos. Se sua recuperação não parece certa, o operador não se preocupa em amarrar a fibra em sua perna, mas pouso-a no chão para morrer. Frequentemente, quando uma ave morre, arrasta-se ela num semicírculo em torno do veneno, exibindo para ele o corpo. Em seguida, corta-se uma asa para usar como prova e cobre-se o resto com capim. As aves que sobrevivem são levadas para casa e libertadas. Nunca se usa uma mesma ave duas vezes no mesmo dia.

Não há uma fala estereotipada — nenhuma fórmula — para dirigir-se ao oráculo. Todavia, há refrões tradicionais, imagens estilizadas, cumprimentos ao oráculo, modos de formular uma pergunta e assim por diante, que ocorrem em toda consulta.

A principal obrigação do interrogador é cuidar para que o oráculo compreenda plenamente a questão a ele colocada e esteja a par de todos os fatos relevantes para o problema que lhe é proposto. Os Azande dirigem-se a ele com o mesmo cuidado e detalhe que se observa num tribunal presidido por um príncipe. Isso significa começar bem de trás e assinalar, durante um período considerável de tempo, cada detalhe que possa elucidar o caso, unindo fatos num quadro consistente de acontecimentos e dispondo os argumentos numa teia lógica e sólida de seqüências e inter-relações de fatos e inferências. O interrogador deve também mencionar cuidadosamente o nome do homem que está consultando o oráculo, apontando para ele com o braço esticado. Menciona também o nome de seu pai, talvez de seu clã, o nome do lugar em que mora, e fornece detalhes semelhantes de outras pessoas mencionadas na fala.

Uma oração ao oráculo consiste geralmente de orientações alternadas. As primeiras frases esboçam a questão em termos que demandam uma resposta afirmativa e terminam com a ordem: "Oráculo de veneno, mate a ave." As frases seguintes esboçam a questão em termos que pedem uma resposta negativa e concluem com a ordem: "Oráculo de veneno, poupe a ave." O consultor então retoma a questão em termos que pedem uma resposta afirmativa, e assim por diante. Se um espectador considera que um ponto relevante foi deixado de fora, interrompe o interrogador, e este o inclui.

O interrogador empunha uma vara e, enquanto se dirige ao oráculo, sentado de pernas cruzadas em frente a ele, bate-a no chão. Continua a fazê-lo até o final da fala. Costuma gesticular à medida que fornece elementos, como um homem expondo um caso na corte. Às vezes arranca capim, mostra-o ao veneno e, depois de explicar que há algo que não deseja que ele considere, joga-o para trás. Assim, por exemplo, diz ao oráculo que não deseja que considere a

questão da bruxaria, mas apenas da feitiçaria. Bruxaria é *wingi*, algo irrelevante, e ele a esconde atrás dele. As imagens usadas são especialmente dignas de observação. É raro que alguém se dirija ao oráculo sem usar analogias e circunlóquios. Assim, perguntando se um homem cometeu adultério, a questão é formulada do seguinte modo:

Oráculo de veneno, oráculo de veneno, você está na garganta da ave. Aquele homem, o umbigo dele uniu-se ao umbigo dela; eles se abraçaram, ele a conheceu como mulher e ela o conheceu como homem. Ela levou *badiabe* (uma folha usada como toalha) e água para ele (para as abluções depois do intercuro); oráculo de veneno, ouça, mate a ave.

Enquanto a ave passa pelo ordálio, os homens cumprem atentamente determinado comportamento. Um homem deve cingir e ajeitar sua tanga de entrecasca para não expor os órgãos genitais, como faz quando se senta na presença de um príncipe ou de um parente afim. Os homens falam em voz baixa, como se estivessem na presença de superiores. Na verdade, toda conversa é evitada, a não ser que se refira diretamente ao processo de consulta. Se alguém deseja ir embora antes que os procedimentos tenham terminado, pega uma folha, cospe nela e coloca-a onde estava sentado. Vi um homem — que se levantara apenas por alguns minutos para pegar uma ave que escapara de sua cesta — colocar uma folha de capim na pedra sobre a qual estava sentado. As lanças devem ser deitadas no chão, jamais postas de pé na presença do oráculo de veneno. Os Azande ficam muito sérios durante uma sessão, pois estão fazendo perguntas de importância capital para suas vidas e felicidade.

IO

Basicamente o sistema de pergunta e resposta na consulta ao oráculo é simples. Há dois testes, o *bambata sima*, ou primeiro teste, e o *gingo*, ou segundo teste. Se uma ave morre no primeiro teste, então outra ave deve sobreviver ao segundo teste, para que o julgamento seja válido. Em geral a pergunta é formulada de tal modo que, para dar uma resposta afirmativa, o oráculo terá de matar uma ave no primeiro teste e poupar outra ave no teste de confirmação; para dar uma resposta negativa, deve poupar uma ave no primeiro teste e matar outra ave no teste corroborativo. Mas esse nem sempre é o caso, e às vezes as perguntas são formuladas em ordem inversa. A morte de uma ave não fornece em si mesma uma resposta positiva ou negativa; isso depende da forma da pergunta. Ilustrarei o procedimento comum com um exemplo:

A

Primeiro teste. Se X cometeu adultério, oráculo de veneno, mate a ave. Se X é inocente, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave morre.

Segundo teste. O oráculo de veneno declarou X culpado de adultério matando a ave. Se sua declaração é verdadeira, poupe esta ave. A segunda ave sobrevive.

Resultado: Veredicto válido. X é culpado.

B

Primeiro teste. Se X cometeu adultério, oráculo de veneno, mate a ave. Se X é inocente, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave sobrevive.

Segundo teste. O oráculo de veneno declarou X inocente de adultério ao poupar a ave. Se esta declaração é verdadeira, mate a segunda ave. A ave morre.

Resultado: Veredicto válido. X é inocente.

C

Primeiro teste. Se X cometeu adultério, oráculo de veneno, mate a ave. Se X é inocente, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave morre.

Segundo teste. O oráculo de veneno declarou X culpado de adultério ao matar a ave. Se esta declaração é verdadeira, poupe esta segunda ave. A ave morre.

Resultado: O veredicto é contraditório, e portanto inválido.

D

Primeiro teste. Se X cometeu adultério, oráculo de veneno, mate a ave. Se X é inocente, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave sobrevive.

Segundo teste. O oráculo de veneno declarou X inocente de adultério poupando a ave. Se sua declaração é verdadeira, mate a segunda ave. A ave sobrevive.

Resultado: O veredicto é contraditório, e portanto inválido.

Nos dois testes uma ave deve morrer e a outra deve viver para o veredicto ser aceito como válido. Se ambas vivem ou morrem, o veredicto é inválido, e o oráculo deve ser consultado sobre o problema em outra ocasião. Se o suprimimento de oráculo de veneno é suficiente, os dois testes podem ser feitos durante a mesma sessão, especialmente quando o problema é importante e urgente. Frequentemente, todavia, um teste não se completa numa única sessão, como se verá nos quadros que se seguem, por uma destas razões:

(1) A outra parte do teste pode ter sido realizada previamente, ou poderá ser realizada numa sessão futura. Às vezes há um longo intervalo entre os dois testes, porque o primeiro é considerado uma justificativa suficiente para co-

meçar uma empresa, mas um segundo teste tem que ser feito antes que o empreendimento esteja muito avançado. Por exemplo, um homem fica noivo de uma mulher e começa a pagar as lanças do preço da noiva ao pai desta com base num único teste, deixando o teste de confirmação para meses depois. Mas a jovem só irá viver permanentemente com ele quando ambos os testes tiverem sido feitos.

(2) Um dos oráculos menos importantes pode ter sido consultado anteriormente, de modo que um único veredicto do oráculo de veneno é visto como confirmação oracular.

(3) É comum que os Azande considerem um único teste suficiente, sobretudo se o oráculo dá sua resposta decididamente, matando a ave sem hesitação. Assim, eles podem economizar veneno.

(4) Muitas confirmações de veredictos estão contidas nas respostas do oráculo a outras questões; por exemplo, um homem pergunta se um bruxo morrerá caso um certo parente observe os interditos da vingança mágica. O oráculo diz "sim". Ele então pergunta se o parente morrerá durante o período de observação dos tabus. Se o oráculo diz "não", confirma seu veredicto anterior, porque a vida do parente está vinculada à realização da vingança.

(5) Às vezes uma só ave é usada para confirmar diferentes perguntas. Se, respondendo a duas diferentes questões, o oráculo matou duas aves, então pode-se pedir a ele que poupe uma terceira ave, confirmando ambos os veredictos ao mesmo tempo.

(6) Quando não está em jogo um problema sério, basta aos Azande saber se o oráculo está funcionando corretamente; e, certos disso, estão prontos a aceitar declarações únicas e dispensar repetições de julgamento. Assim, cinco perguntas não relacionadas podem ser feitas numa única sessão. Suponhamos que o oráculo poupe as aves na resposta às primeiras quatro questões e mate uma na resposta à quinta. Isso prova que a ação daquela amostra particular de veneno é discriminadora, e que portanto seus quatro primeiros veredictos podem ser considerados válidos.

A realização dos dois testes, porém, é essencial para responder qualquer pergunta referente às relações entre duas pessoas, especialmente quando estão envolvidas questões legais.

II

As seguintes consultas ao oráculo de veneno são fornecidas para mostrar o tipo de perguntas feitas e a ordem em que se pergunta, bem como para capacitar o leitor a julgar por si mesmo a proporção de aves que morre, o número de

doses de veneno que elas recebem e a ordem das mortes e sobrevivências. Estive presente em ambas as sessões relatadas, e muitas dessas perguntas referem-se a pessoas ligadas à minha casa e a seus parentes.

PRIMEIRA SEÇÃO

(1) X deve observar os tabus de luto e vingança pela morte de Magadi até que a vingança se complete? A ave MORRE com resposta "sim".

(2) Se X observar os tabus de luto por Magadi, ele morrerá como consequência disso? (Isto é, se, por descuido no seu uso, a droga mágica que ele enviou contra o assassino de Magadi não se voltaria contra ele mesmo? Isso também seria uma confirmação da primeira pergunta, uma vez que, se X morresse, então a vingança não se daria no período de seu luto.) A ave MORRE com resposta "sim". (Estes dois veredictos se contradisseram, e seguiu-se uma pequena discussão. Um homem disse que, uma vez que Magadi morrera de lepra, sua morte não devia ser vingada, e que era por isso que o oráculo dera veredictos contraditórios. Essa opinião foi rejeitada pelos outros.)

(3) Se Adiyambio, que está sofrendo de uma úlcera profunda, permanecer no nosso aldeamento, ele morrerá? A ave SOBREVIVE com resposta "não".

(4) Se Bamina for viver na nova residência que acaba de construir para si, ele morrerá? A ave MORRE com resposta "sim".

(5) Se Bamina permanecer em sua velha residência, ele morrerá? A ave MORRE com resposta "sim".

(6) Se Bamina for viver no aldeamento de Ndoruma, ele morrerá? A ave SOBREVIVE com resposta "não".

(7) (Confirmação da última pergunta.) O oráculo falou a verdade quando disse que Bamina não morreria se fosse viver no aldeamento de Ndoruma? A ave SOBREVIVE com resposta "não". (As respostas às perguntas 6 e 7 se contradisseram. Alguém sugeriu que o oráculo estava cansado, como um chefe que estivesse sentado havia horas ouvindo os casos em sua corte, e se fatigasse. Outro homem disse que o oráculo vira algum infortúnio pela frente, que não era morte, mas um infortúnio grave, e que escolhera essa forma de avisar Bamina. Os veredictos considerados no seu conjunto foram tomados como um mau agouro, e houve muita discussão sobre quem estava ameaçando o bem-estar de Bamina. Mbira deu sua opinião de que o perigo era de feitiçaria, e não de bruxaria, já que um bruxo não persegue um homem de um lugar para outro desse modo, mas pára de perturbá-lo se ele abandona sua residência e vai viver em outro lugar.)

(8) Eles agora perguntam ao oráculo sobre dois homens, um chamado Pilipili e o outro um membro do clã Bangombi, que outrora se casara com a filha de Bami-

na, mas que recebera de volta as lanças do preço da noiva. Algum desses dois homens está ameaçando Bamina com bruxaria ou magia negra? A ave MORRE com resposta “sim”.

A sessão teve de ser encerrada nesse ponto, pois não havia veneno suficiente para continuar as consultas.

SEGUNDA SESSÃO

(1) Já que, numa consulta anterior, foi determinado que a filha de Mamenzi, esposa de Mekana, está em péssimas condições, a má influência que paira sobre ela vem da casa de Mekana ou da casa de seu avô paterno (a quem seu pai dera as lanças do preço da noiva como “primícias”)? Se é da residência de Mekana, oráculo de veneno, poupe a ave. Se é da residência de seu avô, oráculo de veneno, mate a ave. (Deve ser assinalado que esta é uma forma bastante incomum de fazer uma pergunta, já que não permite uma terceira alternativa: que o bruxo seja de uma residência não mencionada. O procedimento poderia mesmo ser considerado incorreto. No entanto o marido estava tão seguro de que a má influência que atingira sua mulher só podia provir de inveja em sua própria residência, ou de desagrado na de seus afins, que a pergunta lhe parecia legítima. Contudo, seria sempre possível ao oráculo mostrar que nenhuma das residências era responsável matando ou poupando ambas as aves no teste duplo, ou mesmo pela maneira pela qual afetasse as aves durante os testes). A ave MORRE, dizendo que a má influência provém da residência do avô da jovem (uma dose de veneno ministrada).

(2) O oráculo de atrito disse que um homem chamado Sueyo fez magia, causando doença violenta em Kisanga. A pergunta é feita: “A afirmação do oráculo de atrito é correta? Se é, oráculo de veneno, mate a ave!” A ave SOBREVIVE com resposta “não” (duas doses ministradas).

(3) A mãe de X está seriamente doente. Sua doença se deve a Basa? Se assim o é, oráculo de veneno, mate a ave. Se não, poupe a ave. A ave SOBREVIVE com resposta “não” (duas doses ministradas).

(4) Veredicto confirmativo da pergunta 1. Se a má influência que ameaça sua mulher está na residência de Mekana, então, oráculo de veneno, mate a ave. Se a má influência emana das mulheres do avô de sua mulher, então, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave SOBREVIVE, confirmando que a má influência provém da casa do avô da jovem (duas doses ministradas). (Mekana depois pediu ao sogro para que as mulheres de sua casa colhessem e soprassem água em sinal de boa vontade. Ele não se arriscou a apontar nenhuma “sogra” em particular.)

(5) Já que o oráculo (teste 3) disse que a doença da mãe de X não podia ser atribuída a Basa, X pergunta agora se ela se deve às mulheres de Y. Se estas são responsáveis, oráculo de veneno, mate a ave. A ave MORRE com resposta “sim” (uma dose ministrada).

(6) (Voltamos agora à pergunta 2.) Tendo sido determinado que Sueyo não era responsável pela doença de Kisanga, este pergunta: o feiticeiro mora no nosso lado da nova parte do aldeamento do governo? Se ele mora aí, oráculo de veneno, mate a ave. A ave SOBREVIVE com resposta “não” (duas doses ministradas). (Esse veredicto, com mais outros três prévios sobre o problema, provou que o feiticeiro não morava em nosso aldeamento.)

(7) (Voltamos à questão da mulher de Mekana, já tratada nas perguntas 1 e 4.) Se há alguém, além das mulheres do avô da mulher dele, que ameçam a saúde de Mekana, ou se, depois que a asa da ave lhes tenha sido apresentada para soprar água, elas ainda exercerão influência negativa sobre ela, então, oráculo de veneno, mate a ave. Se, por outro lado, não há mais ninguém a temer além das mulheres do avô da mulher dele, se elas soprarão água na asa da ave com sinceridade e retirarão sua má influência, então, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave SOBREVIVE, indicando que nada mais haverá a temer (duas doses ministradas).

(8) (Voltamos à pergunta da mãe de X já tratada nos testes 3 e 5.) Foi determinado que as mulheres de Y são responsáveis pela doença da mãe dele; X pergunta agora se só elas são responsáveis, ou se o próprio Y as encorajou e assistiu para que lançassem bruxaria sobre a velha senhora. Se Y é culpado, então, oráculo de veneno, mate a ave. Se Y é inocente, então, oráculo de veneno, poupe a ave. A ave MORRE, dizendo que Y é responsável (uma dose ministrada).

Essa segunda sessão fornece um exemplo de uma consulta ao oráculo inteiramente bem-sucedida. Eu chamaria a atenção para a maneira pela qual um grupo de perguntas é arranjado. Há três problemas a serem resolvidos, e há oito aves por meio das quais os resolver. As perguntas referem-se ao bem-estar da mulher de Mekana, à saúde da mulher nomeada como mãe de X e à identificação do feiticeiro que causou a Kisanga uma doença tão atroz. Quando muitas pessoas têm perguntas a fazer ao oráculo, não se esgota um problema passando-se para o seguinte, mas geralmente, como nessa ocasião, é permitido a cada pessoa fazer uma pergunta de cada vez. No segundo turno, cada uma delas tenta obter veredictos confirmatórios ou fazer perguntas subsidiárias. Se um homem tem mais aves do que os outros, ele pode fazer mais perguntas, mas deixa que os outros coloquem seus problemas entre elas. Não se trata simplesmente de cortesia; isso se baseia na noção de que, depois que um problema foi colocado ao oráculo e ele forneceu uma resposta, deve-se

dar tempo para que ele reveja o problema com calma, antes de confirmar sua primeira resposta e dar o veredicto final. Viu-se de imediato que o veneno usado nessa sessão era discriminante. Matou a primeira ave e mostrou que não era impotente, pois quando o *benge* é impotente, todas as aves sobrevivem; poupou a segunda ave e mostrou que não era um veneno superpotente, pois quando o é todas as aves morrem. Poupou várias outras aves, mas no final matou a última delas, mostrando que mantinha sua potência. Os Azande buscam essas evidências em cada teste para estabelecer se o veneno é bom.

12

Falta contar como nos velhos tempos as pessoas bebiam veneno de oráculo. É preciso algum cuidado ao considerar a frase zande *mombiri benge* ("beba veneno de oráculo"), pois é uma expressão comum de um príncipe quando quer dizer simplesmente que "você deve submeter seu caso ao oráculo de veneno". Mas no passado, embora raramente, às vezes algumas pessoas bebiam veneno de fato. Isso podia acontecer de dois modos. Um homem acusado de uma ofensa séria podia oferecer-se para beber veneno depois de um teste oracular com aves ter-se pronunciado contra ele. Do mesmo modo, se uma mulher acusasse um homem de ter cometido adultério com ela, ele podia propor que tanto ele quanto a mulher bebessem veneno.

O veneno do oráculo era também ministrado ocasionalmente a meninos escravos em casos importantes envolvendo príncipes. Falava-se a eles na mesma linguagem que às aves. O veneno era misturado com água numa cuia. O menino, sentado no chão e usando um cinto de capim *bingba*, bebia o veneno; e então o interrogador sacudia sinetas e dirigia-se ao veneno dentro dele. Quando terminava sua fala, esfregava a cuia na cabeça do menino e mandava que ele se levantasse. Se o menino alcançava a asa da ave e voltava com ela, eles se dirigiam novamente ao veneno no seu interior e lhe diziam então para recolocar no lugar a asa da ave. Depois faziam uma terceira e última fala e diriam ao menino para buscar a asa novamente. Então o teste estaria terminado.

Se o veneno fosse matar um menino, não o mataria enquanto estivesse sentado quieto no chão, embora ele sofresse espasmos de dor que o fariam esticar os braços para trás, ofegando para respirar. Quando o menino caía, faziam-se esforços, com o consentimento do rei, para revivê-lo, ministrando-lhe uma mistura viscosa feita da planta *mboyo*, da árvore *kypoyo*, e sal. Isso fazia com que vomitasse o veneno. Depois ele era levado para um riacho, colocado à sombra, e despejava-se água fria em seu rosto.

Problemas suscitados pela consulta ao oráculo de veneno

I

Descrevi para muitas pessoas na Inglaterra os fatos relatados no último capítulo. Em sua maioria, elas desacreditaram ou desdenharam deles. Tentavam com suas perguntas explicar o comportamento zande racionalizando-o, isto é, interpretando-o nos termos da nossa cultura. Essas pessoas supõem que os Azande entendem necessariamente as qualidades dos venenos assim como nós as entendemos; ou que atribuem uma personalidade ao oráculo, uma mente que julga como os homens, mas com maior presciência; ou que o oráculo é manipulado pelo operador, cuja astúcia preserva a fé dos leigos. Indagam ainda sobre o que acontece quando o resultado de um teste contradiz o outro, que deveria ser confirmado para que o veredicto fosse válido; o que acontece quando as descobertas do oráculo são desmentidas pela experiência; e o que acontece quando dois oráculos dão respostas contrárias à mesma pergunta.

Os mesmos problemas — e outros, naturalmente — me ocorreram quando estava na terra dos Azande. Fiz investigações e observações sobre os pontos que me pareciam importantes. Neste capítulo relato minhas conclusões. Antes de apresentá-las, devo advertir o leitor que estamos tentando analisar mais um comportamento que uma crença. Os Azande têm pouca teoria sobre seus oráculos e não sentem necessidade de doutrinas.

Traduzi a palavra *benge* por “trepadeira do veneno”, “veneno de oráculo” e “oráculo de veneno”, conforme o contexto. Mas é necessário assinalar que as idéias zande sobre o *benge* são muito diferentes das noções sobre veneno que prevalecem entre as classes cultas da Europa. Para nós o *benge* é um veneno, mas não para eles.

É verdade que o *benge* deriva de uma trepadeira selvagem da mata; e que se pode supor que suas propriedades residam na trepadeira, isto é, que sejam propriedades naturais; mas aos olhos zande, ele só se torna o *benge* das consultas oraculares (e fora dessa situação não se tem qualquer interesse nele) quando foi preparado segundo certos interditos e empregado da maneira tradicional. Para ser mais preciso, apenas esse *benge* manufaturado é *benge*

para os Azande. Desse modo, os Azande dizem que, se por uma ou outra razão, ele está desprovido de sua potência, é apenas “uma coisa qualquer, mera madeira”.

Por isso, perguntar aos Azande o que aconteceria se eles ministrassem uma dose extra de veneno a uma ave que se tivesse recobrado das doses usuais, ou se colocassem algum veneno na comida de um homem, é fazer perguntas tolas. Os Azande não sabem o que aconteceria, não estão interessados nisso, e ninguém foi tolo o bastante para gastar bom veneno de oráculo em experiências tão ridículas. O *benge* propriamente dito é dotado de potência em virtude da abstinência dos interessados e de seu conhecimento da tradição e só funcionará nas condições de uma sessão.

Quando perguntei a um zande o que aconteceria caso se administrasse a uma ave uma dose de veneno atrás da outra, durante uma consulta na qual o oráculo devesse poupar a ave para dar a resposta certa à pergunta, meu interlocutor respondeu que não sabia exatamente o que aconteceria, mas supunha que cedo ou tarde ela estouraria. Ele não aceitou de modo algum a sugestão de que o veneno extra mataria a ave, a não ser que a pergunta fosse subitamente invertida, de modo que o oráculo tivesse de matar a ave para dar uma resposta correta — ocasião em que evidentemente ela morreria de imediato.

É certo que os Azande não vêem as reações das aves ao *benge* e a ação do *benge* sobre as aves como um processo natural, isto é, um processo condicionado apenas por causas físicas. O oráculo não é para eles uma questão de sorte, como o girar de uma moeda; na verdade cabe perguntar se eles têm qualquer noção que se aproxime do que queremos dizer quando falamos de causas físicas.

Ainda assim os Azande poderiam bem ter uma certa idéia rústica, uma noção de senso comum a respeito dos venenos. Eles poderiam saber que há certos produtos vegetais que matam homens e animais, sem atribuir-lhes propriedades supra-sensíveis. Por certo os europeus freqüentemente atribuem um conhecimento de venenos aos Azande e a outros povos do Sudão meridional. Nenhuma evidência do uso homicida de veneno foi obtida até agora, nem é provável que o seja. Se há um produto com certeza venenoso possuído pelos Azande este é o *benge*; suas propriedades letais são diariamente demonstradas nas aves e algumas vezes foram experimentadas em seres humanos. Ainda assim eles não têm a menor idéia de que poderia ser possível matar gente adicionando veneno em sua comida. Embora os homens sejam freqüentemente suspeitos de usar certas drogas maléficas para matar seus vizinhos, ninguém jamais imaginou um homem usando *benge* como meio de assassinato; se isso for sugerido, um zande dirá que com *benge* não daria certo.

Mas nem sempre é fácil reconciliar as doutrinas azande com seu comportamento — e umas com as outras. Eles dizem que os homens às vezes comem as aves depois de as terem limpado de veneno — uma ação que implicaria o conhecimento das propriedades do *benge* em outras situações. O proprietário de uma ave morta pode tirar seu estômago e pescoço e prepará-la como comida. Meus informantes disseram que se tentava tirar todo o veneno de carcaça. Provavelmente a prática é rara, uma vez que em geral as galinhas utilizadas são demasiado pequenas para fins culinários. Geralmente as aves são jogadas fora ou colocadas numa árvore para serem comidas pelos pássaros, depois de terem as asas cortadas. Além disso, um jovem não comeria aves mortas pelo oráculo, de modo que o dito acima aplica-se apenas aos velhos, e talvez apenas àqueles que não são muito exigentes quanto à comida. Quando protestei a respeito da afirmação de que as pessoas comem aves envenenadas, perguntaram-me: “Que mal pode fazer a um homem o veneno, se ninguém está perguntando nada a ele?” Mekana uma vez observou que seria uma boa brincadeira dirigir-se ao veneno de oráculo na barriga de um velho que tivesse comido uma ave morta num teste oracular. Poderíamos dizer que ele sugeriu: “Se fulano de tal (nomeando o velho) dormiu com sua mulher na noite passada, oráculo de veneno, mate-o!” Acho que Mekana dificilmente falava a sério com essa sugestão. Todavia, o fato mesmo de limpar o veneno das aves sugere que em alguma medida os Azande têm ciência das propriedades naturais dessas substâncias.

Alguns Azande afirmam que o veneno se deteriora com o tempo, e todos sabem que um certo veneno é mais forte que outros, ou então que o *benge* se torna mais potente quando exposto ao sol, e menos potente quando diluído na água. Sabem que se um cachorro comer uma ave morta pelo oráculo ele pode morrer. (É possível que considerem que o oráculo ainda está trabalhando no interior do cachorro e respondendo à pergunta anteriormente feita; mas não tenha provas de que seja este o caso. É possível também que, quando os homens limpam as aves mortas pelo oráculo, antes de comê-las, estejam temerosos de que o veneno continue respondendo à pergunta dentro deles e os mate. Não tenho dúvidas de que um zande poderia dar uma razão tão caracteristicamente mística para seu comportamento.)

2

Sem experimentos de laboratório é impossível discernir qualquer uniformidade no trabalho do oráculo. A observação por si só é insuficiente para explicar por que algumas aves morrem e outras sobrevivem. Na verdade os Azande

agem como agiríamos em circunstâncias semelhantes, e fazem os mesmos tipos de observações que faríamos. Eles reconhecem que um veneno é forte e outro é fraco, e dão mais ou menos doses segundo o tipo que estão usando. Ouve-se com frequência durante uma sessão: “Não é bastante forte”, “Você já deu o bastante à ave”, e expressões semelhantes. Mas os Azande são dominados por uma fé poderosa que os impede de fazer experimentos, de generalizar contradições entre os testes e entre veredictos de diferentes oráculos, e entre todos os oráculos e a experiência. Para entender por que os Azande não tiram de suas observações as conclusões que tiraríamos, devemos nos dar conta de que sua atenção está focalizada nas propriedades místicas do oráculo de veneno, e que suas propriedades naturais são de interesse tão pequeno para eles que simplesmente não entram em consideração. Para eles a trepadeira é algo diferente do produto final, usado em condições rituais, e ela raramente consta de suas noções sobre o oráculo. Se a mente de um zande não estivesse focalizada nas qualidades místicas do *benge*, e totalmente absorvida por elas, ele perceberia a significação do conhecimento que já possui. Tal como é, a contradição entre suas crenças e observações só se torna uma contradição evidente e generalizada quando são colocadas lado a lado nas páginas de um tratado etnográfico. Mas, na vida real, esses pedaços de saber não participam de um conceito indivisível — como se, quando um indivíduo pensa no *benge*, tivesse necessariamente de pensar em todos os detalhes que descrevi aqui. Tais detalhes são função de situações diferentes e não estão coordenados. Por conseguinte, as contradições, para nós tão aparentes, não impressionam um zande. Se ele vem a ter consciência de uma contradição, trata-se de uma contradição particular, facilmente explicável em termos da própria crença.

É evidente que o sistema oracular não teria sentido se a possibilidade de o *benge* ser um veneno natural — como um europeu educado o consideraria — não estivesse automaticamente excluída. Quando eu costumava pôr em dúvida a fé zande no oráculo de veneno, defrontava-me ora com assertivas diretas; ora com uma dessas evasivas elaborações secundárias da crença que se ajustam a qualquer situação capaz de provocar ceticismo; ora com uma polidez compadecida — mas sempre com um emaranhado de obstáculos lingüísticos, pois as objeções não formuladas por uma cultura não podem ser adequadamente expressas em sua língua.

Os Azande observam como nós a ação do oráculo de veneno, mas suas observações estão sempre subordinadas à sua crença, servindo para explicá-la e justificá-la. Considere o leitor qualquer argumento que pudesse demolir totalmente as alegações azande sobre o poder do oráculo. Se esse argumento fosse traduzido para as formas de pensamento zande, serviria para sustentar toda a sua estrutura de crenças. Pois as noções místicas são eminentemente

coerentes, inter-relacionadas por uma teia de ligações e ordenadas de tal modo que nunca contradizem diretamente a experiência sensível — ao contrário, a experiência parece justificá-las. Os Azande estão imersos num mar de noções místicas; e, ao falarem de seu oráculo de veneno, fazem-no num idioma místico.

Se não podemos dar conta da fé zande em seu oráculo de veneno — assumindo que eles estão cientes de que se trata de um veneno e simplesmente se conformam ao acaso da ação diferencial do oráculo sobre aves diferentes—, podemos em vez disso tentar compreendê-la, supondo que eles personifiquem o oráculo. Se lhe atribuirmos uma mente, o oráculo zande não é mais difícil de entender do que o de Delfos. Mas os Azande não o personificam. Pois embora nos pareça que devam ver o oráculo como uma pessoa, já que se dirigem diretamente a ele, a questão parece na verdade absurda quando formulada na língua zande. Uma *boro*, uma pessoa, tem duas mãos e dois pés, uma cabeça, uma barriga e assim por diante, e o oráculo de veneno não tem nada disso. Não é vivo, não respira ou se move. É uma coisa. Os Azande não têm qualquer teoria sobre ele; não sabem por que funciona, mas apenas que funciona. Oráculos sempre existiram e sempre funcionaram como funcionam, porque esta é sua natureza.

Se você pressionar um zande para que explique como o oráculo de veneno pode ver coisas distantes, ele dirá que sua *mbisimo*, sua alma, as vê. Pode-se argumentar que se o oráculo de veneno tem uma alma ele é um ser animado. Defrontamo-nos aqui com uma dificuldade que sempre surge quando uma palavra nativa é traduzida. Traduza a palavra *mbisimo** por “alma” porque a noção que essa palavra exprime em nossa cultura é mais próxima da noção do *mbisimo* das pessoas do que qualquer outra palavra nossa. Os conceitos não são idênticos, e como em cada língua a palavra é usada em muitos sentidos, não é mais possível usar as expressões originais na tradução sem o risco de confusão e distorção grosseiras. Ao dizer que o oráculo de veneno tem um *mbisimo*, os Azande querem dizer pouco mais do que “ele faz alguma coisa”, ou “ele é dinâmico”. Pergunta-se então como funciona, e eles respondem: “Tem uma alma”. Caso se perguntasse como sabem que tem uma “alma”, eles responderiam que sabem por que o oráculo funciona. A palavra *mbisimo* descreve e explica toda ação de ordem mística.

Torna-se bem evidente que os Azande não vêem os oráculos como pessoas quando consideramos os oráculos de atrito** (ou da tábua mágica) e das

* Ver Apêndice I, glossário (N.T.)

** *Rubbing-board oracle* (N.T.)

térmitas. O oráculo de atrito é um instrumento de madeira feito pelo homem e só se torna oráculo quando tratado e operado de certa maneira; se um tabu for violado, ele volta a ser apenas um pedaço de madeira entalhada, sem o poder de ver o futuro. As térmitas não são certamente pessoas físicas ou corpóreas; são térmitas e nada mais. Mas se forem abordadas de modo correto são então dotadas de poderes místicos.

É difícil para nós entender como o veneno, a tábua mágica, as térmitas e três gravetos podem ser meramente coisas ou insetos, e ainda assim ouvir o que é dito a eles, prever o futuro e revelar o presente e o passado. Mas quando usados em situações rituais deixam de ser simples coisas e meros insetos e se tornam agentes místicos. E, já que os oráculos são dotados de seus poderes graças ao homem, também será por meio do homem que os perdem. Se um tabu é quebrado, tornam-se novamente meros insetos, coisas e pedaços de madeira.

3

Ocorrerá de pronto a uma mente europeia que a razão provável da morte ou sobrevivência de uma ave é a maior ou menor dose de veneno a ela ministrada, e se avançará a conclusão de que o veredicto depende da habilidade do operador. De fato um europeu está propenso a admitir que o operador trapaceia. Mas creio que está errado nessa suposição. É verdade que o número e o tamanho das doses ministradas às vezes variam, e que mesmo aves de igual tamanho nem sempre recebem o mesmo número de doses; mas supor que os Azande trapaceiam é nada entender da sua mentalidade. Qual seria o objetivo de trapacear? Hoje as declarações do oráculo de veneno não são mais reconhecidas como prova de assassinato ou adultério, de modo que não pode mais ser usado como um instrumento de justiça e ganho; as perguntas habituais feitas a ele referem-se à saúde e ao bem-estar do interrogador e de sua família. Este quer sempre saber se a bruxaria está ameaçando seus interesses e, se assim for o caso, quem é o bruxo que o condenou a algum mal-estar. Trapacear, longe de ajudá-lo, iria destruí-lo, pois em vez de poder chegar ao verdadeiro bruxo e assim se ver livre de seu destino adverso, chegaria à pessoa errada, ou a ninguém, e será vítima inevitável da sina que o espera. A trapaça é totalmente contra seus interesses. Resultaria provavelmente em sua morte. Mesmo em questões de casamento, em que poderia parecer vantajoso a um zande obter um veredicto favorável, de modo a poder casar-se com determinada moça, seria na verdade fatal trapacear; se ele obtivesse um veredicto incorreto isso significaria simplesmente que sua mulher morreria pouco depois do casamento.

No entanto seria possível argumentar que o consultor do oráculo é uma pessoa, e o operador é outra, e que os sentimentos e propósitos do consultor contam menos que a astúcia do operador. Isso, como veremos no próximo capítulo, pode ser um comentário justo quanto ao funcionamento do oráculo de atrito, mas não cabe no caso do oráculo de veneno, pelos seguintes motivos:

(1) O operador age em público. Sua audiência, toda composta de interessados na disputa ou investigação, senta-se a poucos metros de distância, pode ver o que ele faz e em grande parte dirige suas ações.

(2) Ficou evidente para mim, nas muitas ocasiões em que presenciei as consultas, que o operador estava tão pouco ciente do resultado que seria obtido quanto eu ou qualquer outro observador. Eu concluí, observando suas ações, fala e expressão, que ele se considerava um servidor mecânico do oráculo, e de modo algum seu dirigente.

(3) Às vezes o consultor do oráculo é seu operador. Um homem que acredita no que os Azande acreditam sobre bruxaria e oráculos, e ainda assim trapaceasse, seria um lunático.

(4) Presenciei casos em que era do interesse do operador que as aves vissem, e no entanto elas morreram, e vice-versa.

(5) Não há uma classe especial de operadores. Eles não formam uma corporação ou confraria. A maioria dos adultos homens sabe como operar o oráculo, e qualquer um que o deseje pode fazê-lo. Não se pode usar de trapaça com um praticante do mesmo tipo de trapaça.

(6) Os operadores são geralmente meninos entre 12 e 16 anos, suficientemente grandes para conhecer e observar os tabus de alimentação e jovens o bastante para se absterem de relações sexuais. De todo o país zande, esses inocentes são provavelmente as pessoas que menos sabem trapacear; além disso, não estão em geral preocupados com os problemas dos adultos tipicamente apresentados ao oráculo.

(7) O oráculo se contradiz praticamente a metade das vezes em que se fazem dois testes para a mesma pergunta.

(8) Os Azande não compreendem que o *benge* é um veneno natural, e portanto não sabem nem mesmo que uma trapaça desse tipo seria possível. Dirão do oráculo de atrito que um homem trapaceou com ele, mas nunca se ouvirá a sugestão de que um homem possa ter manipulado desonestamente o oráculo de veneno.

A diferença no número de doses ministradas às aves deve-se a certas regras técnicas de operar o oráculo. Há um número comum de doses para aves de diferentes tamanhos, mas o oráculo dá suas respostas por intermédio das

aves, sendo esta a única maneira pela qual ele pode falar; de modo que convém perceber que a ave foi afetada pelo veneno, porque assim eles sabem que a pergunta foi ouvida, considerada e está sendo respondida. Desse modo, se, depois de duas doses, a ave não parece ter sido absolutamente afetada, mesmo que este seja o número comum de doses para uma ave daquele tamanho, uma terceira dose pode ser dada. Se a ave permanece inabalável, eles sabem que o oráculo dará um veredicto claro, poupando-a; e que respondeu sem hesitações, pois, já que matou outras aves no mesmo dia, é sabidamente um *benge* de boa qualidade, que pode matar aves se assim quiser.

Observei que os Azande às vezes dão menos doses no segundo teste, o *gingo*, que no primeiro. Eles não estão tentando trapacear, mas não querem gastar o veneno valioso. O objetivo do segundo teste é verificar se o oráculo estava funcionando corretamente quando deu sua primeira resposta. Isso pode ser provado claramente tanto após uma ou duas doses como após três ou quatro, e é apenas desperdício administrar doses extras.

Os Azande sabem que em disputas civis, relativas a bruxaria ou adultério, por exemplo, o homem escolhido para consultar o oráculo de veneno tem a possibilidade de trapacear de uma outra maneira. Um homem não mexeria no veneno, porque não acredita que seja possível alterar o veredicto de um oráculo quando o veneno foi ministrado a uma ave; mas ele pode arranjar uma asa de galinha sem ter absolutamente consultado o oráculo de veneno; pode simplesmente matar uma ave e cortar a asa. Os Azande dizem que isso às vezes acontece, mas o perigo é pequeno, porque o ancião que faz o teste normalmente traz duas ou três testemunhas consigo. Além disso, um homem que esteja convencido de que não teve um teste correto pode apelar para o rei, e se seu oráculo de veneno declara esse homem inocente, o rei mandará buscar o ancião e lhe dirá que ele é trapaceiro, mentiroso e nunca mais poderá conduzir consultas oficiais.

4

Que explicação dão os Azande quando o oráculo se contradiz? Uma vez que eles não compreendem as propriedades naturais do veneno, não podem explicar cientificamente a contradição; como não atribuem uma personalidade ao oráculo, não podem atribuir suas contradições à volição; e, já que não trapaceiam, não podem manipular o oráculo para evitar contradições. O oráculo parece ser ordenado de modo a fornecer um número máximo de contradições evidentes, pois, como vimos, em questões importantes um único teste é inaceitável, e o oráculo deve matar uma ave e poupar outra para que o veredicto seja válido. Como bem podemos imaginar, o oráculo freqüentemente

mata ou poupa ambas as aves, e isso nos provaria a futilidade de todo o processo. Mas, para os Azande, isso prova o contrário. Eles não se surpreendem com as contradições; esperam-nas. Por paradoxal que seja, os erros, bem como os julgamentos válidos do oráculo, provam sua infalibilidade. O fato de que o oráculo erre por causa da intervenção de algum poder místico mostra quão precisos são seus julgamentos quando tais poderes são excluídos.

As elaborações secundárias da crença que explicam o fracasso do oráculo atribuem-no a: a) coleta da variedade errada de veneno; b) violação de um tabu; c) bruxaria; d) ira dos proprietários da floresta onde cresce a trepadeira; e) idade do veneno; f) ira dos espíritos; g) feitiçaria; h) uso.

Se na primeira sessão o oráculo mata as aves indiscriminadamente, uma após a outra, sem poupar nenhuma, os Azande dizem que se trata de um veneno "tolo". Ocorrem com mais frequência sessões nas quais o veneno não afeta as aves, quando eles dizem que é um "veneno fraco" ou "morto". Se quatro galinhas de tamanho médio passam sucessivamente incólumes pelo veneno, interrompe-se a sessão, e depois o veneno será jogado fora. Tendo perdido sua potência, não há como recuperá-la, ao passo que se é superpotente o veneno pode, depois de guardado por algum tempo, tornar-se bom, isto é, tornar-se discriminante. Às vezes, quando as aves parecem não ter sido absolutamente afetadas pelo veneno, eles administram as doses usuais a uma delas fazendo ao oráculo a pergunta direta: "Se você é um bom oráculo de veneno, mate esta ave. Se você é um oráculo de veneno inútil, poupe-a!" Se o veneno é um "bom veneno" ou um "veneno forte", ele pode demonstrar sua potência imediatamente.

O veneno pode ser superpotente porque os coletores tiraram-no do tipo errado de trepadeira, pois há duas variedades de trepadeira de veneno, a chamada *nawada* e a chamada *andegi*. A *andegi* mata as aves sem considerar as perguntas feitas. É desnecessário buscar uma causa, pois ao observar sua ação os Azande sabem imediatamente que se trata da *andegi*; então embrulham-na em folhas, escondem-na e esperam alguns meses para que "esfrie". Se depois desse tempo ela ainda permanece "tola", jogam-na fora ou tentam descobrir se a bruxaria ou alguma outra causa é responsável pelo fracasso em proferir julgamentos corretos.

A explicação que menciona a *andegi* é trazida à baila apenas quando o veneno é recém-colhido e está sendo testado para determinar seu valor. Se um pacote de veneno até então tido como boa *nawada* vem a matar todas as aves numa sessão, deve-se buscar outra causa para isso; seu comportamento é geralmente atribuído à bruxaria.

Se, no teste preliminar ou em qualquer teste posterior, o veneno se mostra impotente e não mata uma única ave, os Azande geralmente atribuem seu

comportamento à quebra de tabu. Hoje, quando o veneno é freqüentemente comprado de Azande congolese, há o sério risco de que tenha sido poluído por um dos intermediários; uma vez em contato com uma pessoa impura, ele está estragado para sempre.

A bruxaria é sempre citada como uma explicação para veredictos errados. Ela pode também tornar o oráculo impotente, embora isso seja em geral atribuído à quebra de tabu. De um modo geral a presença de bruxaria é demonstrada quando o oráculo mata duas aves em resposta à mesma pergunta, ou poupa duas aves em resposta à mesma pergunta, quando já matou uma ave na mesma sessão. Em tais casos o veneno é evidentemente potente, e seu fracasso em proferir julgamentos corretos pode se dever à influência passageira de bruxaria. A sessão pode então ser suspensa e reiniciada um outro dia, na esperança de que a bruxaria não esteja mais operante. Todavia, a não ser que o oráculo cometa muitos erros consecutivos, os Azande geralmente não encerram uma sessão, pois em geral a interferência de bruxaria no trabalho do veneno afeta uma só pergunta em particular, sem influência sobre a resposta às outras perguntas. O bruxo está impedindo que o oráculo dê uma resposta precisa a certa pergunta que lhe diz respeito, e não tentando interferir sobre as perguntas que não lhe interessam; tampouco deseja destruir completamente o veneno.

Às vezes o veneno se recusa a funcionar corretamente num determinado dia porque o operador está com azar: "sua condição é má", como dizem os Azande. Isso significa que há bruxaria à sua volta e que, ao entrar em contato com o oráculo de veneno ele lhe transmitiu má sorte, de modo que a condição do veneno também se torna má. Às vezes interrompem-se as perguntas para indagar do oráculo se ele está sendo perturbado por bruxaria; as pessoas dizem que ele pode então matar uma ave depois de ter sido incapaz de fazê-lo antes, ou poupar uma ave depois de ter matado todas as anteriores, de modo a informar ao interrogador que há bruxaria presente. Um homem não pergunta a um pacote de veneno se um outro pacote é bom.

Se no primeiro teste depois de colhido o oráculo de veneno não funciona — e o homem que o colheu está certo de que observou os interditos exigidos e de que o veneno não entrou em contato com qualquer influência poluente —, sua impotência pode ser atribuída à ira dos proprietários do solo de onde foi extraído. Ou pode-se dizer que algum estrangeiro poluiu o veneno sem conhecimento do coletor quando o grupo estava na viagem de volta. Tais explicações no entanto raramente são dadas e dificilmente seriam aceitas. O homem que recorre a elas é alguém que deseja se eximir de responsabilidade.

Às vezes ouve-se dizer que um pacote de veneno perdeu seu poder porque foi guardado por muito tempo. Contudo, muitos negaram-me essa possibilidade, afirmando que a quebra de tabu, a bruxaria, ou alguma outra causa deve ser a responsável pela perda de força.

Diz-se ocasionalmente que os espíritos são os responsáveis. Afirma-se que, se um homem colhe veneno de oráculo no Congo e esquece de ofertar parte dele a seu pai como primícias, os espíritos podem corrompê-lo.

Finalmente qualquer veneno perderá seu poder com o uso. Em geral prepara-se para uma sessão mais veneno do que aquele que será usado nos testes. Ao final da sessão recolhe-se o que sobrou e guarda-se separadamente do não-usado. O veneno pode ser empregado ao menos duas vezes; se é de boa qualidade, até três ou quatro. Ocasionalmente prepara-se uma mistura de veneno fresco e usado. Finalmente sua força se esgota. Os Azande sabem quando isso acontece e dizem simplesmente: "Ele está esgotado", sem sugerir qualquer causa mística para a perda de potência.

Às vezes o veneno age de modo peculiar no interior da ave, e é preciso experiência para interpretar corretamente suas reações. Às vezes uma ave que parece ter sobrevivido ao ordálio morre mais tarde, quando está a correr no capim, ou mesmo depois que seu proprietário a levou de volta para casa. Nunca vi uma ave reviver depois de ter caído aparentemente sem vida no chão, mas disseram-me que isso ocasionalmente ocorre. De fato um dia ouvi Mbira gabando-se de ter interpelado uma galinha aparentemente morta há um bom tempo com tal veemência e bom senso que ela finalmente sobreviveu. Quando ocorrem essas coisas os jovens azande nem sempre sabem como interpretá-las, mas os homens mais velhos e experientes raramente se atrapalham em explicar o comportamento da ave. As pessoas só decidem realmente agir com base num veredicto do oráculo se este é dado sem ambigüidade.

Se uma ave agoniza devagar e então subitamente se recobra, isso significa que há alguma influência má pairando sobre o operador. "Sua condição é má." As aves podem morrer devagar, numa longa série de espasmos, como se o veneno estivesse indeciso quanto a matá-las, e isso provavelmente significa que há bruxaria tentando influenciar o oráculo.

O oráculo deve responder à pergunta por uma afirmativa ou por uma negativa, mas às vezes ele vê mais do que o que foi perguntado e quer fazer com que as pessoas saibam o que viu. Por exemplo, pode-se perguntar a ele se um homem será embruxado caso faça uma viagem, e o oráculo sabe que, embora ele não vá sofrer bruxaria, sua família será vítima dela durante a ausência do homem, ou ele próprio será atacado por feitiçaria. Ou pode-se perguntar se determinado homem ficará doente este mês, e o oráculo vê que, embora ele

vá estar bem-disposto este mês, ficará doente no seguinte. O oráculo tenta contar essas coisas às pessoas e ao mesmo tempo responder às perguntas feitas a ele.

5

Foi observado que os Azande agem experimentalmente dentro do quadro de suas noções místicas. Atuam como nós teríamos que agir se não tivéssemos meio de fazer análises químicas e fisiológicas e quiséssemos obter os mesmos resultados que eles. Assim que o veneno é trazido da floresta, ele é testado para se descobrir se algumas aves viverão e outras morrerão sob sua influência. Não seria razoável usar veneno sem primeiro ter verificado se todas as aves às quais ele é ministrado não morrem ou vivem, pois nesse caso o oráculo seria uma farsa. Cada sessão deve ser em si mesma experimentalmente consistente. Assim, se as três primeiras aves sobreviverem, os Azande ficarão apreensivos, suspeitando que o oráculo não esteja funcionando adequadamente. Mas se então a quarta ave morre, ficam satisfeitos. Dirão: "Você vê, o veneno é bom, ele poupou as três primeiras aves, mas matou esta." O comportamento zande, embora ritual, é consistente, e as razões apresentadas para esse comportamento, embora místicas, são intelectualmente coerentes.

Se suas noções místicas lhes permitissem generalizar as observações, os Azande perceberiam, como nós, que sua fé não tem fundamento. Eles mesmos fornecem a prova necessária. Dizem que às vezes testam um veneno novo ou velho que suspeitam ter sido corrompido fazendo-lhe perguntas bobas. Na lua cheia dão veneno a uma ave e dirigem-se a ele assim:

Oráculo de veneno, fale à galinha sobre estas duas lanças aqui. Como vou subir ao céu, se perfurarei a lua hoje com minhas lanças, mate a ave. Se não perfurarei a lua hoje, oráculo de veneno, poupe a ave.

Se o oráculo mata a ave eles sabem que está corrompido.

E ainda assim os Azande não vêem que seu oráculo não lhes diz nada! Sua cegueira não se deve à estupidez: eles raciocinam de modo excelente no idioma de suas crenças, mas não podem raciocinar fora ou contra suas crenças, porque não têm outro idioma em que expressar seus pensamentos.

O leitor naturalmente desejará saber o que dizem os Azande quando os fatos subsequêntes provam que as profecias do oráculo de veneno estavam erradas. Aqui novamente não se surpreendem com o resultado; ele não prova que o oráculo seja fútil. Prova, antes, quão bem fundadas são suas crenças na bruxaria, na feitiçaria e nos tabus. A contradição entre o que o oráculo disse

que aconteceria e o que realmente aconteceu é tão óbvia aos olhos dos zande como aos nossos, mas eles nunca, nem por um minuto, questionam a virtude do oráculo em geral; tentam apenas explicar a imprecisão desse veneno particular.

Além disso, mesmo que o oráculo não fosse desviado da trilha correta da profecia por meio de bruxaria ou magia negra, há outras razões às quais se atribuir seu fracasso. Pode ser que a aventura particular sobre cujo sucesso se estava consultando o oráculo não estivesse à época da consulta sob ameaça de bruxaria, mas que um bruxo tenha intervindo em algum momento posterior, entre a consulta e o começo do empreendimento.

Os Azande vêem tão bem quanto nós que o fracasso de seu oráculo em fazer profecias corretas pede uma explicação, mas estão de tal modo enredados em noções místicas que precisam recorrer a elas para explicar o fracasso. A contradição entre a experiência e uma noção mística é justificada por meio de outras noções místicas.

Normalmente há pouca chance de se provar que o oráculo errou, pois normalmente as perguntas que lhe são feitas não podem ser desafiadas pela experiência subsequente, já que o interrogador aceita o veredicto e não busca confirmá-lo pela experiência. Assim, se um homem perguntasse ao oráculo: "Se construir minha casa em tal ou qual lugar, morrerei lá?"; ou: "Se meu filho for apadrinhado por fulano nas cerimônias de circuncisão, ele morrerá?"; e se o oráculo respondesse "sim" a ambas as perguntas, ele não construiria sua casa no lugar nefasto nem permitiria que seu filho tivesse como padrinho o homem não-auspicioso. Conseqüentemente, nunca saberia o que teria acontecido se não tivesse seguido o conselho do oráculo. Do mesmo modo o veredicto do oráculo está em geral de acordo com o curso da natureza; assim, se um homem receber a resposta de que é seguro casar-se com determinada jovem porque ela não morrerá nos próximos anos, ou que ele garantirá sua colheita de eleusina se semeá-la em certo terreno no mato, seria pouco provável que o oráculo se mostrasse inverídico, já que as chances de morte da jovem ou de destruição da resistente eleusina são pequenas.

Além disso, apenas certos tipos de pergunta são regularmente feitas ao oráculo, perguntas relativas à bruxaria, doença, morte, viagens longas, luto e vingança, mudança de local de residência, longos empreendimentos agrícolas ou caçadas, e assim por diante. Não se pergunta ao oráculo de veneno sobre pequenos problemas ou coisas que envolvam precisão minuciosa com relação ao tempo. Não se fazem perguntas do tipo: "Matarei um antílope se for caçar amanhã?", e assim não se recebem instruções imediatas detalhadas que poderiam estar erradas, revelando a falsidade do oráculo.

De hábito os Azande não fazem perguntas cujas respostas possam ser facilmente comprovadas pela experiência; fazem apenas perguntas que envolvem a contingência. As respostas não podem ser testadas, ou, caso se revelem errôneas em vista dos acontecimentos subseqüentes, devem permitir a explicação do erro. Em último recurso, os erros sempre podem ser explicados por uma interferência mística. Mas não há necessidade de se supor que o zande esteja ciente de que evita colocar questões claras. Restringindo suas perguntas a certos tipos bem conhecidos, ele age conforme a tradição. Não lhe ocorre testar o oráculo experimentalmente, a não ser que tenha sérias suspeitas quanto a uma amostra particular de veneno.

Além disso devemos lembrar que o valor do oráculo está na sua habilidade em revelar o jogo de forças místicas. Quando os Azande indagam sobre saúde, casamento ou caça, eles estão buscando informação sobre o movimento das forças psíquicas que lhes podem causar dissabores. Não estão tentando simplesmente descobrir as condições objetivas num determinado momento do futuro, nem os resultados objetivos de determinada ação, mas a inclinação dos poderes místicos de que dependem tais condições e resultados. Então, quando o oráculo anuncia um horizonte sombrio para um homem, este fica contente de ter sido avisado, porque agora que conhece as disposições da bruxaria pode entrar em contato com ela e fazer com que o futuro lhe seja mais favorável.

Com seus oráculos um zande pode descobrir as forças místicas que pairam sobre um homem e o condenam antecipadamente; tendo-as descoberto, pode opor-se a elas ou alterar seus planos de modo a evitar o destino que lhe espera numa aventura particular. Assim, é evidente, as respostas que recebe não se referem em geral a acontecimentos objetivos, e portanto não podem ser facilmente contrárias à experiência.

No entanto, observei freqüentemente que os Azande, ao serem informados de que a doença os espreita, nem sequer tentam descobrir o nome do bruxo responsável e fazer com que este sopre água; apenas esperam alguns dias e então consultam novamente o oráculo, para descobrir se sua saúde será boa no mês seguinte, esperando que na época da segunda consulta a má influência que pairava sobre o futuro quando da primeira consulta não mais esteja atuante.

Disso deriva que o presente e o futuro não têm para os Azande exatamente o mesmo significado que para nós. É difícil formular o problema em nossa linguagem, mas pareceria, a partir do seu comportamento, que para eles o presente e o futuro sobrepõem-se de algum modo, como se o presente participasse do futuro. Assim, a saúde e a felicidade futuras de um homem depen-

dem de condições que já existem, que podem ser expostas pelo oráculo e alteradas. O futuro depende da disposição de forças místicas que podem ser enfrentadas aqui e agora. Além disso, quando os oráculos anunciam que alguém ficará doente, isto é, será embruxado num futuro próximo, sua "condição" já está portanto má, seu futuro já é parte dela. Os Azande não podem explicar essas questões, contentando-se em acreditar e atuar sobre elas.

Da mesma forma o oráculo é protegido por sua posição na ordem dos eventos. Quando um zande deseja executar um bruxo que matou um de seus parentes, ou um ladrão que lhe roubou algo, ele não pede ao oráculo para identificar o bruxo e o ladrão, para então fazer magia contra essa pessoa conhecida; ele primeiro faz magia contra um criminoso desconhecido, e quando morre alguém na vizinhança, pergunta ao oráculo se esta é a vítima de sua magia anterior.

Mas, apesar das muitas maneiras pelas quais a crença no oráculo de veneno se sustenta, poder-se-ia duvidar de que mantivesse seu prestígio numa comunidade democrática. No país zande seus veredictos têm uma sanção histórica pelo fato de que eram tradicionalmente sustentados pela plena autoridade do rei. As decisões do oráculo do rei eram finais. Se pudesse caber qualquer recurso contra elas dirigido aos oráculos privados, ocorreria uma confusão generalizada, já que todo mundo poderia produzir veredictos oraculares para apoiar seu próprio ponto de vista, e não haveria como decidir entre eles. Conseqüentemente, em disputas legais, a autoridade do oráculo de veneno era primeiramente a autoridade do rei, e isso por si só tenderia a evitar qualquer desafio sério à sua veracidade.

6

Há um problema final a ser discutido. Como disse em capítulos anteriores, cada situação exige um modelo particular de pensamento que lhe seja adequado. Assim, um indivíduo empregará numa dada situação uma noção que ele exclui em situação diferente. As muitas crenças que relatei aqui são como diferentes instrumentos de pensamento, e um zande seleciona aquelas que lhe são mais favoráveis. Ele não aceita prontamente um veredicto oracular que seja seriamente conflitante com seus interesses. Ninguém acha que o oráculo é um absurdo; mas todos acham que por alguma razão específica, neste caso particular, este veneno que se usou está errado. Os Azande são céticos apenas quanto a oráculos particulares, não quanto aos oráculos em geral, e seu ceticismo é sempre expresso num idioma místico que garante a validade do oráculo de veneno como instituição.

À parte os casos criminais, tampouco pode haver dúvida de que um homem se aproveite de cada brecha que o oráculo lhe permite para obter o que quer, ou para deixar de fazer o que não quer. Além disso ele usa a autoridade do oráculo para desculpar sua conduta ou para obrigar os outros a aceitá-la. O oráculo é muito útil, por exemplo, no caso em que a mulher de alguém deseja se ausentar de casa para visitar os pais. É difícil ao marido proibir a visita, mas se ele puder dizer que os oráculos não a aconselham a fazer isso, poderá tanto impedi-la como bloquear quaisquer objeções por parte dos parentes afins.

Nas condições reais de funcionamento do oráculo, os Azande gostam de receber uma previsão favorável no primeiro teste e de adiar o teste corroborativo que pode contradizê-lo pelo maior tempo possível. A tradição permite-lhes certa liberdade quanto à ordem em que dispõem suas perguntas ao oráculo e quanto ao número de doses administradas às aves. Há uma arte de interrogar o oráculo, pois como ele deve responder "sim" ou "não" a uma pergunta, um homem pode definir os termos da resposta afirmando-os na pergunta. Por meio de sutis interpretações das reações das aves ao veneno, sempre é possível qualificar as declarações dadas pelos oráculos ao matá-las ou poupá-las.

Em tudo isso os Azande não estão trapaceando. Para suas necessidades individuais em determinadas situações um homem lança mão das noções que mais favorecem seus desejos. Os Azande não podem ir além dos limites estabelecidos por sua cultura e inventar noções; mas, no interior desses limites, o comportamento humano não é rigidamente determinado pelo costume, e sempre se tem alguma liberdade de ação e de pensamento.

A bruxaria, os oráculos e a magia diante da morte

Estou ciente de que minha análise da magia zande sofre de uma certa falta de coordenação. O mesmo se aplica à magia zande. Os ritos mágicos não formam um sistema coerente, e não há nexos entre um rito e outro. Cada um é uma atividade isolada, de modo que eles todos não podem ser descritos de forma ordenada. Qualquer descrição parece necessariamente um tanto aleatória. Com efeito, ao considerá-los juntos, conferi-lhes uma unidade por abstração que não possuem na realidade.

Essa falta de coordenação entre os ritos mágicos contrasta com a coerência e interdependência generalizadas das crenças azande sobre outras coisas. As que descrevi neste livro são de difícil compreensão para os europeus. A bruxaria é uma noção tão estranha para nós que se torna muito difícil apreciarmos as convicções azande sobre sua realidade. Mas não podemos esquecer que tampouco é fácil para os Azande entenderem nossa ignorância e descrença sobre o assunto. Certa vez, ouvi um deles dizer de nós: "Talvez lá na terra deles as pessoas não sejam assassinadas por bruxos, mas aqui elas são."

Ao longo deste livro, sublinhei a coerência das crenças azande quando consideradas em conjunto e interpretadas em termos de situações e relações sociais. Tentei igualmente mostrar a plasticidade das crenças como uma função das situações em que são acionadas. Elas não são estruturas ideativas indivisíveis, mas associações frouxas de noções. Quando o pesquisador as aproxima todas, e apresenta-as como um sistema conceitual, as insuficiências e contradições tornam-se evidentes. Na vida real essas crenças não funcionam em bloco, mas atomizadas. Um indivíduo, diante de determinada situação, utiliza aquilo que lhe é mais conveniente dentre as diferentes crenças, e não presta atenção aos outros elementos, que usaria em outros contextos. Assim, um único acontecimento pode suscitar uma variedade de crenças diferentes e contraditórias em pessoas diferentes.

Espero ter persuadido o leitor de uma coisa — da consistência intelectual das noções azande. Elas só parecem inconsistentes se dispostas como se fossem objetos inertes de museu. Quando vemos como um indivíduo as emprega, podemos dizer que são místicas, mas nunca que são acionadas de forma ilógica ou acrítica. Não tive dificuldades em usar as noções azande como os

Azande o fazem; uma vez que se aprende o idioma, o resto é fácil, pois no país zande uma idéia mística segue outra de modo tão razoável quanto, em nossa própria sociedade, uma idéia do senso comum segue outra.

É em sua relação com a morte que a crença zande na bruxaria, nos oráculos e na magia se mostra mais coerente e inteligível para nós. Assim, embora eu tenha descrito rapidamente a interligação dessas categorias na situação da morte, penso que seria interessante realizar agora uma análise mais completa, pois é a morte que resolve o enigma das crenças místicas.

Não pretendo fazer uma descrição detalhada da vingança e dos costumes fúnebres azande; nem mesmo mencionei os elaborados ritos mágicos que levam a vingança a efeito. Farei apenas um rápido esboço do que ocorre desde o momento em que um homem cai doente até aquele em que sua morte é vingada.

É com a morte e sua premonição que os Azande associam mais freqüente e intensamente a bruxaria; e esta só implica retaliação no caso de morte. Igualmente, é em conexão com a morte que se presta mais atenção aos oráculos e ritos mágicos. A bruxaria, os oráculos e a magia alcançam sua mais alta significação e relevância — como prática e ideologia — diante da morte.

Quando um indivíduo adoece, seus parentes tomam dois tipos de providências. Em primeiro lugar, combatem a bruxaria, por meio dos oráculos, de advertências públicas, contatos com o bruxo, pela realização de magia, a remoção do doente para o mato e por meio das danças dos adivinhos. Em segundo lugar, combatem a doença com drogas, e, quando a doença é séria, requisitam os serviços de um curador que é também adivinho.

O doente é assistido por um curador até que se abandone toda esperança de salvação. Então seus parentes se reúnem e choram à sua volta. Logo que morre, pranteiam-no e põem luto; seus afins cavam o túmulo. Antes do enterro, os parentes tomam de um pedaço de entrecasca e limpam os lábios do morto, cortando-lhe em seguida um pedaço de unha. Essas substâncias são necessárias para a execução da magia de vingança. Às vezes acrescenta-se um pouco na terra da cova.

No dia seguinte ao do enterro, começa o procedimento da vingança. Os parentes mais velhos consultam o oráculo de veneno. Teoricamente devem perguntar primeiro se a morte foi causada por algum crime que o morto cometeu. Mas, na prática, exceto nas raras ocasiões em que os parentes sabem que ele cometeu adultério ou outro crime — e a parte ofendida fez magia letal —, essa etapa não é executada. Não que os Azande admitam tal omissão — eles dizem que, embora a pergunta não seja feita diretamente ao oráculo, está contida nas outras; pois o oráculo não garantiria a execução da vingança, a menos que o morto fosse inocente e uma vítima de bruxaria.

Na prática, portanto, a primeira pergunta ao oráculo é sobre quem deve ser a pessoa que atuará como vingador. Seus deveres são despachar a magia atrás do bruxo (isso sob a direção de um mágico que possua tal magia) e observar os penosos interditos que asseguram o sucesso da empresa. Se os parentes do morto querem ter realmente certeza de vingá-lo, insistem em colocar apenas nomes de adultos como candidatos ao cargo; mas em geral os homens mais velhos preferem evitar a ascese exigida e propõem o nome de um menino, que seja jovem o bastante para agüentar os tabus sexuais e velho o bastante para respeitar os tabus alimentares — e que tenha firmeza de caráter para respeitar a ambos. Assim, perguntam ao oráculo se a magia terá sucesso, caso seja tal rapaz o que vai observar os tabus. Se o oráculo se pronuncia negativamente, apresentam o nome de outro homem ou menino. Quando um nome é escolhido, pedem para saber se seu portador morrerá durante esse período — coisa que pode acontecer se ele quebrar um tabu, ou se o parente que desejam vingar tiver morrido em consequência de um crime que cometeu. Se o oráculo declara que o escolhido sobreviverá, então a vingança está garantida.

Os parentes pedem ao oráculo que designe um mágico capaz de fornecer a magia de vingança. Apresentam seu nome e perguntam se, caso a sua magia for usada, a vingança se realizará. Se o oráculo rejeita o nome, propõem outro.

Tendo escolhido um menino para observar os tabus, e um mágico para fornecer as drogas, passam a executar a vingança. Não descreverei os vários tipos de drogas utilizadas, nem os ritos que as enviam até o inimigo. Mas não se espera que as drogas ajam imediatamente. Com efeito, se alguém da vizinhança morre logo depois que se executaram os ritos, os parentes não supõem que tenha sido por causa da magia.

De tempos em tempos, os parentes do morto presenteiam o mágico com cerveja, para que este reanime as drogas; pois os Azande pensam que estas partem em sua missão e, se não encontram o culpado, retornam a seu esconderijo, devendo ser mandadas novamente à caça. Isso pode ocorrer muitas vezes, até que se consuma a vingança — talvez até dois anos depois da primeira magia, e quase sempre não antes de seis meses. Embora os tabus que garantem a eficácia das drogas só recaiam sobre um menino, todos os parentes próximos do morto e seu cônjuge devem respeitar certas proibições incômodas por vários motivos, e todos anseiam para que esse período se encerre. No entanto, tudo deve ser feito em ordem e sem pressa. De vez em quando consulta-se o oráculo de veneno para saber se as drogas estão sendo diligentes em sua caça e para assegurar o sucesso final.

No passado as drogas da vingança eram colocadas no túmulo do morto, mas diz-se que ali corriam o risco de serem removidas, mergulhadas num

pântano em que perdiam sua potência, ou estragadas pelo contato com alguma substância impura, como carne de elefante. Atualmente ainda se colocam algumas drogas no túmulo, mas outras são escondidas no mato (em geral em um oco de árvore), onde estão a salvo de contaminação por pessoas mal-intencionadas.

Vários meses depois morre alguém das vizinhanças. Vai-se então ao oráculo de veneno saber se aquela era a vítima da vingança. Em geral não se pergunta sobre pessoas que morreram em lugares muito distantes da residência daquele que está sendo vingado. Se o oráculo diz aos parentes que a magia ainda não matou, espera-se até que outro vizinho morra para fazer nova consulta. Por fim o oráculo declara que a morte de um homem dos arredores deveu-se à magia de vingança. Ele é portanto o culpado.

Os parentes do morto consultam então o oráculo para saber se o homem assassinado era o único bruxo ou se houve algum outro envolvido. Se houve um outro, esperam até que este também seja executado; mas se o oráculo lhes afirma que o homem que acaba de morrer era o único responsável, vão até o príncipe e lhe apresentam as asas da galinha que morreu na declaração oracular da culpa do bruxo. O príncipe consulta seu próprio oráculo de veneno, e se este afirmar que o oráculo dos súditos os enganou, terão que esperar por outras mortes na vizinhança, e procurar garantir que uma delas deveu-se à magia de vingança.

Quando o oráculo do príncipe concorda com o oráculo dos parentes do morto, a vingança está feita. As asas das aves que morreram são exibidas em sinal de vitória, junto com a roupa e a esteira do menino que observou os tabus, penduradas em uma árvore à beira de um caminho muito utilizado, como notificação pública de que a parentela cumpriu o seu dever.

O proprietário das drogas mágicas é solicitado a chamá-las de volta. Depois de receber seu pagamento, cozinha um antídoto para o menino que suportou os interditos, para os parentes do morto e para a viúva, e destrói a droga para que não cause nenhum mal. Os parentes próximos do morto podem então retomar sua vida normal.

Assim, a morte evoca a noção de bruxaria; os oráculos são consultados para determinar o curso da vingança; a magia é feita para executar essa vingança; os oráculos decidem se a magia executou a vingança; depois da tarefa cumprida, as drogas mágicas são destruídas.

Os Azande dizem que, no passado, antes que os europeus conquistassem sua pátria, os costumes eram outros. Os plebeus da província utilizavam os métodos que descrevi, mas os freqüentadores da corte não faziam magia. Se lhes morria um parente, consultavam o oráculo de veneno e apresentavam ao

príncipe o nome do bruxo acusado. Se o oráculo do príncipe confirmasse esse veredicto, tinham então direito a uma indenização, que consistia em uma mulher e 20 lanças pagas pelo bruxo assassino — ou o matavam. Naqueles tempos a morte evocava a noção de bruxaria, os oráculos denunciavam o bruxo e exigia-se uma indenização, ou executava-se a vingança.